

Universidade de Lisboa | Faculdade de Arquitectura



## REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE

Projecto de requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal

**Marina Charnock Barata** | *Licenciada*

Projecto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura,  
Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica

Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz

Juri

Presidente do Juri: Professor Doutor Luís Miguel Cotrim Mateus

Vogal: Professor Doutor João Cottinelli Telmo Pardal Monteiro

Lisboa, FAUL, Outubro 2017











## REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE

Projecto de requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal

**Marina Charnock Barata** | *Licenciada*

Projecto Final de Mestrado para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura,  
Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica

Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz

Juri

Presidente do Juri: Professor Doutor Luís Miguel Cotrim Mateus

Vogal: Professor Doutor João Cottinelli Telmo Pardal Monteiro

Lisboa, FAUL, Outubro 2017



## RESUMO

**Título** Na Lisboa de hoje, caracterizada por uma malha urbana consolidada, ainda pontuada por edifícios degradados, devolutos e vazios urbanos descaracterizados, constitui-se imperativo procurar desenvolver projectos que reintegrem estes lugares numa perspectiva de continuidade e respeito pela identidade do tecido em que se inserem.

**Aluna** Marina Charnock Barata

**Equipa de Orientação**

Professora Doutora Bárbara Massapina Vaz

Mestrado Integrado em Arquitectura, especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Neste sentido, o presente projecto trata a requalificação de um conjunto edificado descaracterizado na Rua Angelina Vidal. O tema “Requalificação aliada ao Detalhe” surge com o objectivo de entender como abordar a requalificação de um lugar num centro histórico e o papel que o detalhe construído e os materiais aplicados desempenham na correcta concretização da mesma. Concentramo-nos igualmente no estudo de conjuntos de edificado requalificados nos centros históricos de Lisboa e Coimbra, os quais reconhecemos exemplares.

Lisboa, FAUL  
Outubro 2017

Propõe-se a requalificação do conjunto edificado degradado e devoluto de passado habitacional em unidade hoteleira – compreendendo-o fulcral no serviço à crescente procura turística e população local. Situado numa envolvente próxima da proposta de unidade hoteleira, projectamos a requalificação de um vazio urbano descaracterizado, enquanto espaço verde/miradouro e parque de estacionamento subterrâneo – de apoio à unidade hoteleira proposta e população.

(178 palavras)

**Palavras-Chave:** Requalificação | Detalhe | Materialidade | Lisboa | Graça



## ABSTRACT

**Title** Lisbon is today a dense city which still has its share of derelict, uninhabited or empty buildings. It is imperative that projects for their  
Requalification and its Detail  
**Student** redevelopment seek to reintegrate them in the pursuit of continuity and  
Marina Charnock Barata respect for the identity of their local built environment.

**Advising-Team** Accordingly, this project proposes to requalify the degraded set of  
Professora Doutora Bárbara buildings in Rua Angelina Vidal. The theme - “Requalification and its Detail” –  
Massapina Vaz seeks to understand how to approach requalifying a building in an historical  
location and the role that built detail and the materials applied play in properly  
Master Degree in Architecture, pursuing this objective.  
Interiors and Built Rehabilitation

The proposal is for the requalification of a set of degraded, empty  
Lisbon, FAUL residential buildings with their redevelopment into an hotel, which is  
October 2017 considered as being essential in order to satisfy the demand arising from  
tourism in Graça and also in order to serve the local population. The proposal  
also includes the requalification of a degraded urban “hole”, a very deep  
empty space close to the hotel, with its redevelopment as an underground car  
park covered with a green landscaped area and belvedere, for use both by  
the hotel and the local population.

(187 words)

**Keywords:** Rehabilitation | Detail | Materials | Lisbon | Graça





## AGRADECIMENTOS

À minha família, pais e irmão, pela minha vida, valores e educação. Em especial à minha Mãe e ao meu irmão Rui pelo apoio e interesse, sempre incondicional e divertido.

À professora arquitecta Bárbara Massapina Vaz, um sincero obrigada pela oportunidade de trabalharmos juntas. Pela paciência, preocupação e atenção de professora e amiga. Pela confiança que depositou e boa disposição com que acompanhou o trabalho.

Ao João Maria, pela ajuda, incentivo e força constante, e pela sua crença na minha pessoa.

À Cristina Folgosa, pela apaixonante experiência de trabalho na Traço Livre Design.

Aos amigos, pela amizade e pela presença ao longo do meu percurso.

A todos os professores, pela minha formação académica.

Aos auxiliares da faculdade, em especial à Dona Helena da Biblioteca, à Dona Alda, ao Pedro e ao Luís do CIFA e à Dona Luísa, pelo apoio ao longo destes seis anos.



## ÍNDICE

I. RESUMO	III
II. ABSTRACT	V
III. AGRADECIMENTOS	VII
IV. ÍNDICE	IX
V. ÍNDICE DE FIGURAS	X
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>2. REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE</b>	<b>9</b>
<b>2.1 REQUALIFICAÇÃO URBANA</b>	<b>9</b>
2.1.1 Conceito e estratégias de intervenção	9
2.1.2 Intervir de forma contemporânea em centros históricos	13
<b>2.2 DETALHE</b>	<b>19</b>
2.2.1 O detalhe na contemporaneidade	19
2.2.2 Caso de Estudo – Hotel Inspira Santa Marta	39
<b>3. RUA ANGELINA VIDAL</b>	<b>47</b>
<b>3.1. LISBOA</b>	<b>47</b>
<b>3.1. GRAÇA</b>	<b>49</b>
3.1.1. Breve contexto histórico	49
3.1.2. Enquadramento	54
<b>3.2 RUA ANGELINA VIDAL</b>	<b>58</b>
<b>3.3 Nº 7 / 29 – O LUGAR DE INTERVENÇÃO</b>	<b>62</b>
<b>4. PROJECTO</b>	<b>67</b>
<b>4.1. PROGRAMA</b>	<b>67</b>
<b>4.2. PROPOSTA URBANA</b>	<b>68</b>
4.2.1 Jardim / Miradouro da “Favorita”	68
4.2.2 Proposta de Estacionamento Subterrâneo	70
4.2.3 Acessibilidade	71
<b>4.3. PROPOSTA ARQUITECTÓNIA</b>	<b>75</b>
4.3.1. Unidade Hoteleira – “Hotel da Graça”	75
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>83</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>87</b>
<b>7. ANEXOS</b>	<b>91</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>1. Ortofotomapa da zona de intervenção, Lisboa - Imagem elaborada pela autora</b> Fonte: Google Earth	3
<b>2. Ortofotomapa da zona de intervenção, Graça e Sapadores - Imagem elaborada pela autora</b> Fonte: Google Earth	3
<b>3. Ortofotomapa da zona de intervenção da proposta de arquitectónica, Rua Angelina Vidal - Imagem elaborada pela autora</b> Fonte: Google Earth	3
<b>4. Gallery Building 'Am Kupfergraben 10', Berlim, 2003-2007, de David Chipperfield.</b> Vista geral e enquadramento com as pré-existências e pormenor das relações entre alinhamentos. Fonte: <a href="https://davidchipperfield.com/project/am_kupfergraben_10">https://davidchipperfield.com/project/am_kupfergraben_10</a>	13
<b>5. Reabilitação do Palácio da Cidadela em Cascais, alçado poente, antes e após a intervenção.</b> Fonte: <a href="http://museu.presidencia.pt/item_images/201412_dstq_depd_lrg.jpg">http://museu.presidencia.pt/item_images/201412_dstq_depd_lrg.jpg</a>	14
<b>6. Projecto de requalificação para San Michele, Borgo Pisa de Massimo Carmassi, antes e com a proposta.</b> Fonte: <a href="https://i.pinimg.com/736x/1f/36/7c/1f367c9aaccaec3595266878871ceb32--massimo-carmassi-san-michele.jpg">https://i.pinimg.com/736x/1f/36/7c/1f367c9aaccaec3595266878871ceb32--massimo-carmassi-san-michele.jpg</a>	15
<b>7. Obra construída, 2002, alçados do pátio exterior central e vista do interior.</b> Fonte: <a href="https://i.pinimg.com/originals/1b/b1/c2/1bb1c244111c86c2604443fecc3a31b.jpg">https://i.pinimg.com/originals/1b/b1/c2/1bb1c244111c86c2604443fecc3a31b.jpg</a>	15
<b>8. Reabilitação do Museu de Berlim de David Chipperfield - Alçado principal e maqueta do pormenor da essencialização da fachada e dos vãos.</b> Fonte: <a href="https://viajando.expedia.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Berlin_Neues_Museum_001_foto-wikipedia.jpg">https://viajando.expedia.com.br/wp-content/uploads/2016/09/Berlin_Neues_Museum_001_foto-wikipedia.jpg</a>	16
<b>9. Planta e Corte ilustrativos do projecto de extensão.</b> Fonte: <a href="https://i.pinimg.com/236x/38/4b/4c/384b4cf34b768141b13438a4b8befe67--gunnar-gothenburg.jpg">https://i.pinimg.com/236x/38/4b/4c/384b4cf34b768141b13438a4b8befe67--gunnar-gothenburg.jpg</a>	17
<b>10. Extensão do Townhall de Gothenburg, de Erik Gunnar Asplund 1937. Alçado principal, alçado do pátio interior, vistas interiores.</b> Fonte: <a href="https://i.pinimg.com/originals/49/6b/ea/496beaf21a318856375879c4284ab1fd.jpg">https://i.pinimg.com/originals/49/6b/ea/496beaf21a318856375879c4284ab1fd.jpg</a>	17

<b>11. Projecto Casa da Lapa, Ana Costa - Arquitectura e Design. Vista do pátio exterior comum e vista interior de uma sala.</b>	
Fonte: <a href="http://www.anacosta.pt/cms/upload/005_2.jpg">http://www.anacosta.pt/cms/upload/005_2.jpg</a>	20
<b>12. Terraços de Bragança, Rua do Alecrim, Lisboa, de Siza Vieira. Alçados da frente de rua do Alecrim.</b>	
Fonte: <a href="https://i.pinimg.com/736x/46/b0/73/46b07342abf66680035baffb962b84b3.jpg">https://i.pinimg.com/736x/46/b0/73/46b07342abf66680035baffb962b84b3.jpg</a>	23
<b>13. Terraços das Olarias, Lisboa, DSNJ. Alçados posteriores reabilitados e novos.</b>	
Fonte: <a href="https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias">https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias</a>	23
<b>14. Reabilitação do Colégio Trindade, Coimbra, de Aires Mateus. Alçado principal e vista de um dos pátios interiores.</b>	
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus">https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus</a>	23
<b>15. Terraços de Bragança. Detalhe – Coberturas: planas e verdes.</b>	24
<b>16. Terraços das Olarias. Detalhe – Coberturas: coberturade águas em telha e zinco.</b>	
Fonte: <a href="https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias">https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias</a>	24
<b>17. Colégio Trindade. Detalhe – Cobertura: de águas em pedra.</b>	
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus">https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus</a>	24
<b>18. Colégio Trindade. Detalhe – Paredes: paredes, pavimento e acessos.</b>	
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus">https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus</a>	26
<b>19. Terraços das Olarias. Detalhe - Paredes: acessos verticais.</b>	
Fonte: <a href="https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias">https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias</a>	26
<b>20. (direita) Detalhe - Paredes: acesso exterior.</b>	
Fonte: <a href="https://i.pinimg.com/originals/a2/a8/97/a2a897e1e1e4b6dffa357e6838995d7f.jpg">https://i.pinimg.com/originals/a2/a8/97/a2a897e1e1e4b6dffa357e6838995d7f.jpg</a>	29
<b>21. Detalhe - Paredes: acessos exterior de contato com a muralha.</b>	
Fonte: <a href="https://i.pinimg.com/originals/a2/a8/97/a2a897e1e1e4b6dffa357e6838995d7f.jpg">https://i.pinimg.com/originals/a2/a8/97/a2a897e1e1e4b6dffa357e6838995d7f.jpg</a>	29
<b>22. (direita) Detahe - Paredes: pardes, pavimento e lareira.</b>	
Fonte: <a href="http://www.habitarportugal.org/imagens/projectos/proj_58c82696e4b2c_191_7.jpg">http://www.habitarportugal.org/imagens/projectos/proj_58c82696e4b2c_191_7.jpg</a>	29
<b>23. Detalhe – Paredes: paredes e pavimento da cozinha.</b>	
Fonte: <a href="http://www.habitarportugal.org/imagens/projectos/proj_58c82696e4b2c_191_7.jpg">http://www.habitarportugal.org/imagens/projectos/proj_58c82696e4b2c_191_7.jpg</a>	29
<b>24. Terraços de Bragança. Detalhe – Paredes: acessos; paredes e pavimento.</b>	
Fonte: <a href="http://www.habitarportugal.org/imagens/projectos/proj_58c8266d98eb6_191_6.jpg">http://www.habitarportugal.org/imagens/projectos/proj_58c8266d98eb6_191_6.jpg</a>	29
<b>25. Terraços de Bragança. Detalhe - Vãos: janelas e guardas alçado Rua do Alecrim.</b>	

Fonte: <a href="https://i.pinimg.com/originals/b1/22/bc/b122bcc43d756eef5bfc0507da0a83d4.jpg">https://i.pinimg.com/originals/b1/22/bc/b122bcc43d756eef5bfc0507da0a83d4.jpg</a> .	30
<b>26. Terraços das Olarias. Detalhe - Vãos: janelas, portas e guardas.</b>	
Fonte: <a href="https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias">https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias</a>	30
<b>27. Colégio Trindade. Detalhe - Vãos: janelas.</b>	
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus">https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus</a>	30
<b>28. Terraços de Bragança. Detalhe - Vãos: guardas alçado Rua do Alecrim.</b>	
Fonte: <a href="http://flickrriver.com/photos/tags/terra%C3%A7osdebragan%C3%A7a/interesting/">http://flickrriver.com/photos/tags/terra%C3%A7osdebragan%C3%A7a/interesting/</a>	32
<b>29. Terraços das Olarias. Detalhe - Vãos: janelas, portas e guardas.</b>	
Fonte: <a href="https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias">https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias</a>	32
<b>30. Colégio Trindade. Detalhe - Vãos: janelas.</b>	
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus">https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus</a>	32
<b>31. Pormenor das guardas da frente da Rua do Alecrim.</b>	
Fonte: <a href="https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/90/Terra%C3%A7os_de_Bragan%C3%A7a._%286086420473%29.jpg">https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/90/Terra%C3%A7os_de_Bragan%C3%A7a._%286086420473%29.jpg</a>	34
<b>32. Desenho técnico de pormenor das portadas</b>	
Fonte: <a href="https://www.karl-kraemer.info/modules/shop/extrfiles/zusatzbuch/120020_Leseprobe.pdf">https://www.karl-kraemer.info/modules/shop/extrfiles/zusatzbuch/120020_Leseprobe.pdf</a>	35
<b>33. Terraços de Bragança. Detalhe - Vãos: portas e pormenores de ferragens.</b>	
Fonte: <a href="http://static.publico.pt/files/revista2/2013-08-25/siza/siza_10.jpg">http://static.publico.pt/files/revista2/2013-08-25/siza/siza_10.jpg</a>	35
<b>34. Terraços das Olarias. Detalhe - Vãos: portas e portadas.</b>	
Fonte: <a href="https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias">https://www.dnsjarq.com/terracos-das-olarias</a>	35
<b>35. Colégio Trindade. Detalhe - Vãos: portas exterior e interiores.</b>	
Fonte: <a href="https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus">https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus</a>	35
<b>36. Ortofotomapa de localização do Hotel Inspira Santa Marta, Lisboa - Imagem elaborada pela autora.</b>	
Fonte: Google Earth	39
<b>37. Planta Piso Térreo.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	41
<b>38. Planta Piso 1.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	41

<b>39. Planta Piso 2.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	41
<b>40. Planta Piso 3.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	41
<b>41. Corte Longitudinal do Hotel.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	41
<b>42. (direita) Alçados das Travessas de Santa Marta e do despacho. Detalhe - Fachada.</b>	
Fonte: <a href="https://www.publitis.pt/wp-content/uploads/2012/10/Inspira-Santa-Marta-Hotel-221.jpg">https://www.publitis.pt/wp-content/uploads/2012/10/Inspira-Santa-Marta-Hotel-221.jpg</a>	42
<b>43. Alçado da frente de Rua de Santa Marta e alçado da Travessa de Santa Marta. Entreda principal do Hotel. Detalhe – Fachada.</b>	
Fonte: Gomes, Marta Garcia Teixeira (2011) Reconversão de Edifícios Habitacionais em Lisboa. Instituto Superior Técnico	42
<b>44. (esquerda) Átrio central e gabinete de Spa. Detlahe - Paredes: pardes e pavimento.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	43
<b>45. Pormenor construtivo do átrio central - parede reverstida a madeira.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	43
<b>46. Fachada do palácio reabilitada. Detalhe - Vãos: janelas e portas.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	44
<b>47. Fachada contemporânea. Detalhe - Vãos: janela, porta e guarda.</b>	
Fonte: <a href="http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel">http://www.promontorio.net/projects/Inspira-Santa-Marta-Hotel</a>	44
<b>48. Planta de Lisboa - Cadiz, 1801, de Rene Bougard e John Thomas Serres.</b>	
Fonte: <a href="https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~283657~90056173:Lisbon--Cadiz?sort=Pub_List_No_InitialSort%2CPub_Date%2CPub_List_No%2CSeries_No&amp;qvq=w4s:/where%2FLisbon%2B(Portugal);sort:Pub_List_No_InitialSort%2CPub_Date%2CPub_List_No%2CSeries_No;lc:RUMSEY~8~1&amp;mi=4&amp;trs=12">https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~283657~90056173:Lisbon--Cadiz?sort=Pub_List_No_InitialSort%2CPub_Date%2CPub_List_No%2CSeries_No&amp;qvq=w4s:/where%2FLisbon%2B(Portugal);sort:Pub_List_No_InitialSort%2CPub_Date%2CPub_List_No%2CSeries_No;lc:RUMSEY~8~1&amp;mi=4&amp;trs=12</a>	46
<b>49. Vista de Lisboa, 1514 (séc. XVI).</b>	
Fonte: CIAUD	48
<b>50. Vista de Lisboa, que demonstra os campos abertos da colina da Graça e S. Gens.</b>	
Fonte: <a href="http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=395548&amp;langid=5">http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=395548&amp;langid=5</a>	51

<b>51. ( esquerda) Vila Berta.</b>	52
<b>52. ( direita) Vila Estrela de Ouro.</b>	52
<b>53. Cronologia Histórica. Da esquerda para a direita: 1812, 1856-58, 1970-83, 2017.</b>	
<b>54. Carta de Tipo de Solos, PDM Relatorio_sintese_Caracterizacao_Biofisica -</b> 17.11.2016	54
<b>55. Cortes que permitem visualizar o declive da Graça..</b>	
Fonte: Lourenço, Nuno; Salgado, Manuel (1995) Atlas Urbanístico de Lisboa, pg. 127	54
<b>56. Vista da subida da rua, com o histórico eléctrico nº28.</b>	
Imagem capturada pela autora	58
<b>57. Vista da rua a partir do balcão o nº23.</b>	
Fonte: Lúcia Lăpușneanu e Rosa Oliveira.	58
<b>58. Vista do topo da Rua Angelina Vidal.</b>	
Imagem capturada pela autora	58
<b>59. Início da rua, no cruzamento com as ruas do Forno do Tijolo e Maria da Fonte.</b>	
Imagem capturada pela autora	58
<b>60. Fotografia da Rua Angelina Vidal, nº 9 a 17.</b>	
Fonte: Pozal, Fernando Martinez 1899 – 1971.	62
<b>61. Fotografia da Rua Angelina Vidal nº 23 a 29.</b>	
Fonte: Goulart, João Hermes Cordeiro 1969.	62
<b>62. Fotografias do edifício nº23, e detalhe azulejar do friso, de Saporiti, Teresa, 1937-</b> Almeida, Ana Lopes de, 1938	
Fonte: <a href="http://digitale.gulbenkian.pt/cdm/compoundobject/collection/lis/id/1724/rec/2">http://digitale.gulbenkian.pt/cdm/compoundobject/collection/lis/id/1724/rec/2</a>	62
<b>63. (esquerda superior) Vista do conjunto sobre Lisboa.</b>	
Fonte: Fotografia das alunas Lúcia Lăpușneanu e Rosa Oliveira, do 5ºAno da turma A do curso MIINT, da FA-ULisboa. Ano lectivo 2015-16.	64
<b>64. Vista do conjunto a intervir, no topo da rua.</b>	
Imagem capturada pela autora	64
<b>65. (esquerda inferior) Interior do edifício nº23.</b>	
Fonte: Fotografia de Lúcia Lăpușneanu e Rosa Oliveira, do 5ºAno da turma A do curso MIINT, da FA-ULisboa. Ano lectivo 2015-16.	64
<b>66. Fachada do edifício nº 23 vista da cobertura dos nº 25-29.</b>	
Fonte: Fotografia das alunas Lúcia Lăpușneanu e Rosa Oliveira, do 5ºAno da turma A do curso MIINT, da FA-ULisboa. Ano lectivo 2015-16.	64
<b>67. Vista do vazio urbano.</b>	



Imagem capturada pela autora, 2016.	68
<b>68.</b> Croquis de ideia para a requalificação do vazio enquanto espaço verde, esboço de processo.	69
<b>69.</b> Portão da antiga fábrica de chocolates da Favorita.	
Imagem capturada pela autora, 2016.	70
<b>70.</b> Lacuna na Rua da Penha de França, nº9 a 11.	
Imagem capturada pela autora, 2016.	70
<b>71.</b> Fotomontagem do conjunto edificado.	
Fonte: Trabalho de grupo das alunas: Ana Moreira, Carolina Almeida, Lúcia Lăpuşneanu e Rosa Oliveira , do 5ºAno da turma A do curso MIINT, da FA-ULisboa. Ano lectivo 2015-16.	75
<b>72.</b> Croquis do lounge multifuncional do Piso Térreo	
Desenho elaborado pela autora	77
<b>73.</b> Croquis de ideia para o espaço de restauração	
Desenho elaborado pela autora	78
<b>74.</b> Croquis de ideia para alçado ponte	
Desenho elaborado pela autora	81
<b>75.</b> 1650 - Primeiro levantamento e planta topográfica de Lisboa, por João Nunes Tinoco	
Fonte: CIAUD	100



# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 INTRODUÇÃO DO TEMA

O presente trabalho decorre no seguimento do projecto elaborado no âmbito da cadeira de Laboratório de Projecto VI do nono semestre curricular. O lugar de intervenção situa-se num espaço intersticial entre a Rua Angelina Vidal e a Rua da Graça, Graça, Lisboa.

Pretende-se a requalificação de um lugar em ruína com um conjunto edificado devoluto, caracterizado por um passado habitacional, que constrói uma fronteira entre a rua habitada (Rua Angelina Vidal), o declive acentuado que lhe é perpendicular, e consequente paisagem sobre a cidade.

Propõe-se a criação de um Hotel, procurando renovar e reabilitar o lugar e o conjunto arquitectónico. Pretende-se que o Hotel reúna espaços para repouso, lazer, eventos e restauração pública/privada. Propõe-se igualmente requalificar um vazio urbano enquanto espaço verde público com um parque de estacionamento público que lhe será subterrâneo e renovar um dos acessos ao Mercado de Sapadores, por forma a melhorar a sua acessibilidade.

Para além deste primeiro objectivo, analisa-se a abordagem que se compreende mais pertinente à reabilitação de um lugar como o proposto. A seguir, reflecte-se sobre o papel do detalhe construído e materiais aplicados na requalificação, e o consequente diálogo entre o edificado pré-existente e a proposta contemporânea, em que o propósito é o de criar um ambiente arquitectónico harmonioso entre o existente e o proposto.

## 1.2 OBJECTIVOS

A proposta tem por objectivo principal requalificar o coroamento da Rua Angelina Vidal através de um programa de Hotel.

Estabelecida esta premissa listam-se os seguintes objectivos de trabalho:

- Reintegrar o lote e conjunto arquitectónico no tecido da cidade histórica consolidada, respeitando as suas pré-existências;
- Propor um Hotel que ajude a desenvolver e acrescentar à diversidade urbana da zona da Graça;
- Ambiciona-se que o Hotel seja reconhecido como um ponto de qualidade e como resposta a um público-alvo que procura um lugar de permanência de características particulares em lugares históricos da cidade;
- Dotar o bairro da Graça, o percurso dos miradouros da histórica linha de feito e o percurso do eléctrico nº 28, de uma unidade hoteleira participante no contacto com a população e dinâmica do bairro/cidade;
- Complementar o percurso existente entre os miradouros Penha de França, Monte Agudo, Senhora do Monte, Sophia de Mello Breyner, e Castelo de S. Jorge, com um novo miradouro igualmente requalificado como espaço verde;
- Privilegiar a acessibilidade pedonal ao Mercado de Sapadores e comércio de rua, da Rua da Penha de França.
- Reflectir sobre uma abordagem de intervenção apropriada à requalificação do conjunto em ruína, por forma a criar uma harmonia entre o edificado pré-existente e a intervenção contemporânea;
- Aliar aos espaços de permanência do hotel, os serviços de restauração, centro de bem-estar, e espaços de cariz polivalente (para eventos).
- Conferir aos espaços as características de conforto, atmosferas aprazíveis e uma capacidade de diálogo entre o espaço e o ser humano;

- Tirar partido das materialidades locais, memória material, e desenho de elementos de arquitectura que se encontram na Graça, e sua aplicação no projecto.

1. Ortofotomapa da zona de intervenção, Lisboa - Imagem elaborada pela autora



2. Ortofotomapa da zona de intervenção, Graça e Sapadores - Imagem elaborada pela autora



3. Ortofotomapa da zona de intervenção da proposta de arquitectura, Rua Angelina Vidal - Imagem elaborada pela autora



### 1.3 ESTRUTURA

O presente documento serve de suporte ao projecto e estrutura-se em cinco capítulos.

O primeiro capítulo “*Introdução*” centra-se na introdução ao tema do trabalho: “*Requalificação aliada ao Detalhe – Projecto de requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal*”, na estipulação dos objectivos orientadores do trabalho; e por último numa compreensão da estrutura e metodologia que acompanharam a abordagem do trabalho.

O segundo capítulo debruça-se sobre a investigação dos conceitos de “Requalificação” e “Detalhe” aplicados ao edificado inserido no centro histórico das cidades. Esta investigação respeita as seguintes questões de partida:

- Quais as invariantes no pensamento teórico do conceito de requalificação pertinentes no contexto do lugar de intervenção?
- O que se compreende por detalhe arquitectónico numa proposta de arquitectura contemporânea?
- De que forma deve ser feita a abordagem ao desenho dos elementos arquitectónicos e seu detalhe, por forma a conferir um diálogo harmonioso entre o edificado existente em centros históricos e o novo?

Acompanhando a investigação dos conceitos de Requalificação e Detalhe, apresentam-se dois casos de estudo de referência à proposta de trabalho. Sobre o conceito de Requalificação, apresenta-se o caso do Forte da Cidadela, em Cascais, de autoria de uma colaboração entre vários arquitectos; e sobre o conceito de Detalhe, apresenta-se o caso dos Terraços de Bragança, na Rua do Alecrim, Lisboa, do arquitecto Álvaro Siza Vieira.

Em seguida fechamos este capítulo com as considerações finais que lhe correspondem.

O terceiro capítulo trata a contextualização histórica e morfológica de Lisboa e da Graça, reflectindo em particular sobre o edificado em ruína que se pretende reabilitar no coroamento da Rua Angelina Vidal.

O penúltimo e quarto capítulo aborda o projecto propriamente dito: *“Projecto de requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal”*. O presente capítulo encontra-se dividido em duas partes, nas quais se trata a memória descritiva da proposta urbana e a proposta arquitectónica *“Hotel da Graça”*. Trata-se de uma proposta que no seu todo apresenta uma resposta à crescente procura turística na zona da Graça, aliando espaços que podem ser partilhados com a cidade, conseguindo assim uma dinâmica entre hotel – Graça – população turística e residente e uma eventual oportunidade para gerar mais receita para o lugar da Graça.

Termina-se o documento com as considerações finais, seguidas pela bibliografia correspondente e anexos do trabalho.

## 1.4 METODOLOGIA

O método de abordagem a este trabalho procurou o desenvolvimento de um processo simultâneo entre as fases que estruturam a componente prática, relacionada com o projecto de arquitectura, e a pesquisa inerente à investigação teórica sobre os temas e conceitos de estudo.

Dá-se início ao trabalho com visitas ao lugar por forma a realizar o reconhecimento sensorial e físico do terreno de estudo, onde se efectua a recolha de registos fotográficos, medições e inquéritos à população.

Numa segunda fase recorre-se ao Arquivo Municipal de Lisboa da CML e procede-se à recolha de elementos relativos ao local de intervenção: fotografias, cartografias, levantamentos urbanos da cidade de Lisboa a partir do séc. XVIII, e textos e elementos bibliográficos de variados autores. Estes permitem o reconhecimento das dinâmicas de crescimento e expansão do tecido urbano e da própria Rua Angelina Vidal.

Numa terceira fase com base na informação recolhida dos elementos acima referidos procede-se a uma análise SWOT procurando reconhecer as características do lugar associadas a esta análise com intuito de auxiliar a elaboração do programa proposto.

Segue-se a elaboração dos desenhos técnicos do contexto actual do lugar e, estabelecidas as bases concentra-se na concepção e proposta de requalificação.

O processo da proposta é acompanhado por uma pesquisa relativa aos conceitos teóricos com o objectivo de fundamentar uma reflexão teórica e o projecto em si.







## 2. REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE

Para o desenvolvimento e interpretação do trabalho tendo em conta o lugar que aqui nos propomos a intervir, estruturamos os nossos conhecimentos nos conceitos de Requalificação Urbana e Detalhe. Sendo intrínsecas ao conceito da Requalificação Urbana estudamos as estratégias de Renovação Urbana e Reabilitação, e a correspondente forma contemporânea de intervenção em centros históricos.

Sobre o Detalhe debruçamo-nos sobre o estudo do seu conceito na contemporaneidade e o seu papel no diálogo entre o existente e o novo.

Abordando os conceitos e estratégias acima descritos, formulamos uma base para desenvolver uma estratégia de intervenção na Rua Angelina Vidal e na sua envolvente próxima.

### 2.1 REQUALIFICAÇÃO URBANA

*“Function creates form, but what is to be done with the form once the function has disappeared? Can the existing form accommodate the new function?”<sup>1</sup>*

#### 2.1.1 Conceito e estratégias de intervenção

Por definição o conceito de “Requalificação Urbana” entende-se como um processo de intervenção, desenvolvido de forma integrada, num espaço urbano que se testemunha em processo de declínio (MOREIRA, 2007: 120), visando uma qualificação do edificado público-privado e espaço público. Este processo tem por objectivo capacitar o sentido de permanência das populações, “através de múltiplas acções e medidas, que vão da infra-estruturação à valorização da imagem interna e externa, passando pela provisão dos adequados serviços (...). A estratégia deve levar a acções que permitam descobrir e qualificar a alma dos lugares, pela nossa memória, pela vivência, pelo património - o que se herdou e importa valorizar, como também

---

<sup>1</sup> ROBERT, Philippe, Reconversions Adaptations: New Uses for Old buildings, 1989, pg. 9

o que se deve construir no espírito do tempo (CEDRU, 1990: 5).”<sup>2</sup> Compreende uma série de estratégias entre as quais a reabilitação urbana e reabilitação do edificado, a revitalização, recuperação e renovação urbana. Destes, sublinhamos os conceitos de renovação urbana e reabilitação – relativos à proposta que aqui se defende.

O termo de requalificação urbana é recente em Portugal, tendo originado no final dos anos 80 do século XX. Como nos informa Moreira, nas publicações de índole urbanística até 1998, usavam-se os termos “revitalização”, “reabilitação”, ou “recuperação” para se referirem à “requalificação” – uma vez que este termo estava associado à qualidade urbana ligada a questões económico-ecológicas e socioculturais. (MOREIRA, 2007: 117).

## Renovação Urbana

Relativo ao conceito de Renovação Urbana, que conforme apresentamos se trata de uma estratégia de Requalificação Urbana, AGUIAR e MOREIRA esclarecem a sua definição e acção sobre um lugar na cidade.

Segundo AGUIAR, o conceito e estratégia de “Renovação Urbana” implica a “demolição das estruturas morfológicas e tipológicas existentes numa área urbana degradada e a sua consequente substituição por um novo padrão urbano, com novas edificações” (construídas seguindo tipologias arquitectónicas contemporâneas), “atribuindo uma nova estrutura funcional a essa área.”<sup>3</sup> MOREIRA acrescenta que esta é uma estratégia que se vai aplicar sobre tecidos urbanos degradados aos quais “não se reconhece valor como património arquitectónico ou conjunto urbano a preservar, com deficientes condições de habitabilidade, de salubridade, de estética ou de segurança, implicando a substituição dos edifícios existentes.”<sup>4</sup>

“Este conceito pode abranger acções de reabilitação, e é por vezes confundido com o conceito de reabilitação, o qual, no entanto supõe o

---

<sup>2</sup> MOREIRA, Graça. *Requalificação Urbana – Alguns Conceitos Básicos*. FAL, 2007, pg. 118

<sup>3</sup> AGUIAR, José; CABRITA, António Reis; APPELTON, João. *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais: Volume I*, ed. LNEC, Lisboa. 1998, a.i. 4

<sup>4</sup> MOREIRA, Graça. *Requalificação Urbana – Alguns Conceitos Básicos*. FAL, 2007, pg.120

respeito pelo carácter arquitectónico dos edifícios em questão (DGOTDU, 1998).”<sup>5</sup> – enquanto a renovação de um lugar está relacionada com a necessidade de promover as alterações físicas e funcionais do mesmo.

### Reabilitação

Dentro do conceito de reabilitação, existem (entre vários) os conceitos de reabilitação urbana e a reabilitação de um edifício. Por reabilitação urbana entendemos um conjunto de operações associados a uma área urbana em particular onde se intervém no todo ou em parte substancial. Enquanto por reabilitação de um edifício entende-se um conjunto de operações particulares a um edifício. Uma vez que a proposta que defendemos trata a reabilitação de um edifício pertencente a um centro histórico, estudamos a definição deste conceito de reabilitação e a sua génese.

MOREIRA argumenta que a boa reabilitação defende como princípio central “o carácter arquitectónico dos edifícios.”<sup>6</sup> Trata-se de um conjunto de operações que visa a recuperação e aumento dos níveis de qualidade do edificado, tornando-o apto para o seu uso actual (LNEC, 1990: 4-5) (AGUIAR, 1998, a.i. 4) – seja ele de diferente uso funcional ou não.

O objectivo principal centra-se na resolução das deficiências físicas e as anomalias construtivas, ambientais e funcionais, consequentes dos anos de inapropriada manutenção, procurando ao mesmo tempo uma modernização e uma beneficiação geral do imóvel – actualizando as suas instalações, equipamentos e a organização dos espaços existentes (AGUIAR, 1998, a.i. 2) – procurando-se um funcionamento globalmente mais harmonioso e sustentável (CML, 2011: 7).

“Durante muitos anos, a ideia de reabilitação esteve estreitamente associada à recuperação do património arquitectónico de carácter monumental, dirigindo-se os esforços para a intervenção em construções singulares de elevado valor simbólico e/ou artístico.”

Passando pelos “princípios higienistas, passando pelos patriotismos exacerbados ou pelo conservadorismo mais puro, a visão de hoje é bastante

---

<sup>5</sup> Idem, pg. 119

<sup>6</sup> Idem, pg.118

mais complexa, não se limitando à intervenção no edificado ou no espaço público”.<sup>7</sup>

“Nas últimas décadas veio a consolidar-se a convicção de que a reabilitação urbana, dirigida às zonas “comuns” de cidade e vilas, abrangendo os edifícios, mesmo modestos, mas também as ruas, os largos, os quarteirões e as praças, constitui uma actividade de enorme relevância (...) ajudando a definir o que pode chamar-se o espírito do lugar.”<sup>8</sup>

Desde há mais de duas décadas que se concentra em Lisboa um número significativo de intervenções e uma grande diversidade das mesmas que em conjunto tornaram a capital o mais interessante caso de estudo (Arquitectura Ibérica, 2007: 5) e por isso justifica-se que lhe dediquemos, no presente trabalho, uma atenção particular no panorama da requalificação e reabilitação arquitectónica nacional, tendo em conta que a presente proposta de trabalho se situa na cidade de Lisboa.

---

<sup>7</sup> CML, *Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa 2011-2024*, 2011, pg. 41

<sup>8</sup> APPLETON, João. 2007, *Arquitectura Ibérica, Nº19 Reabilitação*, Caleidoscópio, Portugal, pg. 5

### 2.1.2 Intervir de forma contemporânea em centros históricos

Neste subcapítulo concentramo-nos sobre um conjunto de princípios de intervenção, que entendemos pertinentes na integração harmoniosa de projectos de requalificação contemporânea em centros históricos. São eles:

- 1) Identidade do Lugar e sua importância no projecto de requalificação;
- 2) A defesa da Autenticidade da proposta contemporânea;
- 3) A Reinterpretação e Essencialização da forma na distinção e integração coerente da proposta.

#### Identidade Do Lugar



4. Gallery Building 'Am Kupfergraben 10', Berlim, 2003-2007, de David Chipperfield. Vista geral e enquadramento com as pré-existências e pormenor das relações entre alinhamentos.

Segundo a definição proposta pela Carta de Cracóvia, 2000, por “identidade” entende-se a referência colectiva que engloba os valores actuais de uma comunidade, e os valores autênticos do passado (CARTA DE CRACÓVIA, 2000).

Numa primeira abordagem ao lugar, o reconhecimento dos valores culturais vai permitir verificar a sua identidade. O processo de identificação destes valores integra a recolha de informações e a compreensão do lugar, através do “estudo dos materiais tradicionais, ou novos, o estudo estrutural, análises gráficas e dimensionais e a identificação dos significados histórico, artístico e sociocultural.”<sup>9</sup>

A compreensão da identidade do lugar e os seus edifícios será o primeiro passo para uma apropriada intervenção num centro histórico. O seu conhecimento garante “uma base segura e sólida sobre a qual apoiar novas ideias e pesquisas, experimentações e invenções, experiências e tentativas.”<sup>10</sup> Esta intervenção deverá sempre procurar um respeito e equilíbrio justo entre consolidação e inovação (SIZA VIEIRA *em* MATOS, CAMPOS, 2012: 10). Sublinhamos que este “respeito” e “equilíbrio”, não deve ser compreendido como procura de uma cópia integral da arquitectura do passado, nem como completa disparidade em relação ao edificado de valor a manter. David Chipperfield argumenta: “não devemos viver um

<sup>9</sup> CARTA DE CRACÓVIA, 2000.

<sup>10</sup> DI BATTISTA, Nicola *em* CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima. *Construir no Tempo*. ESTAR Editora, 1999, pg. 13

brilhante e esplendoroso futuro, mas também não podemos esconder-nos por trás de um cómodo pastiche do passado”<sup>11</sup>. O que se pretende é conseguir uma correcta integração do projecto contemporâneo no contexto em que se pretende inserir e melhoria da circunstância do lugar (TÁVORA, 2006: 12) – conseguida através da autenticidade e da essencialização da forma dos elementos do projecto consolidado e contemporâneo.

### Autenticidade

Por “autenticidade” entendemos o somatório das características substanciais, historicamente provadas desde o estado original até à situação actual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo.”<sup>12</sup>

Mediante esta definição, consideramos que para o projecto ser autêntico a si próprio, deverá em primeiro lugar reconhecer que é contemporâneo: “Ser contemporâneo do próprio tempo é condição primeira e irrenunciável do nosso ofício”<sup>13</sup>. A sua construção, materiais e linguagem devem ser contemporâneas, e por se tratar de uma requalificação, inspiradas a partir do contexto local: “Pesquisou-se no local a inspiração para as soluções propostas (...), evitando introduzir imagens ou estereótipos migrados de outros contextos que não existiam no local.”<sup>14</sup> Apenas desta forma será respeitada a sua autenticidade, bem como a do existente. O caso da reabilitação do Palácio da Cidadela de Cascais é exemplar, estabelecendo por princípio uma intervenção sem receio, mas com prudência e respeito, na certeza de respeitar também a verdade histórica do nosso tempo, utilizando as ferramentas e a linguagem contemporâneas, vitais na defesa da autenticidade (MPR, 2011: 74).

Defendendo a autenticidade da proposta contemporânea, estamos ao mesmo tempo a defender a autenticidade do existente. Desta forma garantindo uma coerência da arquitectura e identidade do lugar ao longo do tempo: “Qualquer projecto é sempre o prolongamento de um projecto já feito,



5. Reabilitação do Palácio da Cidadela em Cascais, alçado poente, antes e após a intervenção.

<sup>11</sup> PEDREIRINHO, João Manuel. *O Novo e o Antigo Contemporâneo*, Arquitectura Ibérica, Nº36 Reabilitação, Caleidoscópio, Portugal, 2011, pg.13

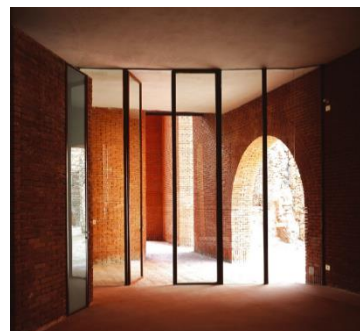
<sup>12</sup> CARTA CRACÓVIA, 2000.

<sup>13</sup> DI BATTISTA, Nicola em CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima. *Construir no Tempo*. ESTAR Editora, 1999, pg.11

<sup>14</sup> VAZ, Pedro. *Reabilitação – Projecto e Obra Palácio da Cidadela de Cascais*. Museu da Presidência da República, 2011, pg. 74



assim como é o início de um projecto futuro”<sup>15</sup> – estabelecendo um princípio para que a próxima intervenção também possa vir a ser autêntica a si mesma. Fazendo uso das palavras de Baesso Pereira: “a restauração ideal do passado é fonte para a Arquitectura do presente”<sup>16</sup>, a requalificação contemporânea será fonte para a arquitectura do futuro.



**6.** Projecto de requalificação para San Michele, Borgo Pisa de Massimo Carmassi, antes e com a proposta.

**7.** Obra construída, 2002, alçados do pátio exterior central e vista do interior.

<sup>15</sup> PURINI, Franco, *Compor a Arquitectura*. ACD Editores e Centro Editorial FAUTL, 2009, pg. 50

<sup>16</sup> BAESSO PEREIRA, Renata, Quatremère de Quincy e a *ideia de tip*, Revista 13 – artigo 4, pg.64

A reinterpretação e essencialização da forma tem por objectivo principal a continuação fluida da cidade – a distinção e integração coerente da proposta de requalificação no centro histórico por forma a dar continuidade à identidade e garantir uma autenticidade do lugar, cidade e a própria proposta.

Sobre este aspecto, e partindo de uma ideia de cidade, como um espaço de vivências sujeito à construção, ocupação e alteração, à leitura e à reinterpretação, Camillo Boito na sua Carta do Restauro, defende que o projecto contemporâneo não deve “inventar património antigo, e com isso mentir ao futuro”<sup>17</sup>. Boito diz-nos que quando sejam necessárias adições ou renovações, a arquitectura deve seguir uma linha de continuidade de desenho (Carta de Restauro, 1883, art.º 2), procurando reinterpretar e essencializar os aspectos de arquitectura, mesmo quando se ligam a partes antigas e /ou ornamento:

*“(…) They should be left with simple plains and geometrical solids in outline, even when appearing only as a continuation or safe encounter between older parts of form or ornamentation.”* (Carta de Restauro, 1883, art.º 3)

Verificamos esta abordagem e compreensão do projecto na obra e opinião de Siza Vieira. Sobre a requalificação dos Terraços de Bragança, o arquitecto, ciente da necessidade de continuação fluida da cidade, refere que “um objecto não pode ser o protagonista absoluto, a não ser em casos excepcionais. Tem de exprimir então uma grande contenção, ou uma disponibilidade para qualquer relação [...] e uma espécie de banalidade. Esta palavra, banalidade, tem um significado ambíguo. Neste caso utilizo-a não para dizer sem interesse, sem qualidade, mas sim no sentido da disponibilidade para a continuidade.”<sup>18</sup> A reinterpretação e consequente adaptação à arquitectura envolvente caracteriza a obra em questão, e é exemplar de uma integração e reexploração da identidade da arquitectura portuguesa (CARDIA, 2016: 55).



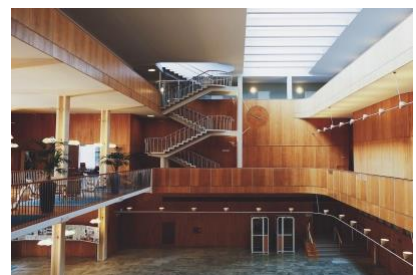
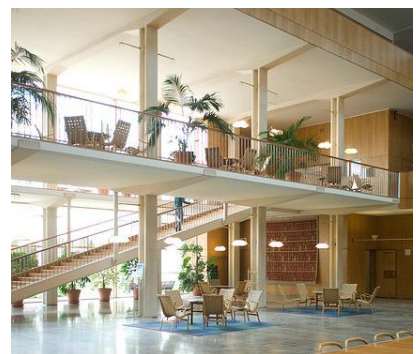
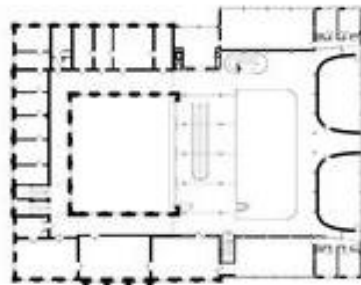
8. Reabilitação do Museu de Berlim de David Chipperfield - Alçado principal e maqueta do pormenor da essencialização da fachada e dos vãos.

<sup>17</sup> VAZ, Pedro. *Reabilitação – Projecto e Obra Palácio da Cidadela de Cascais*. Museu da Presidência da República, 2011, pg. 74, pg. 73

<sup>18</sup> SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*, Lisboa: Edições 70, 2012, pg. 135

Sobre a intenção de “continuidade”, compreendemo-la essencial na estratégia aplicada para uma reinterpretação e essencialização subjectiva da forma. Esta centra-se na leitura dos aspectos da arquitectura do existente – volumetria, escala e proporção, forma e desenho, materialidade, cor, e acabamento – e pretende um enquadramento harmónico entre os elementos presentes (TÁVORA, 2006: 56). Os meios que possibilitam esta tão ambicionada harmonia prendem-se na devida aplicação dos argumentos teóricos acima desenvolvidos, no desenho e na sensibilidade do projecto de arquitectura. Aqui, o detalhe arquitectónico aliado à materialidade aplicada desempenham um papel fulcral.

Este último aspecto – “o detalhe arquitectónico aliado à materialidade aplicada” – será desenvolvido no próximo subcapítulo.



**9.** Extensão do Townhall de Gothenburg, de Erik Gunnar Asplund 1937. Alçado principal, alçado do pátio interior, vistas interiores.

**10.** Planta e Corte ilustrativos do projecto de extensão.



## 2.2 DETALHE

Estruturamos o presente subcapítulo em três questões que entendemos essenciais para a devida compreensão do papel do detalhe e materialidade aplicada no projecto de requalificação, procurando o diálogo harmonioso entre a obra existente e a proposta contemporânea. São elas:

- 1) O papel do detalhe e sua definição;
- 2) Como abordar o desenho do detalhe;
- 3) O papel que a materialidade aplicada ao detalhe desempenha num projecto de requalificação.

### 2.2.1 O detalhe na contemporaneidade

#### Detalhe e sua Definição

*“Deus está nos detalhes.”*

(Mies Van der Rohe)

A famosa afirmação de Mies Van der Rohe contextualiza de forma divinalmente sucinta a importância do detalhe na obra de arquitectura. No contexto global de arquitectura, o detalhe arquitectónico pode desempenhar um papel decisivo na relação entre a obra e o lugar. Quando temos por objectivo uma obra de requalificação – exterior e interior – inserida num centro histórico, o “detalhe” desempenha um papel directriz no estabelecimento de uma linguagem contínua entre o edificado pré-existente e a proposta contemporânea e no estabelecimento de um diálogo entre a arquitectura e o homem (desempenha um papel de intermediário).

Por “detalhe”, entende-se o desenho dos elementos de arquitectura que compõem o edificado, a sua respectiva caracterização material e acabamento aplicado.

Por elementos de arquitectura, compreendem-se: fachadas, coberturas, paredes, vãos – portas, janelas e portadas, varandas e guardas. O seu desenho será definido por dimensões, cérceas, volumetrias, alinhamentos, métricas, geometrias, escalas e proporções; e serão caracterizados por tipo, materialidade, cor e acabamento.





**11.** Projecto Casa da Lapa, Ana Costa -  
Arquitectura e Design. Vista do pátio  
exterior comum e vista interior de uma  
sala.

*“Aproveitando o património da antiga Fábrica de Cerâmica, os percursos exteriores darão lugar à composição de alguns painéis de azulejos. Estes azulejos armazenados servirão também de revestimento de elementos construídos no exterior, bem como, de alguns espaços interiores. Apesar da intervenção procurar criar uma forte relação com a história e ambiente da zona onde se insere, a caracterização formal, aplicação dos materiais e respectivos detalhes, serão claramente contemporâneos.”*

(Ana Costa)

Tal como a abordagem à requalificação num centro histórico compreende regras de intervenção sobre as quais se regem, em particular os princípios referidos no capítulo anterior: o respeito pela identidade do lugar, a defesa da autenticidade da proposta contemporânea, a reinterpretação e essencialização da forma na distinção e integração coerente da proposta no lugar, também a abordagem ao detalhe deverá compreender os mesmos. Por isso entendemos e subscrevemos a intervenção que Ana Costa constrói. Nomeadamente a sua intenção na procura de criar uma forte relação com o lugar onde se insere, a par com uma caracterização formal que respeita um projecto fiel à sua contemporaneidade.

Sendo assim, compreendemos que a abordagem ao desenho do detalhe deve ser feita através da reinterpretação da composição dos elementos, linguagem, desenho e materialidade, característica do existente e exemplar da identidade local. A composição do detalhe deverá então respeitar: escala, proporção, ritmo, métrica, cheio-vazio, cor e acabamento.

Tendo como referência os projectos de requalificação de Aires Mateus, DSNJ e Siza Vieira, com programas e escalas distintos, que entendemos como exemplos dos princípios defendidos ao longo do trabalho, iremos falar sucintamente sobre as diferentes abordagens ao desenho do detalhe que caracteriza os elementos de arquitectura enunciados - fachadas, coberturas, paredes e vãos – de cada projecto.

## FACHADA

A respeito do detalhe dos alçados da proposta contemporânea, os Terraços de Bragança, de Siza Vieira, os Terraços das Olarias, dos DSNJ e o Colégio da Santíssima Trindade, de Aires Mateus são exemplares. O alinhamento das cérceas e planos das fachadas em função da planta e coroamentos dos edifícios que lhe são adjacentes, resultam no “encaixe” com a sua envolvente, onde dão continuidade à ideia de “massa” e volumetria característica do lugar.

Salientamos os projectos de DSNJ e de Siza pela reinterpretação e essencialização da composição dos alçados. A abordagem ao seu desenho é feita tendo em conta a integração do edificado no lugar. O conjunto habitacional dos DSNJ é exemplar de uma interpretação contemporânea que respeita a métrica e desenho do edificado existente que reabilita e renova. Já os Terraços de Bragança são exemplo pela essencialização directa do detalhe típico do existente envolvente, respeitando as suas dimensões, e reinterpretando a sua métrica, composição e materialidade: “Conseguiu introduzir-se no local uma obra contemporânea que encontrou uma forma de composição harmónica com as métricas de arquitectura pombalina”.<sup>19</sup>

No caso particular dos Terraços de Siza, verificamos um contraste entre o edificado da frente de rua e o tardo. O edificado que faz a frente de rua respeita a métrica da arquitectura típica pombalina, enquanto o volume tardo é caracterizado por um desenho particular de linhas modernas – estilo Casa del Fascio (Anexo). Ainda que de linhas de desenho distintas, todos os volumes relacionam-se pelo detalhe e materialidade. Relativamente à materialidade das fachadas, em particular sobre o conjunto dos três edifícios na frente da Rua do Alecrim, verifica-se uma distinção cromática entre os mesmos, tendo sido aplicado ao azulejo vidrado diferentes tonalidades de azul. Estas três cores distintas conduzem a uma impressão visual: “cores não intensas, transparentes, misturadas semicerrando os olhos, cores em deslocamento, conduzindo a outra cota e a outra impressão”<sup>20</sup>, contribuindo

<sup>19</sup> ROSSA, Walter em CML, <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/premios/premio-valmor-e-municipal-de-arquitetura/20002006/terraosdebragana0CML.pt>

<sup>20</sup> SIZA, Álvaro e CASTANHEIRA Carlos, *As cidades de Álvaro Siza*, Porto: Figueirinhas, 2001.



para uma leitura imediata do que é original e histórico e do que é novo. Comum ao conjunto é o embasamento em lioz e remates como o entablamento, e as marcações horizontais ou as soleiras desenhadas com rocha calcária à semelhança da envolvente.

No caso dos Terraços das Olarias dos DSNJ verificamos que a pedra lioz e reboco branco é comum entre o existente e o novo, criando uma leitura cromática quase homogênea. O novo e o existente distinguem-se pela contemporânea reinterpretação da fachada, e estratégia de aplicação material.

**12.** Reabilitação do Colégio Trindade, Coimbra, de Aires Mateus. Alçado principal e vista de um dos pátios interiores.



**14.** Terraços das Olarias, Lisboa, DSNJ. Alçados posteriores reabilitados e novos.



**13.** Terraços de Bragança, Rua do Alecrim, Lisboa, de Siza Vieira. Alçados da frente de rua do Alecrim.





**17.** Colégio Trindade. Detalhe – Cobertura: de águas em pedra.



**16.** Terraços das Olarias. Detalhe – Coberturas: coberturade águas em telha e zinco.



**15.** Terraços de Bragança. Detalhe – Coberturas: planas e verdes.

## COBERTURA

Também a cobertura deve respeitar a leitura formal, material e identidade do lugar onde o edificado se insere. Aires Mateus, na reabilitação do Colégio da Santíssima Trindade, Coimbra, compreende que a cobertura estabelece um diálogo com a Praça do Passo das Escolas. Este diálogo assume a cota da praça como referência para cota de cumeeira, e a sua localização no centro histórico sugere o desenho típico da cobertura em duas e quatro águas. O arquitecto acrescenta ainda a esta relação, através do uso de rocha de calcário e cor que reveste a cobertura – semelhante à cor da praça. A cobertura respeita a geometria das coberturas vizinhas e a própria estereotomia sugere o alinhamento típico do encontro entre as telhas, desenhando um ritmo caracterizado por lajetas de pedra de diferentes larguras.

Os casos de reabilitação e renovação dos Terraços de DSNJ e Siza reflectem diferentes abordagens na reinterpretação e essencialização do desenho das coberturas correspondentes. DSNJ emprega duas estratégias: a reabilitação em telha que respeita o desenho original, e a renovação em zinco quando acrescenta mais um ou dois pisos ao edificado pré-existente. O detalhe do encontro das chapas de zinco desenha um ritmo que lembra a cobertura em telha, tal como em Coimbra. Através da materialidade distingue o que é novo do que é existente, optando por uma escolha cromática que realça a cobertura em telha existente.

Já Siza rompe com a ideia típica da cobertura lisboeta e assume o desenho da cobertura plana e por vezes ajardinada. Uma decisão respectiva à sua contemporaneidade.



**18.** Colégio Trindade. Detalhe – Paredes: paredes, pavimento e acessos.



**19.** Terraços das Olarias. Detalhe - Paredes: acessos verticais.

## PAREDES

Incluem-se no desenvolvimento do tema breves comentários às diferentes abordagens face às paredes interiores, pavimentos e acessos verticais dos projectos seleccionados.

Nas obras de Aires Mateus e DSNJ, que compreendem uma reabilitação e ampliação do edificado, a abordagem às paredes interiores é caracterizada por paredes rebocadas. O seu cromatismo varia com a luz do espaço e com os elementos de valor da pré-existência dos edifícios que pretendem realçar. Esta decisão proporciona igualmente um destaque da materialidade – lioz e madeira – que reveste os pavimentos e trabalha com os referidos detalhes construídos de valor pré-existente.

No Colégio da Santíssima Trindade, estamos perante um lugar que quase podemos comparar enquanto obra de arte contemporânea. Esta noção é conseguida através do detalhe construído ao longo da obra. Aires Mateus consegue controlar a luz natural e artificial através do detalhe. Prendendo a iluminação nos encontros de paredes com paredes e paredes com tectos, constrói sempre um afastamento que resulta numa tensão e ao mesmo tempo associa uma ideia de leveza aos planos. Relativamente ao detalhe desenhado dos acessos verticais, Aires Mateus associa uma ideia de tensão no encontro do primeiro degrau com os restantes – separando-o das paredes novas e pré-existentes, ou do segundo degrau – e condiciona a sua dimensão à dimensão dos vãos e estereotomia do pavimento em pedra lioz.

Nos Terraços das Olarias, DSNJ, verificamos uma reabilitação caracterizada por manter as características materiais originais. Com relação aos acessos verticais pré-existent salientamos o restauro da guarda original e refeita a escadaria em madeira. Ao construir de novo fazem uma reinterpretação e essencialização do desenho da guarda e uma reinterpretação da caracterização material cromática da escadaria, optando pela utilização da pedra lioz, com um pigmento coerente com a cor da madeira e com a quantidade de luz presente ao longo da escadaria.

Nos Terraços de Bragança, por se tratar de uma intervenção contemporânea, Siza tem um pouco mais de liberdade de desenho e caracterização. Ainda assim optando por uma sobriedade de linhas de desenho, destaca a caracterização material, onde também trabalha o contraste cromático. A nível da materialidade opta por materiais de carácter nobre – pedra e madeira – à semelhança das construções pombalinas.

Sublinhamos uma atenção para o domínio do aspecto do lambril, em pedra lioz, que motiva o desenho da materialidade de guardas e paredes ao nível do tacto do Homem. Louvamos o detalhe do desenho da lareira – do encontro da ardósia negra com as paredes brancas – idealizado como um centro à casa, de linhas essenciais e cumprindo, para lá da sua função básica, uma presença de peça de uso variado ao longo do ano.

Fechamos o tópico “Paredes”, destacando dois acessos verticais exteriores do projecto, exemplares do detalhe que o arquitecto aplica nos acessos verticais do projecto. Sobre o primeiro caso (fig. nº20), os degraus são caracterizados por blocos sólidos de pedra lioz. No encontro com a parede que aparentemente os suporta, desenharam uma fenda e consequentemente é associada uma estereotomia que acompanha os degraus. Sobre o acesso vertical (fig. nº21) que termina no contacto com uma pré-existência da muralha fernandina, Siza Vieira desenha este encontro com uma laje de lioz da profundidade da muralha. Esta laje é consequentemente patim que encontra a escada de tiro de acesso à rua e também desdobra num último degrau que termina no chão.

É graças à atenção ao detalhe que verificamos nos projectos aprofundados, que é construída a relação do projecto com as pré-existências e integração no lugar.



**22.** Terraços de Bragança. Detalhe – Paredes: acessos; paredes e pavimento.



**20.** Detalhe – Paredes: paredes e pavimento da cozinha.



**21.** (direita) Detalhe - Paredes: paredes, pavimento e lareira.



**24.** Detalhe - Paredes: acessos exterior de contato com a muralha



**23.** (direita) Detalhe - Paredes: acesso exterior

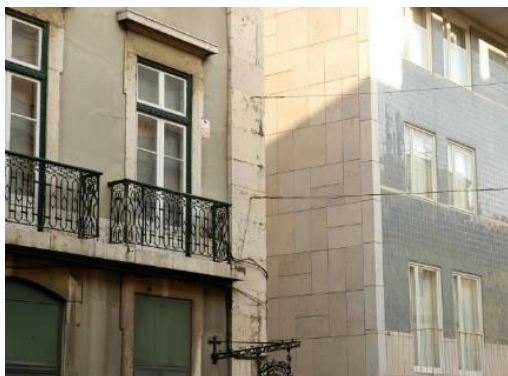




**27.** Colégio Trindade. Detalhe - Vãos: janelas.



**26.** Terraços das Olarias. Detalhe - Vãos: janelas, portas e guardas.



**25.** Terraços de Bragança. Detalhe - Vãos: janelas e guardas alçado Rua do Alecrim.



## VÃOS – JANELAS, VARANDAS, PORTAS

Centramo-nos na abordagem ao detalhe no desenho dos vãos de cada projecto, nomeadamente portas, janelas, e varandas - tanto ao nível do exterior como interior.

As abordagens entre os três projectos são distintas entre si. Em ambos os projectos de reabilitação, de Aires Mateus e DSNJ, verificamos a reinterpretação subjectiva e crítica dos vãos pré-existentes e um desenho essencializado dos vãos acrescentados – contudo adoptando estratégias de desenho em função do programa e características do edificado que reabilitam. Já Siza Vieira, na sua renovação urbana, constrói os vãos de raiz, e condiciona o desenho dos mesmos procurando-os contemporâneos e integrados na envolvente.

### Janelas

Quanto às janelas, do Colégio da Trindade, verifica-se a aplicação de caixilhos de perfil de dimensões reduzidas, lacados a cinza, somente ao longo do perímetro da geometria do vão. Estes são compostos por um pano de vidro que cobre a área total da abertura, e cujo reflexo trabalha um contraste cromático de claro-escuro com as paredes brancas, definindo uma primeira leitura de composição do alçado. Esta estratégia de aplicação, dimensão e cor vai contribuir para um entendimento da volumetria do conjunto, assim como para o protagonismo da cantaria pré-existente, e o seu papel na composição do alçado.

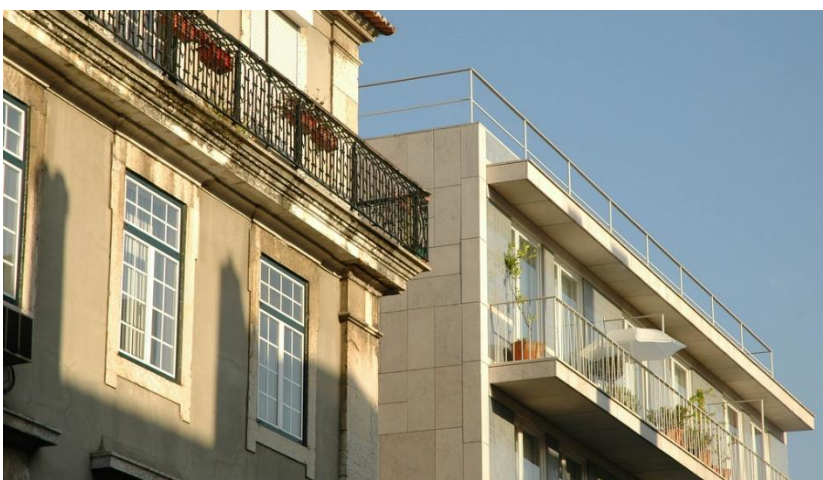
Nos Terraços das Olarias verificamos o redesenho da forma e alteração da função de determinados vãos da frente de rua – onde é porta passa a janela e vice-versa. Os restantes vãos mantêm a sua forma original, compreendendo, no entanto, uma substituição dos caixilhos e panos de vidro. As janelas de duas bandeiras quadriculadas de madeira, de cores verde e branco, são substituídas por soluções contemporâneas que respeitam o mesmo tipo de janela. Os panos de vidro ocupam a totalidade da bandeira, e os caixilhos que os envolvem são de cor branca, por forma a realçar os elementos de pedra pré-existent.



**29.** Colégio Trindade. Detalhe - Vãos: janelas e guardas.



**28.** Terraços das Olarias. Detalhe - Vãos: janelas, portas e guardas.



**30.** Terraços de Bragança. Detalhe - Vãos: guardas alçado Rua do Alecrim.

O novo alçado tardo, compreende um desenho essencializado dos vãos pré-existentes. A estratégia e características do tipo, caixilhos, materialidade e cor das janelas do novo alçado são as mesmas que do alçado da frente de rua – resultando numa uniformidade de solução aplicada – distintas apenas nas suas dimensões.

Os vãos dos Terraços de Bragança são idênticos aos Terraços das Olarias, aplicando uma solução de forma, materialidade, acabamento e cor semelhantes. A frente de rua do alecrim é caracterizada por vãos de uma e duas bandeiras, enquanto o edifício tardo, por janelas de bandeiras e de correr. As características materiais e dos caixilhos mantêm-se iguais – as mesmas que dos Terraços das Olarias.

#### Varandas/ Guardas

Comum aos três projectos analisados, quando se verifica necessário guarnecer as varandas de sacada ou normais, os arquitectos assumem um desenho de guarda contemporâneo de linhas essencializadas. O material que as caracteriza é o ferro, sendo que o que difere entre os projectos é o seu acabamento e posição em relação ao plano da fachada.

Particular ao Colégio da Trindade onde verificamos as cantarias destacadas do plano de fachada, o arquitecto assume um desenho de guarda de cor cinzenta – semelhante à cor do pano de vidro - e ligeiramente recuado do plano da fachada, por forma a não interromper a leitura da geometria do vão.

As guardas dos Terraços das Olarias diferem entre os alçados tardo e frente de rua. As guardas pré-existentes de ferro com desenho característico do século XIX são mantidas e pintadas de branco, enquanto as guardas do novo alçado tardo apresentam um desenho de linhas simples, com o mesmo material, cor e acabamento.

Nos Terraços de Bragança, Siza Vieira, como referido, procura uma interpretação e adaptação às arquitecturas da envolvente construída, onde adopta a mesma estratégia de desenho de linhas simples que Aires Mateus e DSNJ. O que, no entanto, é particular ao desenho das guardas de Siza, é o

dinamismo que este lhes procura dotar, alternando o ângulo que os perfis verticais fazem com o perfil horizontal.

## Portas

Tal como nos vãos, sobre as portas – interiores e exteriores – a estratégia de desenho e construção que os caracteriza é de reinterpretação material e desenho de linhas simples e contemporâneas.

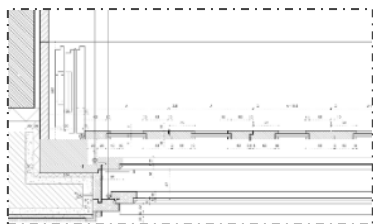
No Colégio por Aires Mateus, a abordagem às portas que sobreviveram ao tempo, é caracterizada por um novo acabamento por forma a conservar e proteger a madeira. Quando acrescenta portas exteriores novas estas já são essencializadas – de madeira e / ou vidro. No interior quando existe a necessidade de completar ou abrir novos vãos estes são caracterizados por linhas essenciais, sendo que este último tem em conta a proporção dos vãos existentes.

Sobre os Terraços das Olarias interessa-nos apontar a abordagem às portas do edifício pré-existente. Aqui o atelier opta por manter as portas originais e suas características formais – almofadas e bandeiras superiores em vidro – sendo, no entanto, afagadas e pintadas de branco. As portas e portadas interiores substituídas e propostas são caracterizadas por um pano de madeira liso, sem almofadas, e com o mesmo acabamento lacado e cor branca.

A abordagem ao desenho e materialidade das portas e portadas dos Terraços de Bragança difere consoante a função do espaço que precedem. Enquanto as portas privadas ao nível térreo são de material opaco – madeira – as portas públicas associadas aos espaços comerciais são de um material translúcido – vidro. As portas exteriores privadas e públicas são caracterizadas por um desenho de reinterpretação das linhas e dimensões das portas pombalinas, sendo altas e largas, e compostas por uma bandeira superior de vidro. Chamamos a atenção para o desenho das portas privadas de madeira, onde o arquitecto opta por uma construção por lâminas de encaixe de junta visível.



**31.** Pormenor das guardas da frente da Rua do Alecrim.



**32.** Desenho técnico de pormenor das portadas.

Sobre as portadas interiores, Siza Vieira escolhe novamente o desenho guiado por linhas pombalinas. Estas variam entre duas a seis portadas – consoante a dimensão do vão que sombreiam. Ao contrário do projecto dos Terraços das Olarias, as portadas são caracterizadas por linhas de desenho simples, e por almofadas recuadas do plano com maior afastamento – consoante concluímos por desenho técnico.

Comum a ambas portas e portadas, são o mecanismo de abertura e fecho. As ferragens são uma distinta herança pombalina. O arquitecto reinterpreta o seu desenho para uma ideia contemporânea e opta por construir em materialidade inox.

**35.** Colégio Trindade. Detalhe - Vãos: portas exterior e interiores.



**34.** Terraços das Olarias. Detalhe - Vãos: portas e portadas.



**33.** Terraços de Bragança. Detalhe - Vãos: portas e pormenores de ferragens.



## Materialidade

Esclarecido o papel do detalhe na ponte entre o pré-existente e o novo e como abordá-lo numa requalificação de um lugar e edificado inserido num centro histórico, interessa agora debruçar sobre o papel da materialidade na caracterização do detalhe e intervenção.

A materialidade define o nível da qualidade da intervenção, devendo-se ter em conta como um aspecto crucial à mesma. Ren Ito no seu livro sobre o processo construtivo empregue pelo arquitecto Álvaro Siza Vieira relata precisamente isso:

“Na fase de construção Siza tem especial atenção aos seguintes aspectos:

A piquetação do edifício; a qualidade do betão; os caixilhos; os materiais dos acabamentos; a localização dos equipamentos; as juntas.

Siza raramente faz alterações à estrutura, mas desenvolve estudos relativos aos acabamentos até ao final da obra”<sup>21</sup>. Esta observação é testemunha da importância dada pelo arquitecto aos aspectos inerentes ao detalhe construtivo na concretização do projecto e nível de qualidade material.

Um outro aspecto é o da “continuidade”. Através da contribuição da caracterização material conseguimos uma leitura de “continuidade” – como refere Campo Baeza – e integração harmoniosa do projecto de requalificação contemporânea no contexto e identidade do centro histórico, pois os “materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único”<sup>22</sup>.

*“E, claro, os materiais. Porque, embora a arquitectura pareça tão sublime, e o seja por vezes, é sempre iniludivelmente material. A decisão de um material, (...), com capacidade de funcionar no interior e no exterior para traduzir bem a continuidade (...) é uma decisão também importante.”* (Campo Baeza, 2013: 59)

---

<sup>21</sup> ITO, Ren, *Álvaro Siza Design Process – Quinta do Bom Sucesso Housing Project*. IST PRESS- 2013-2014, pg.30

<sup>22</sup> ZUMTHOR, PETER: *Atmosferas*. Barcelona: Edições Gustavo GILI. Pg. 25

Nesta reflexão de Campo Baeza, num texto intitulado “*Quando o plano se converte em linha*”, a propósito da Casa Farnsworth, de Mies Van der Rohe, o autor aponta para a importância da decisão sobre a escolha de um material e a sua responsabilidade na continuidade da arquitectura.

Esta “continuidade” é conseguida num projecto de requalificação, reabilitação e renovação, procurando um equilíbrio na aplicação de materiais tradicionais e novos, por forma a garantir condições de durabilidade e compatibilidade.

Sobre este tema, interessa-nos corroborar o uso de materiais tradicionais, pois entendemos que para além de comunicarem e proporcionarem uma relação mais aproximada entre o Homem e o espaço, num contexto de construção, asseguram uma garantia no cumprimento da sua função e trabalho ao longo do tempo:

*“All that is against nature, cannot last in the long run.”*<sup>23</sup>

(Charles Darwin)

O LNEC também partilha da perspectiva que “a utilização de materiais tradicionais é, em regra, a solução mais adequada, quer em termos de desempenho, quer em termos de minimização dos danos causados ao edifício”<sup>24</sup> - esta última respeitando um caso de reabilitação. Acrescenta também que quando aplicados materiais contemporâneos, estes devem cumprir “de forma eficaz as funções que lhes foram atribuídas e, simultaneamente, as condições de compatibilidade, reversibilidade e durabilidade.”<sup>25</sup>

Por materiais naturais entendemos os materiais derivados directamente das matérias naturais (PURINI, 2009: 74): a pedra, o tijolo, e a madeira. Sendo que por materiais novos, entendemos o ferro, vidro, betão e outros que resultem de uma combinação de substâncias componentes (PURINI, 2009: 74).

---

<sup>23</sup> “Tudo o que é contra ou estranho à Natureza, não resiste ao tempo.” (Charles Darwin)

<sup>24</sup> Laboratório Nacional de Engenharia, 1990, pg. 29

<sup>25</sup> Idem, pg. 29

Pallasma defende que os materiais naturais nos convencem da veracidade e autenticidade da sua matéria. O reconhecimento da sua idade, quando também acompanhado pela observação da patina de uso e tempo, resulta numa contribuição para uma experiência espacial mais enriquecedora – uma vez que o homem reconhece no espaço uma dimensão térrea e não artificial. (PALLASMA, 1996: 31 e 34)<sup>26</sup>

Esta dimensão térrea está directamente relacionada a capacidade de diálogo dos materiais aplicados ao detalhe de um projecto – exterior e/ou interior – com o Homem: *“we have a direct relationship to materials and can experience them physically as well as psychologically. The surface treatment and construction detailing determine how we perceive materials that are close by or that we can touch directly.”*<sup>27</sup>

Procurando um equilíbrio de uso entre materiais naturais e artificiais contribuímos para que o homem reconheça na obra a Natureza, e a sua beleza. Um ponto de partida para que esta perdure no tempo (Baeza, 2003: 53), permaneça e participe na construção de memória humana – resultando numa maior valorização da obra e contribuição para a identidade do lugar e Homem.

*“Todos tentamos construir arquitecturas capazes de permanecer na memória dos homens, de permanecer no tempo.”*

(Baeza, 2003: 53)

---

<sup>26</sup> “Natural materials – stone, brick and wood – allow our vision to penetrate their surfaces and enable us to become convinced of the veracity of matter. Natural materials express their age and history, as well as the story of their origins and their history of human use. All matter exists in the continuum of time; the patina of wear adds the enriching experience of time to the materials of construction.” (PALLASMA, Juhani. (1996). *The eyes of the skin*. Londres: Academy Editions, Pg.31)

<sup>27</sup> LEYDECKER, Sylvia. *Designing Interior Architecture - Concept Typology Material Construction*. Birkhäuser Verlag GmbH, Basel, Germany, 2003, pg.32



### 2.2.2 Caso de Estudo – Hotel Inspira Santa Marta

A decisão de estudar o caso do Hotel Inspira Santa Marta – Rua de Santa Marta, nº 48 – advém deste se identificar de uma forma exemplar com os princípios de requalificação até agora defendidos, e enquadramento nos seguintes parâmetros:

- edifícios habitacionais, palacianos ou de rendimento, situados no centro histórico da cidade de Lisboa;
- edifícios com uma época de construção compreendida entre os séculos XVIII e XIX;
- edifícios com projecto de reconversão contemporânea, com possibilidade de visita, e análise do projecto.
- relação de escala e tema com o projecto que se defende no presente trabalho.



36. Ortofotomapa de localização do Hotel Inspira Santa Marta, Lisboa - Imagem obtida em Google Earth

## ENQUADRAMENTO

Compreendido a Poente pela Rua de Santa Marta, a Norte pela Travessa de Santa Marta e a Sul pela Travessa do Despacho, o lote e edificado que hoje compreende o Hotel de Santa Marta foi requalificado no ano de 2010, segundo o projecto do atelier Promontório Arquitectos.

Tratou-se de um importante lugar a requalificar, visto que ainda se apresentava a oportunidade de reabilitar as fachadas e elementos particulares que compreendiam o palácio oitocentista.

Originalmente um palácio do século XVIII, compreende vários proprietários ao longo do século XIX que ocupam a totalidade do lote com construções de cariz habitacional. Ao longo do século XX o quarteirão é adquirido pela empresa União Gráfica que adapta todo o edificado para as suas instalações. No final do século XX e princípios do século XXI, o quarteirão verifica-se devoluto e num estado precário de conservação – até conhecer a requalificação contemporânea enquanto unidade hoteleira.

## CARÁCTER

Atentos à importância da continuação da arquitectura da cidade, a abordagem do atelier Promontório na requalificação deste conjunto resulta num edificado de discreto carácter contemporâneo, que defende o elogio da sua origem oitocentista. No exterior, quando existe a necessidade da construção nova, a sua postura é uma de permanecer incógnito, reinterpretando e adaptando a construção nova à sua envolvente – à semelhança de Siza, na obra dos Terraços de Bragança. O interior é assumidamente contemporâneo – uma vez que os elementos oitocentistas não se encontravam aptos a reabilitar.

## PROGRAMA

Num lote de 1800m<sup>2</sup>, o projecto compreende a reabilitação das fachadas oitocentistas – principal e laterais – e a demolição das estruturas em ruína da antiga fábrica de impressão. O hotel é concebido segundo uma

lógica de uso semipúblico, concentrando para além dos quartos, os serviços de conferência, lazer e restauração.



37. Planta Piso Térreo.



37. Plata Piso 1



38. Planta Piso 2



40. Planta Piso 3

O projecto desenvolve-se em torno de um átrio central que funciona como um prolongamento coberto da Rua de Santa Marta. O piso térreo é caracterizado pelos programas de carácter público: restaurante, bar, auditórios e salas de reunião e conferências, sala de jogos, e os espaços relação imediata com a rua, ao longo do átrio estão dispostos os espaços de estar, reunião e no final, conferência.

Composto por um total de oito pisos, o hotel é dividido por cinco pisos a partir da cota da Rua de Santa Marta, e três pisos subterrâneos a esta. O primeiro piso está dividido pelos programas de spa e beleza, a nascente, e quartos, a poente. Nos segundo, terceiro e quarto pisos, estão situados os restantes quartos – oitenta e nove no total. O seu acesso é conformado por uma galeria que se desenvolve em torno do átrio. Os quartos obedecem a uma lógica-tipo de concentração da instalação sanitária paralela à entrada do quarto e libertação do restante espaço para zona de dormida. O quarto conhece uma peça de mobiliário contínua multifuncional que une os espaços de dormida e sanitário. A separação entre estes é definida por um envidraçado desenhado por uma composição gráfica.

Os pisos subterrâneos e quinto, são destinados a zonas técnicas e de funcionamento do hotel, sendo que os subterrâneos resumem também os espaços de estacionamento.



39. Corte Longitudinal do Hotel.

## DESENHO

A abordagem ao desenho do detalhe no projecto do Hotel é caracterizada por uma linguagem contemporânea e claramente distinta do edifício a restaurar. A sensação de conjunto e continuidade é trabalhada através da composição dos alçados, proporção dos vãos, e pelos materiais utilizados.

### Fachada

Partindo da análise da volumetria do conjunto, o atelier assume os limites do lote como princípio e fim da volumetria da proposta – ocupando o lote por inteiro – e orienta a cêrcea do edificado proposto pelas cotas de cumeeira e alinhamentos das platina das pré-existentes.

O projecto compreende dois tipos de fachada – as fachadas pré-existent de valor reabilitadas, e as fachadas contemporâneas propostas. Sobre as fachadas reabilitadas, após um levantamento e interpretação crítica sobre os elementos e métrica original dos vãos, o projecto previu a restituição da composição original dos alçados, reabrindo vãos, reabilitando frisos, e propondo novos vãos que completam e contribuem para a composição dos alçados. Os alçados novos caracterizam-se por uma linguagem essencializada e contemporânea na sua relação com os alçados reabilitados. A materialidade é o elemento unificador entre os alçados. O acabamento rebocado e pintura de cor branca e uso da pedra calcária amaciada é comum no desenho e construção dos embasamentos e cantarias – ainda que aplicados sobre um desenho distinto.



**40.** (esquerda) Alçado da frente de Rua de Santa Marta e alçado da Travessa de Santa Marta. Entreda principal do Hotel. Detalhe – Fachada.

**41.** (direita) Alçados das Travessas de Santa Marta e do despacho. Detalhe - Fachada.

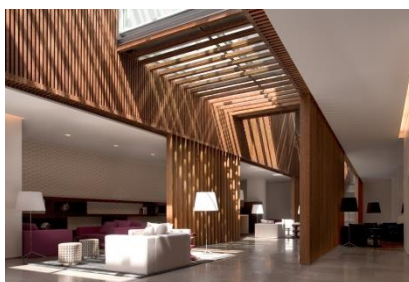
## Cobertura

A abordagem à construção da cobertura conhece uma volumetria que se presume semelhante à original, esta é de duas águas e entende o uso de dois tipos de telha: telha canudo na reabilitação do telhado do edifício classificado, e telha marselha quando se constrói o telhado do edificado contemporâneo. Ambas as soluções terminam no encontro com a platibanda e clarabóia contemporânea que fecha o átrio central. Contribuindo para uma linguagem contemporânea, as águas furtadas são desenhadas com linha simples e revestidas a zinco de cor cinza.

## Paredes

Descrevendo as paredes interiores, os Promontório apostam no uso da madeira com material predilecto, conciliado por paredes de alvenaria e pladur rebocadas e acabadas com uma pintura branca, ou papel de parede.

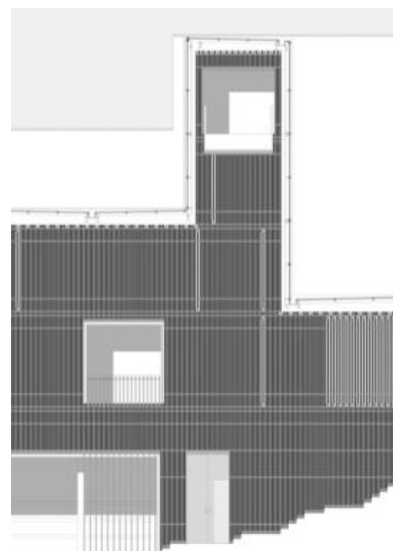
O pavimento é geralmente caracterizado por pedra calcária de tom claro nos espaços de recepção, e espaços de cariz público. No acesso aos quartos e os próprios quartos é usado um material sintético de tom escuro.



**42.** (esquerda) Átrio central e gabinete de Spa. Detlahe - Paredes: pardes e pavimento.



**43.** Pormenor construtivo do átrio central - parede reverstida a madeira



## Vãos

No que respeita a abordagem aos vãos, no edifício classificado o atelier apostou num desenho idêntico ao original. As caixilharias dos vãos são em madeira com pintura branca, realçando os elementos pétreos pré-existentes. Sobre as portadas pré-existentes, foi feita a sua recuperação e reposição nos vãos do piso nobre e feitas novas nos pisos onde estas já não eram possíveis de reabilitar. Estas últimas são caracterizadas por linhas de desenho simples também em madeira. Quanto aos elementos em ferro pré-existentes nas fachadas, em particular as guardas das sacadas, estes são mantidos e recuperados, pintados a verde, considerados como importantes na leitura autêntica do edifício na cidade. No alçado principal, o desenho do portão da garagem, em madeira, assume um desenho contemporâneo por dizer respeito a uma intervenção nova que suprime dois vãos pré-existentes. A sua textura pretende funcionar como prenúncio à intervenção no interior, remetendo para a textura das paredes do átrio.

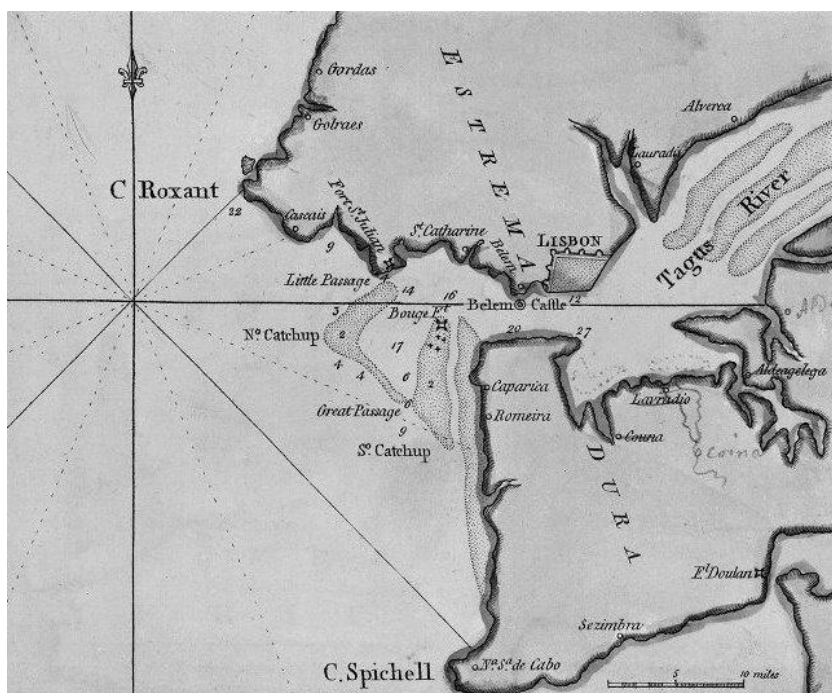
Quando intervindo de raiz os vãos respeitam o tipo de janela do edifício reabilitado, em duas bandeiras, contudo o seu desenho é simplificado, os panos de vidro ocupam a totalidade da bandeira e os caixilhos que os envolvem são feitos com dois materiais, madeira e alumínio termolacado branco. As portas para as travessas laterais com um desenho assumidamente contemporâneo, são em madeira pintada de branco. Os elementos metálicos adicionados como guardas, grelhas de ventilação e gradeamentos são pintados de cinzento, indo ao encontro dos elementos em zinco propostos, por forma a criar uma coesão entre as partes.



**44.** Fachada do palácio reabilitada. Detalhe - Vãos: janelas e portas.

**45.** Fachada contemporânea. Detalhe - Vãos: janela, porta e guarda.





46. Planta de Lisboa – Cadiz, 1801, de Rene Bougard e John Thomas Serres.



### 3 RUA ANGELINA VIDAL

#### 3.1 LISBOA

*“Lisboa [...] continua a apresentar-nos uma força geográfica e paisagística incrível, que temos de conseguir preservar e revelar.”*

(Manuel Salgado)<sup>28</sup>

Privilegiada pela sua posição geográfica, às portas do oceano Atlântico, entre o Cabo da Roca e o Cabo Espichel, cabos que marcam a linha costeira ocidental da Península Ibérica, banhada pelo rio Tejo e protegida por uma topografia caracterizada por colinas e vales que se voltam para Sul e mergulham na água, encontra-se a cidade de Lisboa.

À cidade afluiu, em todas as épocas, uma corrente migratória constante, atraída tanto pela beleza da sua paisagem como pelas possibilidades de abrigo que a sua ampla enseada e o seu porto proporcionam à navegação.

Em virtude de o seu porto ser nó de ligação entre o país e os mercados exteriores, a cidade foi sempre importante nas relações culturais e comerciais, conquistando maior posicionamento à medida que a navegação marítima se tornava mais relevante no sustento e expansão dos povos.

As numerosas actividades comerciais aceleraram a antropização do território ocupado ao longo do tempo, em sintonia com o sistema topográfico, numa gradação radial a partir da primeira edificação do homem, na colina do Castelo. “O relevo criou duas condições distintas para a primeira ocupação do solo (...) os planaltos, terrenos delgados e pobres deram origem aos primeiros assentamentos e à vida urbana; na encosta e no fundo dos vales, terras espessas e férteis deram lugar à agricultura e à vida rural. Lisboa nasceu no cume e nos flancos de um abrupto monte que domina a margem do Tejo.”<sup>29</sup> Desde então, que o crescimento da cidade e da sua arquitectura

---

<sup>28</sup> GRAÇA, J. L. C. *Carrilho da Graça: Lisboa*, Dafne Editora, 2015, pg. 57

<sup>29</sup> Idem, pg. 51

são condicionados pela disposição especial do território, que imprimiu à sua estrutura, uma diversidade de traçados urbanos potenciados pela diversidade de épocas e culturas que se sucederam.

Lisboa terá tido a sua origem na colina do Castelo, mas desde cedo foi dotada de um polo ribeirinho, pois a relação com o rio e os seus afluentes a par com as linhas de fecho, terão feito sempre parte da origem da ocupação da cidade de Olissipo, quer pela posição dominante sobre a terra e a água que o declive proporciona quer pela tendência marítima acentuada.

A cidade não é só o seu presente, é também o produto do esforço feito a cada momento de várias civilizações, que deixaram os seus vestígios, influências, a sua herança depositada e consolidada no tempo. Conferindo a Lisboa uma identidade única.



47. Vista de Lisboa, 1514 (séc. XVI)

### 3.1 GRAÇA

#### 3.1.1 Breve contexto histórico

*“O escritor Fialho de Almeida, em Lisboa Galante, diz mesmo: «É do adro da Graça que Lisboa deve ser mirada numa noite sem lua».”*

(Rego, 2006: 29)

Na actual Freguesia de São Vicente de Fora situa-se a antiga Freguesia da Graça, mais conhecida por Graça, que constitui uma das áreas geográficas emblemáticas da cidade de Lisboa. A antiga freguesia englobava o conjunto urbano situado ao longo das colinas da Graça e de S. Gens, ambas incluídas na Colina de Santo André – uma das sete de Lisboa.

A história da Graça pela relevância da sua colina, é documentada a partir da Alta Idade Média, quando era um arrabalde de cultivo desafogado da alcáçova muçulmana, designado de *Almofala* ou *Almafala*<sup>30</sup>.

Aproveitando as qualidades estratégicas notáveis inerentes à localização e à topografia da colina, por ser das colinas mais altas da cidade, D. Afonso Henriques também toma o local para instalar as suas tropas para atacar a então cidade muçulmana. (Calado e Ferreira, 1993: 18)

“Durante os primeiros anos da nacionalidade portuguesa, a vida deste arrabalde não se alterou substancialmente. Fora do perímetro urbano e da velha muralha, continuou a ser uma área de abastecimento de produtos

---

<sup>30</sup> Era o nome antigo do que hoje se chama «a Graça» em Lisboa. Dizem-no João de Sousa e Moura, mas sem citar fonte, e Herculano. Este nome e a sua variante Almofala são vulgares na toponímia do nosso país, mas hoje só na forma última. A uma herdade de «Almafala» se refere um documento de 1221; mas já aparece esta forma num diploma de 907. No Egipto havia uma povoação deste nome. Do árabe almahalla, com passagem do h para j, segundo a regra: significa «arraial» (ou «acampamento») e também «aldeia»; e é talvez esta significação que convém a este nome. No Cantar de Mio Cid e em Leges a forma mais frequente é Almofala, no primeiro sentido. Em Marrocos designa o bairro dos judeus, erradamente transcrito mellah. É também frequente nos nossos jornais na forma mehalla, no primeiro sentido. (LOPES e CASTELO-BRANCO, 1968: 158 a 160)

“O exército, ou acampamento. Demos pregão em Almafalla. Duarte Nunes de Leão. Chr. Do Conde D. Henrique pag.171. O sitio, aonde está fundado o Convento da Graça em Lisboa, também assim se chamava antigamente.” (SOUSA e MOURA, 1830, Pg.54)

“A Almafala, um ponto de ocupação militar muito próximo da cidade, situava-se no morro da Graça e a Penha de França teria uma torre ou bastião de Alvorge. Teriam por missão proteger o Norte da cidade de intrusões”. (PINHEIRO, 2015: 40)

hortícolas à cidade”<sup>31</sup> e poucas eram as pessoas que aqui moravam (Calado e Ferreira, 1993, Pg.18) mas “muitos eram os passeantes dado ser um dos mais importantes elos de ligação da recém-conquistada Lisboa com as quintas e lugares do Ocidente. Este cariz rústico, rural e desimpedido manteve-se por mais de um século.”<sup>32</sup>

Grande parte das terras que se incluíam neste arrabalde “pertenciam, por doação régia, aos monges agostinhos que tinham ajudado” D. Afonso Henriques “a consolidar a reconquista cristã e a reconhecer a independência nacional no plano externo.”<sup>33</sup> Ainda em 1147, os monges iniciaram a construção de um “grande mosteiro com cemitério público em S. Vicente e de um pequeno eremitério na encosta do Monte de S. Gens” (actualmente Ermida da Senhora do Monte), “procurando melhores condições de isolamento para a meditação”<sup>34</sup>.

“A partir de final do século XII, a população da zona oriental da cidade (extramuros) aumentou de tal modo que se constituíram as duas novas paróquias de Santa Marinha, em 1190, e de Santo André, em 1209. O sítio da Graça passou então a ficar repartido por três freguesias ou paróquias: S. Vicente, Santo André e Santa Marinha.”<sup>35</sup>

Por volta de 1271, D. Afonso III patrocina as obras do convento para 50 frades eremitas calçados de Santo Agostinho na colina da Graça. E em 1305 todos os conventos da Ordem de Santo Agostinho são consagrados a Nossa Senhora da Graça. É na época de consolidação da zona entre S. Vicente e o Convento da Graça “com a construção de habitações junto dos edifícios religiosos e ao longo dos velhos caminhos de delimitação das cercas”<sup>36</sup>, que se define o nome do bairro e freguesia.

Os espaços urbanos principais aparecem já determinados em função do largo do convento e do postigo da Graça. A norte deste, ficava um

---

<sup>31</sup> CALADO, Maria; Ferreira, Vitor Matias. *Lisboa: freguesia da Graça*. Guias contexto 23. Lisboa: Contexto, 1991, Pg.18.

<sup>32</sup> CML, Agenda Cultural Outubro, 1994, Pg.26

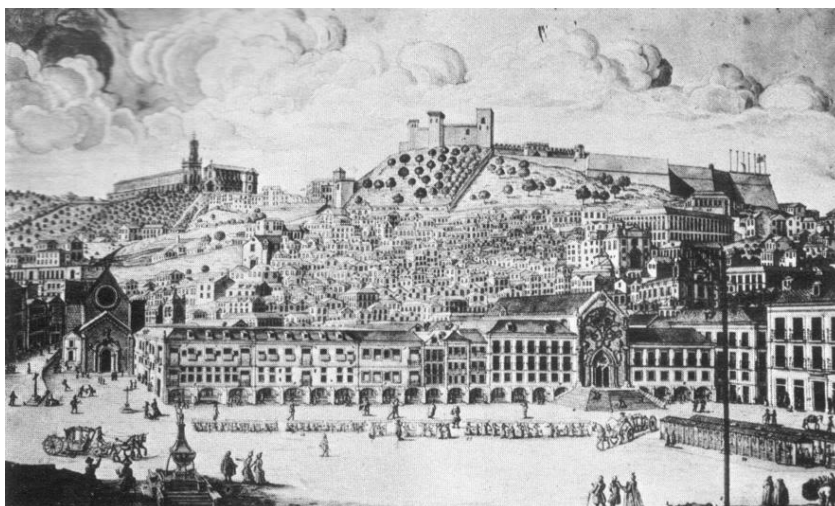
<sup>33</sup> CALADO, Maria; Ferreira, Vitor Matias. *Lisboa: freguesia da Graça*. Guias contexto 23. Lisboa: Contexto, 1991, pg.18

<sup>34</sup> Idem, pg.19

<sup>35</sup> Idem, ibidem

<sup>36</sup> Idem, ibidem

pequeno largo pelo qual se saía da muralha Fernandina em direcção à Cruz dos Quatro Caminhos<sup>37</sup> (Sapadores), ao longo de um caminho rural que permeava os campos de hortas e quintas e ligava os pequenos casais e aldeias dos arredores.



48. Vista de Lisboa, que demonstra os campos abertos da colina da Graça e S. Gens, 1755.

O desenvolvimento da colina da Graça no século XV deve-se aos frades Agostinhos que iniciaram a sua urbanização. Já no século XVI, o factor que contribuiu para o crescimento da colina foram os terramotos ocorridos. Estes fizeram com que muitos moradores da cidade antiga procurassem novos locais para habitar, sendo a Graça um dos locais mais procurados, por ser uma zona alta, menos povoada e de melhores ares.

Nos séculos XVII e XVIII, cresceu o prestígio da zona com a construção de grandes palácios (Condes de Figueira, Senhores da Trofa e Abelhos) que apenas consolidaram o núcleo habitacional já existente, podendo afirmar-se que já nessa altura se resgataria na zona uma ambiência de Bairro. (Agenda Cultural Outubro 1994: 26)

Depois do grande terramoto, tal como Lisboa, o bairro da Graça sofreu várias alterações, nomeadamente “uma alteração no tecido social com a mudança de alguns membros da aristocracia para esta zona da cidade”<sup>38</sup>, a reconstrução de alguns dos seus palácios, do seu majestoso convento, que

<sup>37</sup> Nome dado ao irregular largo formado pelo cruzamento de quatro caminhos (hoje, as ruas denominadas da Graça, de Sapadores, da Penha de França e Angelina Vidal) e ao cruzeiro que nele se erguia. Este foi um dos locais onde, por ocasião do terramoto, estava instalada a força. (SANTANA e outros, 1994: 324)

<sup>38</sup> REGO, Colectividades de Lisboa Freguesia da Graça, 2006, Pg.16

continuara a representar um polo agregador e unificador do sítio, e a abertura de pequenos caminhos entre as propriedades, articulando os diversos núcleos.

“Local aprazível e saudável, a Graça tornou-se então uma das áreas mais atractivas da cidade.”<sup>39</sup> (Calado e outros, 2013:50)

No âmbito das Reformas Liberais, em 1834, as ordens religiosas são extintas e os monges agostinhos saem de S. Vicente e da Graça. O convento é ocupado como quartel e a igreja transformada em sede paroquial (Santo André e Santa Marinha). Grande parte dos terrenos conventuais foram expropriados e vendidos a particulares, outros reverteram para a Câmara. (Calado e Ferreira, 1991: 26 e 27)

Em finais do século XIX, as paróquias de Santo André e Santa Marinha são extintas e integraram-se na unidade paroquial e administrativa – Freguesia da Graça. (Rego, 2006: 14)

A jovem Freguesia adapta-se por esta altura a uma nova ordem “com a crescente industrialização e o aparecimento do operariado”. Passou a “contar, entre os seus habitantes, com um expressivo número de operários, o que viria a reflectir-se no aspecto arquitectónico dos edifícios datados dessa época. Aos conventos e palácios sucederam-se os pátios e as vilas que serviam de residência à nova classe operária, como os da Vila Sousa, da Vila Berta”<sup>40</sup>, da Vila Rodrigues, do Bairro Estrela D’Ouro e do Pátio Barbosa. Todos eles bairros operários que ainda hoje permanecem acarinhados pelos seus moradores.



49. (esquerda) Vila Berta.

50. (direita) Vila Estrela de Ouro.

<sup>39</sup> CALADO e outros, Lisboa Vista do Céu, 2013, Pg.50

<sup>40</sup> REGO, Colectividades de Lisboa, 2006, Pg. 16

Durante a primeira República (1910-1926), sucederam-se os projectos culturais e pedagógicos intensificando a dinâmica cultural do bairro. Paralelo a este crescimento esteve também o desenvolvimento dos transportes urbanos, primeiro o elevador, e depois a carreira do eléctrico, que vão permitir uma melhor ligação com as outras zonas da cidade, nomeadamente toda a faixa ribeirinha oriental e a Baixa (Calado e Ferreira, 1991: 28). Esta ligação mantém-se até os dias de hoje e complementa o sistema rodoviário de transportes públicos e a utilização automóvel. Este último tem vindo a se intensificar e a complicar a vivência do Bairro.

Refreado o processo cultural republicano e fabril do princípio do século XX a Graça continua, porém, o seu percurso popular e bairrista “demonstrando um processo de mudança no tecido social, verificando-se mesmo algum crescimento demográfico e funcional.”<sup>41</sup>

Ao longo dos séculos a Graça, tem-se revelado um bairro com características que lhe conferem uma grande capacidade de flexibilidade e de adaptação. Esta capacidade continua nos dias de hoje, à medida que vamos vendo a sua consolidação como bairro residencial, mas também a sua nova transformação ultimamente em zona de atracção turística.

51. Cronologia Histórica. Da esquerda para a direita: 1812, 1856-58, 1970-83, 2017.



<sup>41</sup> CALADO, Maria; Ferreira, Vitor Matias. *Lisboa: freguesia da Graça*. Guias contexto 23. Lisboa: Contexto, 1991, pg.28

### 3.1.2 Enquadramento

Hoje, a Graça é um bairro rico e diversificado, uma fusão do antigo com o novo, um bairro que atrai não só os lisboetas, mas também os estrangeiros, que encontram nele uma alma e um valor histórico numa localização privilegiada.

Segundo Kevin Lynch, as características físicas que determinam bairros são continuidades temáticas, que podem consistir em variadas componentes, textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifícios, costumes, actividades, habitantes, estilo de conservação, topografia.<sup>42</sup>

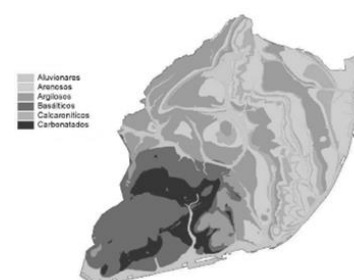
A Graça apresenta todas estas características e apesar de não ser uma freguesia com limites administrativos, define-se como bairro tanto a nível do tecido da cidade como na mente cultural dos lisboetas.

Possui 0,34km<sup>2</sup> de área e 5 786 Hab (dados relativos aos censos de 2011), sobre uma densidade populacional de 17 017,6 hab/km.

A sua configuração é de declive acentuado (Fig. 53) permitindo a existência de vários pontos sobre os quais se pode apreciar a vista da cidade e do rio, e apresenta três tipos diferentes de solo: argiloso, basáltico e arenoso, que podemos constatar através da análise da Carta de Tipo de Solos, do PDM (Fig.54).



52. Cortes que permitem visualizar o declive. Fonte: Lourenço, Nuno; Salgado, Manuel (1995), pg. 127



53. Carta de Tipo de Solos, PDM Relatório síntese Caracterização Biofísica - 17.11.2016

<sup>42</sup> Lynch, Kevin. (1982)



Posto isto, apresenta uma malha urbana heterogénea, devido ao seu crescimento “orgânico” ao longo da linha de fecho, em que se insere, e de caminhos naturais que dela irradiaram. (Matos,2006, Pg.126)

Quanto à malha urbana, tendo percorrido o bairro e analisado a Carta Topográfica de Lisboa pode-se observar que a sua estrutura é composta por quarteirões de formas e tamanhos irregulares, que apresentam inúmeros exemplos arquitectónicos representativos de diferentes épocas. Edifícios que vão desde a mais simples das residências até ao mais imponente palácio, convento, igrejas, vilas e pátios operários. Aliada a esta heterogeneidade arquitectónica existe uma variedade de comércio tradicional, que potencia uma vivência de bairro.

O acesso ao bairro pode ser efectuado de diversas formas. Dois dos principais acessos efectuam-se pela Rua de Sapadores e a Rua Angelina Vidal com ligação directa à Rua da Graça, rua que culmina no Largo da Graça, o eixo principal e central ao bairro. Estes acessos são tanto pedonais como rodoviários, e em especial, através do eléctrico nº28.

Quanto ao fluxo automóvel, este verifica-se mais concentrado na zona de Sapadores (contígua ao local de intervenção) e na rua da Graça. Observa-se um maior fluxo de transportes públicos na Rua de Sapadores. Fluxos que actualmente se caracterizam um pouco caóticos, pelo aumento da procura turística e local.

Relativo ao estacionamento constata-se que este é feito de forma anárquica na maioria dos arruamentos. Muitas vezes o estacionamento é feito em segunda fila o que leva a um congestionamento da circulação rodoviária, e outras vezes invadindo o espaço de circulação para peões, que por si só já se caracteriza reduzido.

O fluxo pedonal verifica-se mais intensivo nas zonas de lazer e comerciais da Graça. Sendo que de entre as zonas de lazer, destacamos os Miradouros Sophia de Mello Breyner Andresen e da Senhora do Monte, como dois dos lugares mais procurados, pela sua localização privilegiada, que possui uma extraordinária vista sobre Lisboa e sobre o Tejo, tanto para os

moradores como para os turistas. Das zonas comerciais destacamos a Rua da Graça, por se tratar do eixo central e com a maior oferta comercial do bairro.

Relativamente à população do bairro, através da análise dos dados estatísticos dos censos de 2011, podemos concluir que esta se caracteriza idosa. Ainda assim “os laços estabelecidos entre as pessoas e o bairro são visíveis na entreajuda existente nos movimentos associativos, com o intuito de melhorar a imagem do bairro.”<sup>43</sup>

Em termos sociais, verificamos que a Graça “é também nome de bairro e sinónimo de uma vivência social feita de cumplicidade”<sup>44</sup> e demonstra um forte sentimento de comunidade, de vizinhança e de coesão social (...) salientando-se a importância de valores como o orgulho no bairro, (...) cada vez mais raros nos dias de hoje.”<sup>45</sup>

Graças a esta vivência popular aliada a uma vivência cosmopolita, em conjunto com o património cultural imaterial, o património arquitectónico e a privilegiada localização e topografia do bairro, este lugar é hoje um destino na cidade procurado por visitantes que desejam conhecer uma Lisboa autêntica.

---

<sup>43</sup> “Grande exemplo é a Assembleia Popular da Graça e Arredores e o workshop ReAction (organizado por uma associação sem fins lucrativos - a MEDS) que foi realizado no bairro, onde a população se uniu à equipa de trabalho, com o objectivo de o melhorar”. (SOARES, 2013: 118)

<sup>44</sup> RÉGO, Colectividades de Lisboa Freguesia da Graça, 2006, Pg.14

<sup>45</sup> SOARES, Ana Sofia, O bairro da Graça, 2013, pg.118





**56.** Vista do topo da Rua Angelina Vidal, fotografia da autora.

**54.** Vista da subida da rua, com o histórico eléctrico nº28, fotografia da autora.

**55.** Vista da rua a partir do balcão nº23.

**57.** Início da rua, no cruzamento com as ruas do Forno do Tijolo e Maria da Fonte, fotografia da autora.

### 3.2 RUA ANGELINA VIDAL

A história da Rua Angelina Vidal recua até aos princípios da fundação da cidade de Lisboa, contudo apenas a partir do século XVIII é que a Rua deixa de ser considerada caminho, para tornar-se “rua”. Recebe vários nomes: Calçada e caminho do Forno de Tijolo (a Charca<sup>46</sup>), Rua de S. Vicente Ferreira, Rua de S. Vicente ao Forno do Tijolo<sup>47</sup>, Calçada de Sta. Apolónia, Travessa do Forno de Tijolo, e finalmente Rua Angelina Vidal.

Particular à sua anterior designação “Caminho do Forno do Tijolo”, esta advém da existência de oficinas e fornos de telha e tijolo<sup>48</sup> na área circundante, devido à riqueza dos terrenos em argila.

Inserida no tecido consolidado da Graça, a rua tem início na Rua da Graça e fim no cruzamento entre as ruas do Forno do Tijolo e Maria da Fonte. Trata-se de uma artéria íngreme da cidade que liga Anjos à Graça e Sapadores, essencial no propósito de deslocação pública e privada – percorrida também pelo histórico eléctrico nº 28.

Em tempos caracterizada como um caminho secundário ladeado por grandes campos de cultivo, balizado com edificado de pequena dimensão, foi gradualmente assistindo a um desenvolvimento urbano estimulado em particular no século XIX e XX com a fixação do proletariado. Sobre a sua urbanização, encontramos a descrição de Norberto Araújo, também referente ao baptismo do nome actual da rua:

---

<sup>46</sup> XARCA “Xarca(a) Assim se chama ainda correntemente ao «Caminho do Forno do Tijolo», isto é, à depressão profunda de terreno entre a Graça e o Monte, em Lisboa. Do árabe Axacca (com r intercalado, Axarca (como em «alicerce, alferce», etc.) que significa «fenda», terreno despenhado e apertado, garganta entre colinas», nome que bem convém ao sítio. Como em outros casos, o a inicial tornou-se como o artigo feminino português e diz-se por isso a Xarca.” (LOPES e CASTELO-BRANCO, 1968: 181)

<sup>47</sup> Macedo, Luiz Pastor de. *Lisboa de lés-a-lés: subsídios para a história das vias públicas da cidade*. Lisboa: Câmara Municipal 1940, Pg.110,111,112.

<sup>48</sup> Sobre os fornos de tijolo que emprestaram primeiro o seu nome ao sítio e depois a um caminho e a uma calçada (actual rua Maria da Fonte), diz o sr. José dos Arqueólogos Portugueses: «Se bem que, como dissemos, essa oficina e fornos, fossem muito antigos, só passaram a dar o nome ao sítio, a partir dos princípios do século XVIII; só dessa época por diante se começa a chamar Sítio do Forno do Tijolo, ao local onde se fabricava a telha e o tijolo e às terras próximas. Até então eram conhecidas vagamente por terras que ficavam ao Almocávar ou ao pé de N. Sr.ª do Monte. «Extintos os fornos e oficina, em meados do século XVIII, a sua memória perdurou no nome das ruas que, cá debaixo desde a Travessa do Maldonado, iam subindo até à Cruz dos Quatro Caminhos: Calçada e Caminho do Forno do Tijolo. Há uns quinze anos desapareceram estes nomes já tradicionais para serem substituídos pelos que agora se ostentam nas esquinas: rua Maria da Fonte e rua Angelina Vidal.» (MACEDO, 1940: 110,111,112)

*“Esta Rua Angelina Vidal <sup>49</sup> – assim chamada depois de 1917, ano em que morreu a poetisa, idealista do socialismo – era, como te disse o Caminho do Forno do Tijolo. A data da urbanização desta rua pode quase fixar-se em 1908, não havendo antes mais do que dez ou doze moradias dispersas. À direita era tudo encostas, campos suspensos do Monte Agudo.”<sup>50</sup>*

Acompanhando o desenvolvimento da Graça a nível demográfico e funcional, a Rua Angelina Vidal testemunha o mesmo tipo de desenvolvimento e consolidação. Os anos 50 do século XX conhecem uma Rua Angelina Vidal consolidada e activa – como concluímos pela carta urbana e fotografias históricas. A tipologia do edificado corresponde a edifícios de habitação, média de cinco pisos, com unidades de comércio ao nível do piso térreo, caracterizados por uma linguagem arquitectónica típica do edificado lisboeta.

A partir dos anos 70 século XX, com o desenvolvimento das periferias de Lisboa, verificamos um gradual decréscimo da população residente, acompanhado por um envelhecimento da população local. A década final do século XX conhece o conjunto urbano da Rua Angelina Vidal a necessitar de reabilitação. No princípio do século XXI o edificado da Rua Angelina Vidal é sujeito a um processo de reabilitação geral, assim como a pontuais demolições e construções novas – uma vez que se inclui numa área de intervenção prioritária definida pela CML.

Actualmente, o conjunto de quatro edifícios que se encontra no cruzamento da Rua com a Rua da Graça é o último lugar a necessitar de urgente requalificação – e sobre o qual nos propomos a intervir.

---

<sup>49</sup> “Angelina Vidal que desde 1924 tem o seu nome nos dísticos da rua, foi uma das filhas do maestro Joaquim Casimiro e empregou grande parte da sua criatividade na propaganda das ideias republicanas. A este respeito diz Luiz Augusto Palmeirim: «Quem havia de dizer ao maestro quando tão chegado andava à corte, que este devia ser o destino da sua descendência? Diz-se que o coração é profeta. Por acaso o do maestro Casimiro, desvendando futuros, se entenebreceria, antecipadamente, antevendo a miséria a bater à porta de uma das suas filhas, e vendo a outra deixar-se arrastar pelo tufão da política, e por ideias tão contrárias às que ele próprio professava?». Colaborou em vários jornais, discursou em muitos comícios de propaganda republicana e deixou alguns trabalhos em prosa e verso, os quais vêm relacionados no vol. XXII do *Dic. Bibliogr. De Inocência*. Nessa relação, dada aliás sem a pretensão de ser completa, falta um trabalho sobre a história da capital intitulado *Lisboa antiga e Lisboa moderna, publicado em 1900*. Angelina Vidal que fora casada com o médico da Armada, dr. Luiz Augusto de Campos Vidal de quem enviuvava em 1894, faleceu quase na miséria no nº41 da Rua de S. Gens, em 1 de Agosto de 1917.” (MACEDO, 1940: 114)

<sup>50</sup> Idem, pg.30





**60.** Fotografia da Rua Angelina Vidal, nº 9 a 17, de Pozal, Fernando Martinez 1899 – 1971.

**59.** Fotografia da Rua Angelina Vidal nº 23 a 29, de Goulart, João Hermes Cordeiro 1969.

**58.** Fotografias do edifício nº23, e detalhe azulejar do friso, de Saporiti, Teresa, 1937- Almeida, Ana Lopes de, 1938



### 3.3 Nº 7 / 29 – O LUGAR DE INTERVENÇÃO

A partir de informação pesquisada no AML, e estudo de cartas cartográficas históricas, em particular os levantamentos efectuados por Filipe Folque e Siva Pinto, observamos que o desenvolvimento deste lugar e conjunto edificado acompanhou a consolidação urbana da Rua Angelina Vidal. O edificado trata um conjunto habitacional, que pela observação da cartografia de Folque, concluímos ser do século XIX e XX, e inclui uma passagem pública sobreelevada adjacente que remonta ao início do século XX – segundo dados do AML<sup>51</sup>.

A definição arquitectónica do conjunto é complexa e distinta entre os vários edifícios na sua relação com a rua, número de pisos, área, revestimento e cor. O edifício que inflecte na direcção da Rua da Graça, nº7/17, actualmente o edifício de tom encarnado, apresenta uma fachada de três pisos, animada por sequência ritmada de vãos. O edifício nº19/21, confinante ao edifício anterior, é definido por dois pisos, e o edificado de tom verde, nº23, é caracterizado por um piso, longa fachada e um frontão central. Por último o volume nº25/29 é dividido por dois pisos, funciona como muro de suporte e desenha a frente para a Rua Angelina Vidal.

A tardoz, na zona do antigo jardim, foi efectuado ao longo dos anos um conjunto desqualificado de construções ilegais, para albergar usos industriais, actualmente desactivadas.

Sobre o acabamento e detalhe do edificado novecentista, os três volumes são rebocados e pintados por cores que mediante observação fotográfica, compreendemos não serem originais, e apresentam revestimentos e frisos azulejares de padrões e tons distintos – hoje incompletos. As coberturas são em telha lusa – o que possivelmente não corresponde à solução original. Os caixilhos são de madeira e apresentam-se num estado considerável de degradação. As guardas, de ferro.

Tratam-se de edifícios sujeitos a sucessivas intervenções ao longo dos séculos, e que hoje, depois de várias demolições, furtos e incêndio, se

---

<sup>51</sup> Ver em Anexos II.

encontram caracterizados por uma integridade física precária. Do conjunto original, apenas os edifícios nº23/29 reúnem condições e características suficientes para a sua reabilitação.

Em suma, e consequente das sucessivas intervenções, incêndio, furtos e ocupação por parte de toxicodependentes, hoje o lugar apresenta-se descaracterizado, desligado do contexto da cidade – ainda que localizado num entroncamento chave à cidade. Agora que compreendido o contexto histórico, relação com a cidade e carências, é agora possível estruturar e propor uma intervenção no local. Uma intervenção que visa a sua reintegração na cidade e requalificação funcional e arquitectónica.



**61.** Vista do conjunto a intervir, no topo da rua, fotografia da autora.

**62.** (esquerda superior) Vista do conjunto sobre Lisboa.

**63.** (esquerda inferior) Interior do edifício nº23.

**64.** Fachada do edifício nº 23 vista da cobertura dos nº 25-29.





## 4. PROJECTO

*“Num determinado ponto o território tem uma certa constituição geológica, forma topográfica, animais e plantas sob o céu, sol, frio ou chuva. Vivemos sobre a terra e construimos com tudo o que está disponível. Podemos construir o que quisermos, mas não podemos deixar de construir com sentido. “*

(João Luís Carrilho da Graça, 1994)<sup>52</sup>

### 4.1. PROGRAMA

Tendo em conta a nova dinâmica da cidade de Lisboa, impulsionada pela crescente procura turística, e as características que fazem do Bairro da Graça um destino turístico – nomeadamente os seus miradouros, os seus percursos antigos, largos, conventos e vilas e pátios operários, o seu passado conventual, palaciano e industrial – torna-se relevante reavaliar e viabilizar o património e edificado de valor existente através da sua requalificação, reabilitação e recuperação. Assim, como inicialmente estipulado, os objectivos principais deste trabalho cingem-se na requalificação do conjunto edificado devoluto nº7/29 na Rua Angelina Vidal, através de um programa de unidade hoteleira, na requalificação e reintegração do vazio urbano enquanto jardim-miradouro e parque de estacionamento, e reabilitação da via-pública e escadaria de acesso ao Mercado dos Sapadores, por forma a complementar e acrescentar à diversidade urbana<sup>53</sup> da zona da Graça, proporcionando uma experiência singular, e actuando como um elemento regenerador do lugar.

A proposta visa que os lugares requalificados sejam integrados de forma harmoniosa no tecido consolidado da cidade, respeitando e contribuindo para a identidade histórica e arquitectónica, e participantes no acolhimento das populações locais e turísticas, acrescentando à dinâmica do bairro/cidade.

---

<sup>52</sup> CARRILHO DA GRAÇA, João Luís, in *A arquitectura é perigosa* 1994.

<sup>53</sup> “Os órgãos públicos e semipúblicos deveriam implantar seus edifícios e instalações em locais onde eles em princípio contribuam efectivamente para a diversidade.” (JACOBS, Jane, 2000: 281)

## 4.2 PROPOSTA URBANA

A proposta de projecto tem origem na identificação de cinco problemas principais na Rua Angelina Vidal e envolvente próxima: a necessária requalificação do conjunto edificado nº7/29 que nos propomos a intervir; a falta de espaços verdes associados à localidade; a necessidade de qualificação de um vazio urbano descaracterizado; o estacionamento anárquico; e por último, as desactualizadas condições de deslocação pedonal na via pública.

Reconhecendo estes problemas, propomos três estratégias base para a sua resolução: integração dos casos urbanos no tecido consolidado da zona histórica da cidade; introdução de novos usos apropriados ao lugar e à cidade; e a reabilitação e requalificação do espaço público.

A proposta centra-se também no princípio de que os lugares requalificados sejam integrados e participantes nos percursos da cidade – em particular aos percursos associados à zona da Graça: miradouros, bairros operários, eléctrico nº28, e percursos temáticos.

### 4.2.1 Jardim - Miradouro da “Favorita”

A zona da Graça onde nos propomos a intervir, situa-se numa das linhas de fecho mais antigas da história de Lisboa. A sua condição geográfica é privilegiada na relação de abertura paisagística sobre o rio e a cidade, o que permite um percurso encantador pelos seus miradouros, todos situados a poente da mesma. Desde o Miradouro do Convento da Penha de França, ao Miradouro de Monte Agudo, ao Miradouro da Nossa Senhora do Monte, ao Miradouro Sophia de Mello Breyner Andresen e finalmente ao Miradouro do Castelo.

Entre os Miradouros do Monte Agudo e da Nossa Senhora do Monte, existe um vazio<sup>54</sup> urbano com cerca de 7100m<sup>2</sup> desligado do tecido



65. Vista do vazio urbano. Fotografia da autora, 2016.

<sup>54</sup> O vazio fora outrora o local de implantação da Fábrica de Chocolates Favorita.

da cidade sobre o qual nos propomos a intervir, requalificando-o enquanto jardim-miradouro e parque de estacionamento.

Particular à requalificação enquanto jardim-miradouro, três argumentos contribuem para esta qualificação: o primeiro é decorrente da análise SWOT<sup>55</sup> e inquérito feito à população sobre a zona de intervenção, onde concluímos que existe uma significativa falta de espaços verdes na zona - ainda que tenha sido aberto ao público o jardim da Cerca da Graça – contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos moradores e habitantes da cidade; o segundo resulta da constatação da oportunidade de complementar o percurso entre os miradouros Monte Agudo e Senhora do Monte, com um miradouro-jardim que lhes será intermédio; e o terceiro apoia-se na memória dos espaços verdes outrora característicos da localidade da Graça.

*“(…) um jardim belo é a presença permanente da natureza, mas de uma natureza reduzida à proporção humana e posta ao serviço do homem e é o mais eficaz refúgio contra a agressividade do mundo contemporâneo (...)”*

(Luís Barragan)<sup>56</sup>



66. Croquis de ideia para a requalificação do vazio enquanto espaço verde, esboço de processo.

Tirando partido da vista panorâmica sobre a cidade de Lisboa e o rio Tejo, o projecto compreende um jardim desenhado por um conjunto de percursos de circulação que conduzem a zonas de estadia, um espaço de restauração com esplanada orientada a Sul, um recreio infantil e instalações sanitárias públicas. A este nível encontram-se também os acessos ao estacionamento subterrâneo igualmente proposto.

A vegetação é caracterizada por árvores de fruto e de cheiro espalhadas pelo perímetro do jardim, por forma a também criar um distanciamento físico, visual e sonoro do edificado envolvente – contribuindo para a privacidade dos moradores.

<sup>55</sup> Ver em Anexo II

<sup>56</sup> MENDES, Rui, João Favila Menezes, e Fernando Amado, eds. *Atelier Bugio*. 1ªed. Lisboa: A + A Books, 2010, pg. 134

O seu acesso é feito de três formas: pela Rua da Penha de França, estabelecendo uma relação directa com o Mercado de Sapadores; e pela Rua António Maria Baptista, sendo que uma das entradas é efectuada pelo portal rehabilitado da antiga Fábrica da Favorita.

Relativamente à materialidade aplicada, prevendo-se para os pavimentos uma solução permeável e confortavelmente percorrível, propomos composição reciclada composta por pedra e borracha de pneus (Sudstech Patented Permeable Paving System). Pontualmente, quando se verifica necessário, prevê-se a aplicação de lajetas de pedra calcária penteada.



67. Portão da antiga fábrica de chocolates da Favorita. Fotografia da autora, 2016.

#### 4.2.2 Proposta de Estacionamento Subterrâneo

Verificou-se igualmente que uma das principais condicionantes da zona de intervenção é a falta de estacionamento.

Face a este problema propomos um parque de estacionamento subterrâneo ao jardim igualmente proposto, que compreende duzentos e cinquenta lugares de estacionamento repartidos por dois pisos, apoiado por funções anexas ao estacionamento (segurança), e respectivos acessos verticais para o jardim.

A proposta visa a reabilitação das estruturas em betão armado remanescentes da intervenção prévia no local, respeitando a sua geometria e acrescentando novas estruturas igualmente em betão armado necessárias ao novo uso.

Relativamente ao acesso ao parque, verificou-se a existência de um intervalo entre dois edifícios habitacionais, com frente para a Rua da Penha de França e com uma ligação directa ao vazio existente. Aproveitando esta lacuna no tecido consolidado da rua, propomos por um lado que a entrada e saída do parque de automóvel seja realizado neste local. Por outro, que o intervalo seja cerzido por cima do acesso com um edifício habitacional, e cuja cércea acompanhe as mesmas dos edifícios contíguos. Ao nível do piso



68. Lacuna na Rua da Penha de França, nº9 a 11. Fotografia da autora, 2016



térreo, paralelamente ao acesso ao parque e ao próprio imóvel, propõe-se um acesso pedonal ao jardim público, relacionando-o desta forma com o Mercado de Sapadores.

Entende-se este parque subterrâneo vital na necessidade de estacionamento dos moradores, comerciantes e visitantes da Graça e da Penha de França, e no melhor aproveitamento do vazio urbano.

#### 4.2.3 Acessibilidade

João Rocha e Castro defende que “a acessibilidade e a mobilidade pedonal são um factor de extrema importância na implementação do desenho universal no espaço público para todos, se forem respeitados ao nível da concepção e desenho determinados vectores que visam evitar o surgir de barreiras arquitectónicas, que impeçam a circulação de utentes de mobilidade reduzida, como crianças, idosos, acidentados, mães com crianças de colo, invisuais e deficientes motores.”<sup>57</sup>

Face aos aspectos de acessibilidade e mobilidade pedonal, levantamos duas questões preocupantes na zona: primeira, a dimensão estreita dos passeios – por isto, saturados. Principalmente nas ruas com comércio levando à circulação pela estrada; e segunda, a escadaria desconfortável de acesso ao Mercado de Sapadores.

Como tal, propõe-se retirar o estacionamento público de ambos os lados da Rua da Penha de França, no troço que compreende o mercado de Sapadores, privilegiando apenas alguns lugares para moradores de mobilidade reduzida; e o alargamento do passeio, por forma a desafogar a rua, privilegiar o acesso pedonal ao mercado, ao jardim, ao comércio de rua, o acesso aos transportes, e finalmente o acesso ao parque de estacionamento que se propõe.

---

<sup>57</sup> SOARES, Ana Sofia, O bairro da graça, 2013, pg.29

Com o objectivo de melhorar a acessibilidade ao Mercado de Sapadores a proposta prevê um jogo de rampas, tanto para as pessoas de mobilidade reduzida como para a população em geral. Para tal, prevê-se a demolição da escadaria existente, e do restaurante existente, que foi acrescentado ao projecto inicial do arquitecto Alberto de Souza Oliveira de 1991/92. A proposta de demolição do restaurante é acompanhada pela realocação do mesmo programa, desta vez integrado no jardim proposto – como apontado no subcapítulo anterior.

Sobre o aspecto da materialidade, temos por objectivo relacionar a proposta com as condições materiais existentes. Assim, e por forma a facilitar a própria deslocação nas rampas, propomos lajetas de pedra calcária e basáltica, e um desenho que tira partido do cromatismo associado ao material, contribuindo para uma apropriada deslocação por parte da população com problemas visuais.





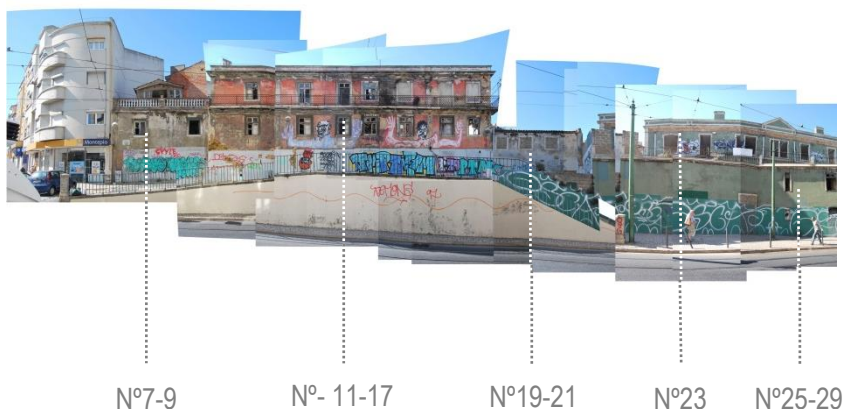
### 4.3 PROPOSTA ARQUITECTÓNIA

#### 4.3.1 Unidade Hoteleira – “Hotel da Graça”

Quando projectamos a requalificação do conjunto edificado nº7/29, Rua Angelina Vidal, pensamo-lo numa perspectiva de consolidação e integração no tecido da cidade. Procurou-se relacionar a proposta com a escala do lugar e envolvente próxima, de uma forma harmoniosa, contínua e reinterpretada em relação às pré-existências.

Apresenta-se um lote complexo, limitado por direcções enviesadas entre si, que compreendem várias frentes. Por um lado, a Norte, a Rua Angelina Vidal – uma rua movimentada, caracterizada por um declive acentuado; a Nascente, um encontro irregular entre um edifício habitacional de quatro pisos e a delimitação do seu logradouro; a Sul, o limite compreende uma direcção, contudo assume um alçado que resume as frentes cegas dos edifícios adjacentes, caracterizados por cinco, dois, um, e seis pisos respectivamente; a Poente, o limite é estabelecido por um muro de contenção de desenho quebrado, e aberto sobre a paisagem - Lisboa.

Em primeiro lugar, tendo em conta uma perspectiva de proposta de conjunto, procedeu-se a uma avaliação crítica sobre o estado de conservação das pré-existências. Do conjunto total, concluímos que apenas o edificado compreendido pelos nº23/29 se apresentava como de valor e oportuno a reabilitar – sendo que o restante (nºs 7/21) se encontrava num estado de conservação precário, e, portanto, procedemos à sua demolição.



69. Fotomontagem do conjunto edificado e indicação dos respectivos números.

Assumindo este gesto sobre o lote e conjunto edificado, procedemos agora à requalificação deste lugar, enquanto unidade hoteleira. Propomos a reabilitação dos limites do lote, o edificado compreendido pelos n.ºs 23/29, e o acesso a partir da Rua Angelina Vidal, assim como um novo edificado coerente com o programa de unidade hoteleira.

Para além do volume reabilitado, a proposta de edificado novo compreende dois volumes principais que vão assentar sobre dois pisos subterrâneos – cozidos com os pisos inferiores pré-existentes (n.ºs 25/29). De um ponto de vista de volumetria e escala do projecto, pretende-se uma proposta coerente na sua relação volumétrica – largura e altura – com a envolvente pré-existente. Respeitamos um limite de quatro pisos acima do solo, assumindo no desenho da sua implantação as direcções do edificado adjacente e limites do lote – cozendo os volumes com o edificado pré-existente vizinho.

A estrutura do edificado proposto é em ferro – pilares de secção “H”, vigas de mesa larga, e vigotas de aço de alma vazada. Esta decisão de solução construtiva é tomada em função dos seguintes argumentos: maior flexibilidade na sua assemblagem; assemblagem prática mediante limitado espaço de manobra na construção do equipamento; solução construtiva não compromete de forma tão pesada a integridade do solo e lugar. Contudo, perante a necessidade de construir paredes de contenção nos pisos -1 e -2, assim como acessos verticais, estes são em betão armado e metal.

O edifício pré-existente é reabilitado tendo em conta a sua presença enquanto símbolo de vivências de um tempo passado. Desta ideia, assumimos um princípio de afastamento entre o edificado novo e o reabilitado, por forma a permitir um diálogo de respeito e elogio entre os dois. A ligação entre os edifícios é feita pontualmente através de estruturas de metal e vidro, no sentido de ser ligeira a intervenção sobre as fachadas pré-existentes.

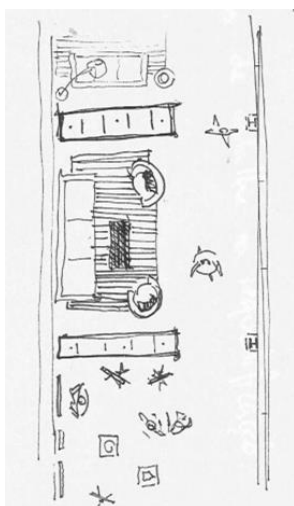
Da estratégia e conceito de implantação caracterizada por um afastamento em relação ao edifício reabilitado e uma ocupação em torno do

perímetro do lote, resultam espaços que trabalhamos enquanto largo, pátios, e miradouro – espaços identitários do bairro da Graça.

O acesso ao hotel começa na Rua Angelina Vidal com a reabilitada passagem de nível. Esta passagem acolhe quem chega a partir do encontro com a Rua da Graça, e quem sobe a Rua Angelina Vidal através de uma escadaria. Após a chegada a este primeiro plano, conhecemos uma rampa que nos encaminha ao longo do alçado do volume proposto, para um largo conformado pelo afastamento entre o edifício reabilitado e o proposto, que já conhece elementos de vegetação e recebe o hóspede que chega da cidade. No largo, afastados do movimento característico da Rua Angelina Vidal, encontra-se a entrada principal do hotel. Após a entrada somos recebidos no lobby e a consequente recepção que define uma fronteira com o pátio que a precede. Situada no novo edifício proposto, é central aos vários serviços e acessos verticais que caracterizam o piso térreo do hotel.

De frente para a recepção, à nossa esquerda, e com vista sobre a Rua, a área social de *lounge* é apoiada por um bar que serve os clientes do hotel. A zona de administração do hotel e acessos verticais seguem imediatamente atrás do *lounge*, acedidas por uma galeria que olha o pátio e acede a sala e acesso exterior do *staff*.

Como referido anteriormente, a implantação dos volumes é encostada ao perímetro do lote, conformando dois pátios. Os espaços que caracterizam cada piso são por sua vez orientados para a vista exterior ao lote, situando a galeria de distribuição aos espaços sempre orientada para os pátios – esta solução de organização espacial será a solução-tipo aplicada em todos os pisos, com exceção nos pisos inferiores.



70. Croquis do lounge multifuncional do Piso Térreo (elaborado pela autora).

Voltando à recepção, à nossa direita, parte o acesso ao restaurante que é situado no edifício reabilitado, e um segundo espaço de *lounge*. Este é um espaço comprido que olha sobre o pátio central, dividido por espaços apropriados à leitura, de ocupação temporária. Este espaço oferece uma flexibilidade funcional, oportuno a exposições, eventos, e outras funções. No final da sala situam-se os acessos verticais panorâmicos e o acesso à galeria de distribuição aos quartos orientados a poente.

O restaurante, situado no reabilitado edifício pré-existente, é essencial na dinâmica de contacto com a população local. Dedicado a quem se serve do hotel e à população local, o ambiente que se vive é de charme. Aproveitando o desenho de abertura de vãos e a forma da cobertura original, a reabilitação interior é assumidamente contemporânea. A materialidade aplicada varia entre a madeira e paredes e cobertura rebocadas de cor branca. A sua organização concentra os serviços nos extremos do edifício, libertando o centro para o espaço de refeição. O espaço de refeições prolonga-se para o exterior de ambas as suas frentes. A Norte, reabilitamos o espaço exterior enquanto terraço informal que olha a rua; a Sul, já no pátio, desenhamos uma esplanada que olha sobre o jardim central. Ainda que público, o acesso é condicionado por forma a garantir um controlo e segurança, os clientes terão de necessariamente passar pela recepção e os hóspedes terão um cartão de acesso, quando ascendendo pela galeria dos quartos.

Os dois pisos inferiores ao piso térreo do hotel concentram os serviços colectivos públicos, os espaços de serviço, e o estacionamento dos veículos da administração e hóspedes.

O piso -1 concentra três núcleos de espaços. Estes são específicos aos programas de “*wellness center*”, uso polivalente, e serviços – sendo que os primeiros dois compreendem o acesso e iluminação dos pátios e jardim-miradouro.

De usufruto público, o “*Wellness Center*”, acedido a partir da recepção e a torre de acesso panorâmico, apresenta um programa que compreende funções lúdicas, de lazer e tratamento físico – respectivamente, ginásio, *spa*, piscina, tratamento de estética, e serviços de balneários. Chama-se à atenção para o desenho dos espaços da piscina e ginásio. Estes projectam uma relação directa com o exterior, resolvendo questões de ventilação, iluminação e bem-estar dos espaços. À semelhança da piscina do Complexo Desportivo Sibera Serrallo, do arquitecto Siza Vieira, propõe-se que a piscina exista simultaneamente no interior como no exterior – acrescentando à dinâmica do espaço, e contribuindo para o seu carácter. A piscina partilha assim o espaço do jardim-miradouro, por sua vez desenhado



71. Croquis de ideia para o espaço de restauração (elaborado pela autora).



como espaço de lazer, aberto sobre a paisagem e servido por um pequeno bar.

O programa de uso polivalente compreende três salas, sendo possível converter duas numa sala de maior dimensão mediante o uso de painéis amovíveis, auxiliadas por um mini lounge e instalações sanitárias. As salas compreendem dimensões equilibradas face à dimensão do hotel, e desempenham uma relação directa com o exterior, resolvendo questões de ventilação e iluminação tal como no “wellness center”. Aptas para receber reuniões, eventos, *workshops* variados, exposições temporárias e iniciativas como conferências, seminários e lançamentos de livros.

O piso -2 é maioritariamente definido pelo estacionamento, que conta com 21 lugares. Para além disto, encontramos os acessos ao hotel, público e do *staff*, uma zona técnica, armazém de mercadorias e espaço de interface dos lixos do hotel, sendo este último de relação com a Rua Angelina Vidal, por forma a facilitar a sua recolha.

De volta à superfície, concentramo-nos nos quartos. Distribuídos pelos dois volumes verticais situados a Norte e a Poente, a solução para os quartos em termos de organização e materialidade proposta é na sua essência igual entre volumes, conhecendo pequenas alterações mediante a sua orientação.

O volume situado a Norte – de frente para a Rua Angelina Vidal – é caracterizado por três pisos de quartos, sendo cada piso dividido por seis quartos. O acesso é feito em galeria e ao longo da sua extensão protagoniza uma relação com o exterior – olhando o pátio das salas polivalentes. A galeria é caracterizada por um jogo de avanços e recuos respectivos aos acessos públicos: verticais e privados; e aos quartos, por forma a definir níveis de privacidade.

O volume Poente – caracterizado por uma paisagem aberta sobre a cidade – é por sua vez definido por quatro pisos de quartos, cada piso dividido por seis quartos. A galeria é desenhada com a mesma lógica do volume Norte, distinta apenas por olhar o pátio central.

A organização-tipo dos quartos concentra os arrumos e instalação sanitária junto à entrada – e no caso do volume Norte, também adjacente à caixa do elevador – libertando o espaço para cama e secretária. Cada quarto conta com uma relação com o exterior. No caso Norte, esta relação é definida por dois vãos que se abrem para o interior, limitados por uma guarda de ferro; no volume Poente, trabalha-se uma relação com a paisagem através de uma confortável varanda que também se define enquanto espaço de permanência. A materialidade aplicada é caracterizada pela aplicação da madeira e paredes rebocadas no espaço de dormir, e na instalação sanitária pela aplicação de pedra, azulejo e vidro.

Sobre a caracterização dos alçados, procurámos gerir o seu desenho seguindo os princípios em cima desenvolvidos. À semelhança do caso dos Terraços de Bragança, optamos por trabalhar o desenho dos alçados em função da frente sobre a qual se debruçam. O alçado Norte, frente à Rua Angelina Vidal, é caracterizado por uma reinterpretação e essencialização da composição dos alçados locais – procurando integrar-se no lugar – desenhado em função de uma métrica e relação de abertura de vãos típica da Graça e à semelhança do ritmo do edifício reabilitado. Esta reinterpretação é também material. O alçado compreende um revestimento a azulejo de cor grená – tal como o friso do edifício reabilitado – sendo os vãos contornados por uma cantaria de pedra de aplicação essencializada e reinterpretada.

Os alçados interiores – de frente para o pátio – são caracterizados por um desenho de linhas contemporâneas. À semelhança do alçado Norte, panos de vidro pautados por paredes revestidas a azulejo 14x14 cm da Viúva Lamego, de cor grená, fecham a galeria e situam-se em frente aos pilares de ferro.

O embasamento característico dos alçados interiores é acabado em pedra calcária gateada, à semelhança da composição típica dos alçados lisboetas.

A cobertura dos edifícios será feita tendo em conta a linguagem das coberturas da Graça, contudo por uma questão de maior aproveitamento de

espaço interior, optamos pelo sistema de cobertura em mansarda, revestido a zinco, com uma estereotomia e cor aproximada a uma cobertura em telha – à semelhança do projecto dos DSNJ nos Terraços das Olarias. Os vãos abertos nas coberturas serão em água furtada.



**72.** Croquis de ideia para alçado poente  
(elaborado pela autora)



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começámos por nos concentrar sobre uma investigação teórica que compreendeu uma reflexão sobre o que é requalificar, as várias estratégias associadas à requalificação urbana e arquitectónica contemporânea no tecido consolidado do centro histórico, e os princípios associados. Concluimos que a correcta requalificação visa a integração harmoniosa do projecto contemporâneo no contexto em que se pretende inserir e a melhoria da circunstância do lugar. A estratégia a seguir deverá respeitar a identidade local, sendo esta central no desenho do projecto de requalificação. O projecto deve ser autêntico à sua contemporaneidade. A sua linguagem e construção devem ser contemporâneas e reflectir uma reinterpretação e essencialização das mesmas a partir do contexto do lugar. A harmoniosa distinção e integração coerente da proposta no centro histórico contribui para uma continuidade da identidade e autenticidade do lugar, cidade, e a própria proposta.

Sobre a temática do detalhe e materialidade aplicada num projecto de requalificação, verificamos que estes são essenciais na contribuição para um diálogo entre o pré-existente e o novo e para o enriquecimento da experiência espacial. A correcta escolha e aplicação dos materiais desempenha um papel central na relação do edifício com o indivíduo, assim como para a contribuição do sentido de beleza da arquitectura e espaço – contribuindo para a identidade do lugar e do Homem.

A concepção do projecto começa no seguimento de três análises: a evolução histórica e urbana de Lisboa, Graça e Rua Angelina Vidal, um inquérito feito à população, e de uma análise SWOT. Constatamos quatro problemas principais na zona a que nos propomos intervir: a falta de espaços verdes; a falta de estacionamento público e privado; a deficiência da acessibilidade pedonal e a inexistência de um equipamento que recebe e acolhe o visitante à Graça.

A proposta requalifica e volta a integrar o conjunto edificado no bairro da Graça e cidade, considerando uma estratégia que pretende a

valorização do edificado existente, situar o lugar e edificado no contexto actual da cidade e qualificá-lo para o futuro.

A introdução da unidade hoteleira reinterpreta os elementos caracterizadores da identidade da Graça – “largo”, “miradouro”, “pátio”, desenho arquitectónico e materialidade aplicada – e é caracterizado por um gesto urbano desenhado a partir dos limites de piso e cérceas envolventes. O resultado é um equipamento que constrói uma relação próxima com o lugar, população local e da cidade, ao mesmo tempo que atribui uma nova vida e valor à Rua Angelina Vidal e acrescenta à diversidade do bairro da Graça – ultrapassando a sua função, sagrando-se como um equipamento sinónimo da cultura local e ao serviço da cidade de Lisboa, Graça, Rua Angelina Vidal e da população.







## 6. BIBLIOGRAFIA

**AGUIAR**, José; **CABRITA**, António Reis; e **APPELTON**, João. (1998). *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais: Volume I*, ed. LNEC, Lisboa.

**ARAÚJO**, Norberto. (1938). *Peregrinações em Lisboa*. Volume VIII

**BAEZA**, Campo. (2011). *Pensar com as mãos*. Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas, SA

**CANNATÀ**, Michele e **FERNANDES**, Fátima. (1999). *Construir no Tempo*. ESTAR Editora

**CALADO**, Maria; **Ferreira**, Vitor Matias. (1991). *Lisboa: freguesia da Graça*. Guias contexto 23. Lisboa: Contexto.

**CALADO**, Maria; **HENRIQUES**, Mateus; **MENDES**, Clara; **JORGE**, Filipe; e **MENESES**, Cristina (2013). *Lisboa Vista do Céu*. Argumentum

**CARTA DE CRACÓVIA**, 2000

Disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.ppd>

**CHOAY**, Françoise. (2015). *Alegoria do Património*. Edições 70, Lda.

**CML**, Câmara Municipal de Lisboa. (2011). *Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa 2011-2024*

Disponível em: [http://www.aimouraria.cm-](http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/fileadmin/AIMOURARIA/documentos/pdf/Estrategia_Reabilitacao_Urbana_Lisboa_2011-2024.pdf)

[lisboa.pt/fileadmin/AIMOURARIA/documentos/pdf/Estrategia\\_Reabilitacao\\_Urbana\\_Lisboa\\_2011-2024.pdf](http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/fileadmin/AIMOURARIA/documentos/pdf/Estrategia_Reabilitacao_Urbana_Lisboa_2011-2024.pdf)

**GRAÇA**, J. L. C. (2015). *Carrilho da Graça: Lisboa*. Porto: Dafne

**ITO**, Ren. (2003, 2004). *Álvaro Siza Design Process – Quinta do Bom Sucesso Housing Project*. IST PRESS

**JACOBS**, Jane (2000). *Morte e vida de grandes cidades*. Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo.

**LEYDECKER**, Sylvia. (2003). *Designing Interior Architecture - Concept Typology Material Construction*. Birkhäuser Verlag GmbH, Basel, Germany

**INEC**. (1990). *A Conservação do Património Histórico Edificado*. Lisboa, I&D Edifícios.

**LOPES**, David, e **CASTELO-BRANCO**, Fernando. (1968). *Páginas olisiponenses*. Lisboa: Câmara Municipal,

**MACEDO**, Luiz Pastor de. (1940). *Lisboa de lés-a-lés: subsídios para a história das vias públicas da cidade*. Lisboa: Câmara Municipal.

**MENDES**, Rui; **MENEZES**, João Favila e **AMADO**, Fernando. (2010). eds. *Atelier Bugio*. 1ªed. Lisboa: A + A Books

**PALLASMA**, Juhani. (1996). *The eyes of the skin*. Londres: Academy Editions

**PINHEIRO**, Magda. (2011). *Biografia de Lisboa*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

**PURINI**, Franco. (2009). *Compor a Arquitectura*. ACD Editores e Centro Editorial FAUTL.

**REGO**, Maria João Figueiroa. (2006). *Colectividades de Lisboa Freguesia da Graça*. CML

**ROBERT**, Philippe. (1989). *Reconversions Adaptations: New Uses for Old buildings*. Paris: Moniteur cop.

**SANTANA**, Francisco, e Eduardo Sucena, *Dicionário da história de Lisboa*, 1994

**SIMMONS**, H. Leslie. (1989). *The Architect's Remodeling, Renovation, & Restoration Handbook*. New York.

**SIZA**, Álvaro e **CASTANHEIRA** Carlos. (2001). *As cidades de Álvaro Siza*, Porto: Figueirinhas

**SIZA**, Álvaro. (2012). *Imaginar a evidencia*, Lisboa: Edições 70

**SOUSA**, Fr. João de e **MOURA**, Fr. Jose de Santo Antonio. (1830). Vestígios da Língua Árábica em Portugal

**TÁVORA**, Fernando. (2006). *Da Organização do Espaço*. 6ª ed. Porto: FAUP

**VAZ**, Pedro. (2011). *Reabilitação – Projecto e Obra Palácio da Cidadela de Cascais*. Museu da Presidência da República.

**ZUMTHOR**, Peter. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Edições Gustavo GILI.

## TESE DE MESTRADO

**CARDIA**, Marcelo. (2016). *Limite como Memória -Consolidação da Rua do Sítio ao Casalinho da Ajuda a propósito do Parque Natural do Rio Seco*. FAUL.

**SOARES**, Ana Sofia. (2013). *O Bairro da Graça: Dinamização do espaço público*. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes.

**GOMES**, Marta Garcia Teixeira. (2011). *Reconversão de Edifícios Habitacionais em Lisboa – Aplicação ao Caso de Estudo das Unidades Hoteleiras*. Instituto Superior Técnico

## REVISTAS

**APPLETON**, João. (2007). *Reabilitação Urbana e Tecnologias de Intervenção*, Arquitectura Ibérica, Nº19 Reabilitação, Caleidoscópio, Portugal.

**BAESSO PEREIRA**, Renata. *Quatremère de Quincy e a ideia de tipo*. Revista 13 – artigo 4

Disponível em:

<http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2013%20-%20artigo%204.pdf>

**CML**. (1994) Agenda Cultural Outubro 1994.  
Disponível em: Gabinete de Estudos Olissiponenses

**MOREIRA**, Maria da Graça Santos Antunes. (Dez 2007). *Requalificação Urbana – Alguns Conceitos Básicos*. Artitextos. Nº 5. FAL.

Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1802>

**PEDREIRINHO**, João Manuel. (2011). *O Novo e o Antigo Contemporâneo*, Arquitectura Ibérica, Nº36 Reabilitação, Caleidoscópio, Portugal.

## **WEBGRAFIA**

[http://www.anacosta.pt/works\\_detalhes2.aspx?id=14](http://www.anacosta.pt/works_detalhes2.aspx?id=14)

<http://architectuul.com/architecture/casa-del-fascio>

<http://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.pt/2013/02/ruas-com-nomes-de-jornalistas-v.html>

[http://alguma8.rssing.com/chan-7032791/all\\_p2.html](http://alguma8.rssing.com/chan-7032791/all_p2.html)

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

<https://toponimialisboa.wordpress.com/category/ruas/page/56/>

## **7. ANEXOS**

**ANEXO I** | Quadro de áreas

**ANEXO II** | Documentos referenciados no escrito

**ANEXO III** | Lisboa: Breve enquadramento histórico e urbano.

**ANEXO IV** | Cartografia e iconografia histórica

**ANEXO V** | Levantamento Fotográfico da rua

**ANEXO VI** | Maquetes

**ANEXO VII** | Painéis Síntese



## ANEXO I | Quadro de áreas

PROGRAMA HOTEL		
ÁREA BRUTA DE CONSTRUÇÃO		
	m <sup>2</sup>	
PISO -2	1076	
PISO -1	1403.1	
PISO 0	1194.0	
PISO 1	535	
PISO 2	535	
PISO 3	535	
TOTAL ABC		5278.1

### QUADRO DE ÁREAS INTERIORES

ÁREAS INTERIORES			m <sup>2</sup>
PISO -2			
REAB	DEPÓSITO DE LIXOS	22.4	57.0
	ENTRADA SERVIÇO/ACESSOS	34.6	
SERVIÇO	ARRUMOS/ESPAÇO EXTRA	35.8	93.1
	ZONA TÉCNICA	16.5	
	ACESSOS VERTICAIS SERVIÇO	21.0	
	ARMAZÉM DE SERVIÇO	19.8	
EST.	ESTACIONAMENTO	771.0	798.0
	ACESSOS VERTICAIS PÚBLICOS NASC.	27.0	
			948.1
PISO -1			
REAB	LAVANDARIA	16.4	117
	ACESSOS LAVANDARIA	14.6	
	ENGOMADORIA	14	
	ARRUMOS	50	
SERVIÇO	ACESSOS VERTICAIS RESTAURANTE	22	110.92
	ACESSOS VERTICAIS SERVIÇO	17	
	ARRUMOS MOBILIÁRIO	15	
	ESCRITÓRIO CHEFE	8	
	DISPENSA	8	
	BALNEÁRIO SERVIÇO FEMININO	15.6	
	BALNEÁRIO SERVIÇO MASCULINO	15	
	I.S. FEMININA	6.7	
	I.S. MASCULINA	6.7	
	DISPENSAS	12.62	
	COPA	6.3	
	ACESSOS VERTICAIS PÚBLICOS POENTE	31.2	
	RECEPÇÃO	17.8	
	GINÁSIO	51.9	
	SALA DE AULA	35.4	
WELLNESS CENTER	BALNEÁRIO MASCULINO	28	517.6
	BALNEÁRIO FEMININO	29.9	
	I.S. MOBILIDADE REDUZIDA	3	
	GABINETE BEAUTY	21.7	
	GABINETES SPA x3	51.7	
	BALNEÁRIO APOIO PISCINA M	15	
	BALNEÁRIO APOIO PISCINA F	15	
	PISCINA	180	
	SAUNA	6.3	
	BANHO TURCO	4.8	
	ARRUMOS	5.7	
	CASAS DAS MÁQUINAS	7.5	
	BAR	8.7	
	MINI-COPA	4	
	ACESSOS VERTICAIS PÚBLICOS NASC.	27	
MULTIFUNÇÕES	LOUNGE	16.5	274.1
	SALAPOLIVALENTE	47.7	
	SALAPOLIVALENTE	46.9	
	I.S. MASCULINA	19.8	
	I.S. FEMININA	19.5	
	AUDITÓRIO	92	
	ARRUMOS	4.7	
			1019.62

### QUADRO DE ÁREAS EXTERIORES

ÁREAS EXTERIORES			m <sup>2</sup>
PISO -1			
REAB	PÁTIO NASCENTE	253	317.4
	PÁTIO POENTE	163.5	
	MIRADOURO	317.4	
			733.9
PISO 0			
REAB	ESPLANADA RUA ANGELINA VIDAL	103	260
	ESPLANADA INTERIOR	144.5	
	ZONA DE ESTAR	92.6	
	COBERTURA VERDE		
	ACESSOS RESTAURANTE	64.9	
	LARGO	260	
			665.0
PISO 1			
REAB	COBERTURA VERDE PERCORRÍVEL	272	272
		272	
TOTAL			1671

ÁREAS EXTERIORES			m <sup>2</sup>
PISO 0			
REAB	ACESSOS VERTICAIS RESTAURANTE	19.9	226.2
	COZINHA	33.4	
	RESTAURANTE	138.5	
	SALA PRIVADA	15.6	
SERVIÇO	I.S. RESTAURANTE	18.8	103.5
	BAR	7	
	COPA DE BAR	9.5	
	ADMINISTRAÇÃO	21	
	COFRE	3.2	
	SALA SEGURANÇA	21.3	
	BAGAGEM DE DIA	4.2	
	COPATRABALHADORES	15.2	
	QUARTO APOIO RECEPÇÃO	5.1	
	ACESSOS VERTICAIS SERVIÇO	17	
	LOBBY	97	
	LOUNGE	54.6	
	ACESSOS VERTICAIS PÚBLICOS NASC.	27	
	POLI LOUNGE	117	
	I.S. LOUNGE	21.8	
PÚBLICO	ACESSOS VERTICAIS PÚBLICOS POENTE	31.2	500.5
	QUARTOS POENTE x6	139.2	
	ESCADAS POENTE	12.7	
			830.2
PISO 1			
POENTE NASCENTE	ACESSOS VERTICAIS PÚBLICOS	18.7	174.9
	QUARTOS x6	153	
	COPA DE PISO	3.2	
	ACESSOS VERTICAIS + ESP. DE ESTAR	45	
POENTE	QUARTOS x6	139.2	199.4
	ESCADAS POENTE	15.2	
			374.3
PISO 2			
POENTE NASCENTE	ACESSOS VERTICAIS PÚBLICOS	18.7	174.9
	QUARTOS x6	153	
	COPA DE PISO	3.2	
	ACESSOS VERTICAIS + ESP. DE ESTAR	45	
POENTE	QUARTOS x6	139.2	199.4
	ESCADAS POENTE	15.2	
			374.3
PISO 3			
POENTE NASCENTE	ACESSOS VERTICAIS PÚBLICOS	18.7	174.9
	QUARTOS x6	153	
	COPA DE PISO	3.2	
	ACESSOS VERTICAIS + ESP. DE ESTAR	45	
POENTE	QUARTOS x6	139.2	199.4
	ESCADAS POENTE	15.2	
			374.3
TOTAL ÁREA REABILITADA			400.2
TOTAL ÁREAS INTERIORES			3920.8

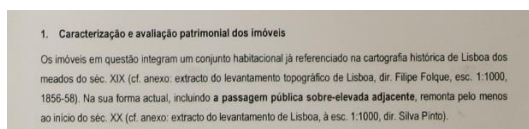




## ANEXO II | Documentos referenciados no escrito

### II.I

Relatório de Vistoria Patrimonial. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa - Obra 33249 - Proc 52-DCEP-IC-2006 - Folha 155



### II.II

Referência para a piscina Projecto Siza\_ Complexo Desportivo Sibera Serrallo – contacto interior e exterior. Fonte: El\_Croquis\_140\_Álvaro Siza\_2001-2008



### II.III

Casa del Faschio, de Giuseppe Terragni.  
Fonte: <http://architectuul.com/architecture/casa-del-fascio>



## ANÁLISE SWOT

- Clima
- Boa Iluminação
- Importância Histórica do Local
- Identidade do Local
- Fluxo de População
- Vida de Bairro
- Turismo
- Proximidade física e visual do Rio
- Vistas Panorâmicas sobre Lisboa
- Comércio Local

- População Envelhecida
- Ruas Estreitas
- Condição das Estradas
- Condição dos Passeios
- Falta de Estacionamento
- Comércio Estrangeiro
- Falta de Espaços Culturais
- Número reduzido de espaços verdes
- Zona maioritariamente de Habitação

- Participação da população residente
- Diferença de Cotas
- Vazios Urbanos

- Diferença de Cotas
- Trânsito
- Roubo e Marginalidade



### ANEXO III | Lisboa: Breve enquadramento histórico e urbano

As origens da ocupação do sítio de Lisboa datam do período Paleolítico Antigo. O seu desenvolvimento reconheceu um avanço importante com a ocupação romana e a sua integração no Império Romano, nos séculos I e II a.C.

A cidade então intitulada de Olissipo, “inicialmente prosperou como opidum”, na fortificação na colina do Castelo, que reporta a 138 a.C., “e atraindo imigrantes tornou-se o centro de uma animada civitas”<sup>58</sup>. Integrada “numa rede viária que, para além das relações proporcionadas pelo seu porto fluvial e marítimo, ligava Lisboa não só aos lugares do seu vasto território, como às outras cidades do Império”<sup>59</sup>, o que fez com que esta ganhasse maior estatuto.

O período da Alta Idade Média, aquando do declínio do Império Romano é marcado pelos domínios de suevos e visigodos. “Com a invasão da Península Ibérica pelos mouros em 711 assinala-se uma nova fase da vida da cidade que passa pelo processo da sua integração no mundo muçulmano”.<sup>60</sup> Com o reforço da urbanidade que entretanto se perdera no período germânico e a valorização das potencialidades do sítio por parte dos muçulmanos, a cidade desenvolve-se “segundo os cânones do planeamento muçulmano – alcácer, medina, hierarquização viária, arrabaldes especializados”<sup>61</sup> – ao mesmo tempo que se acentua a sua relação com a envolvente territorial, de um e de outro lado do Tejo e com cidades exteriores a este.

O fim do domínio islâmico surge em 1147, com o cerco e a conquista da cidade por D. Afonso Henriques, que traçara então o destino da cidade de Lisboa como sede do jovem reino de Portugal. A cidade sofre alterações na sua organização e cresce nas “suas três dimensões territoriais

---

<sup>58</sup> PINHEIRO, Magda de, e Eurico Monchique. *Biografia de Lisboa*. 3ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2014, pg. 25

<sup>59</sup> Idem, pg. 29.

<sup>60</sup> História de Lisboa: tempos fortes

<sup>61</sup> MOITA, Irisalva, ed. *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994, pg.16

contíguas: urbana, periurbana e rural. As suas características físicas são enaltecidas ou adaptadas às novas necessidades: aumentam as velas no Tejo e no Mar da Palha; as colinas mais próximas são pontuadas por igrejas e conventos; o esteiro da Baixa vai se aterrando; nos vales mais propícios densifica-se a produção hortícola.”<sup>62</sup>

Com o crescente aumento demográfico, poder económico e administrativo, em 1256 D. Afonso III eleva Lisboa a um estatuto nacional e internacional, de Capital do Reino.

Desde então, a cidade passou por graves provações como a Peste Negra, catástrofes naturais e o desafio à independência por parte do reino de Castela, contudo Lisboa continuou a expandir-se demograficamente e territorialmente. O que levou a que a cidade se cinge de uma nova muralha em meados do século XIV, que passou a ser conhecida por Cerca Fernandina. A nova muralha envolve a linha de colinas «cristianizadas» com importantes locais de culto - Graça, Santana, São Roque/Trindade, São Francisco – deixando no interior espaços livres «multifuncionais» e passa a acentuar o valor defensivo e até simbólico do Castelo.

No séc. XV, a cidade inicia um crescimento próspero com o fenómeno da expansão. “Os solares senhoriais passam a dominar a sua paisagem (...) Os edifícios notáveis – quintas, palácios, igrejas e conventos -, por sua vez, também foram na sua maioria implantados em promontórios, gerando em seu redor – quais polos irradiadores do povoamento – ocupação agrária e definição de limites de propriedade.”<sup>63</sup>

Nos finais do séc. XV e início do séc. XVI, graças aos lucros ultramarinos e uma política centralizadora reforçada, D. Manuel I confere à cidade uma projecção de capital imperial.

“É no reinado de D. Manuel, que se vai verificar aquilo a que poderemos chamar a emergência do urbanismo moderno em Lisboa, estendendo-se depois a Portugal continental e possessões ultramarinas (...)

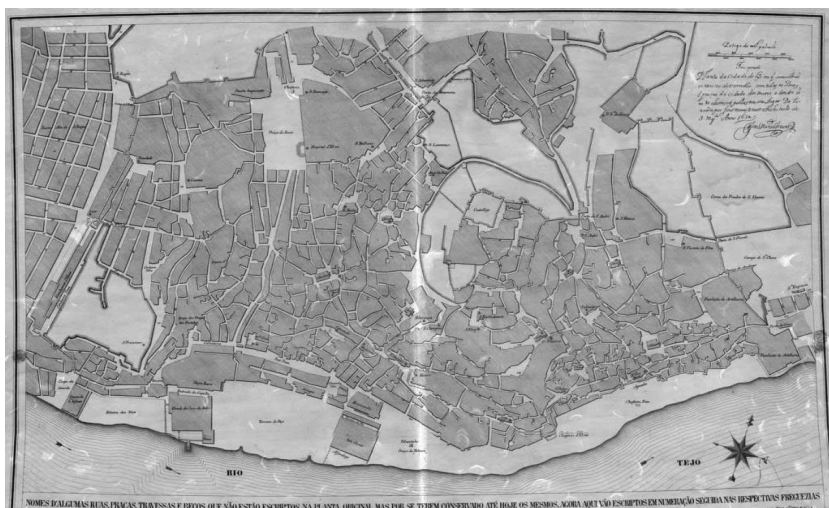
---

<sup>62</sup> MOITA, Irisalva, ed. *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994, pg.16.

<sup>63</sup> Carrilho da Graça: Lisboa, pg. 52

Entre 1498 e 1499 é posto em marcha um programa de reordenamento da cidade, que se prolonga até 1501-1502. Este programa denuncia preocupações funcionais inéditas e pretende responder ao crescente afluxo de bens e de gentes à cidade, cujo crescimento exponencial se inicia desde então. Define-se o espaço da «Ribeira», a partir de uma área pré-existente, que vem da Idade Média, mas agora enquadrando-o através da construção do Paço Real, dito, entretanto, da «Ribeira». A Ribeira passa desde então a ser o próprio lugar do novo Paço. A transferência do Paço Real do alto da colina, onde se encontrava asfixiado já pela estrutura medieval da alcáçova, sujeita a sucessivas adaptações e acrescentos, constitui um sinal político que tem em conta a natureza mercantil do Império português (...) esta campanha de obras oferece, de imediato, o alargamento de um conjunto de vias” e “o rasgamento de vias novas.”<sup>64</sup>

No início do século XVII, “Lisboa disputa a primazia urbana das Hespanhas”<sup>65</sup> e volta-se de novo para a sua vocação de capital portuguesa. Com isto, a cidade recupera a Corte e, com ela são construídos palácios e conventos.



**73.** 1650 - Primeiro levantamento e planta topográfica de Lisboa, por João Nunes Tinoco

<sup>64</sup> PEREIRA, Paulo, pg. 3

<sup>65</sup> Idem, pg. 17

Ao entrar no século XVIII Lisboa teve de novo tempos de esplendor, “com D. João V e com o ouro do Brasil, a capital enriquece, sobretudo em monumentalidade e ostentação da nobreza e da igreja, (...) consolidando-se e embelezando-se o núcleo urbano.”<sup>66</sup>

No entanto, esta ordem inverteu-se na catástrofe que abalou Lisboa em 1755. O terramoto e sucessivos acontecimentos (incêndio e maremoto) impactaram profundamente na transformação das colinas e da própria Lisboa. Em substituição do que foi arrasado, nasce a Lisboa Pombalina, sob a alçada do Marquês de Pombal. “O núcleo central da nova cidade barroca, a Baixa, a nascente e a poente: prolonga-se para dentro da antiga Cerca Moura pela regularização e alteração de escala da rede viária, implanta-se com delicadeza na encosta do Chiado, prolongando-se para as colinas das Chagas e de Santa Catarina; envolve com vias renovadas o núcleo setecentista do Bairro Alto, que se constrói dentro do traçado pré-existente e escorre numa geometria impositiva pelas arribas da Bica.”<sup>67</sup> São visíveis os contrastes entre as diversas malhas urbanas que compõem a cidade e a transformam numa “manta de retalhos”, a Baixa Pombalina funciona assim como um nó de articulação entre as três colinas circundantes.

“O terramoto (...) arruinou a velha cidade. Outra nasceu das cinzas da primeira.”<sup>68</sup>

“Portugal vive, na década de 1780, um período de significativo crescimento, com indicadores positivos na demografia, no comércio externo e na modernização do tecido industrial, que no corpo de Lisboa, se manifesta através do incremento, mas também de significativas fugas ao plano pombalino da reconstrução pós-terramoto.”<sup>69</sup>

“A cidade expande-se a Norte, na área do Rato/Santa Isabel (...), a poente, nas encostas do vale de São Bento, (...) Madragoa, (...) Lapa, e a

---

<sup>66</sup> Idem, pg. 18

<sup>67</sup> Idem, pg. 19

<sup>68</sup> PEREIRA, Paulo, pg. 21

<sup>69</sup> BARREIROS, Maria Helena, e Ana Tostões, eds. *Lisboa: conhecer, pensar, fazer cidade [catálogo]*. Lisboa: Câmara Municipal, 2001, pg. 50

Nascente a iniciativa residiu na expansão planeada e segundo conceitos sociais adequados à assimetria socio-territorial que já se pronunciava na cidade (Lisboa rica e do poder a Oeste/Lisboa popular e do trabalho a Leste): era o novo bairro da Graça, que irá crescendo rio acima.

Outro aspecto do modelo da «nova» cidade: estamos agora perante uma urbe que, embora centrada na imponência da Baixa barroca, evidencia um certo policentrismo, funcional e social: em Ajuda/Belém, Rato/Santa Isabel, Graça/São Vicente.”<sup>70</sup>

Evolui assim a cidade ao longo do séc. XIX, na qual se verifica a densificação do tecido existente e um certo desenvolvimento linear ao longo dos caminhos de acesso a Lisboa, tanto os que seguem os fundos dos vales, como os que vão pelas linhas de cumeada por exemplo Graça/Penha de França, a par com o desenvolvimento dos transportes, inicialmente veículos de tracção animal e mais tarde os eléctricos, que facilitaram a ligação entre cotas e a comunicação com o exterior.

*“Lisboa era, por volta de 1900, um espaço de contaminação funcional e simbólica, articulando velhos bairros ainda activos, um centro fortemente estruturado pela renovação pombalina e os blocos recentes das novas extensões, onde a história afluía através de sobrevivências mais ou menos reconvertidas.”*<sup>71</sup>

A cidade chega-nos até hoje em constante progressão, composta por uma *“diversidade de ingredientes estruturantes. (...) Pessoas provenientes de todo o mundo caminham pelas”* suas ruas *“à descoberta das suas vivências. Percorrem as colinas a pé ou são amparados pelos antigos meios mecânicos na ânsia de encontrar o que lhes foi prometido. Na perspectiva local (...) a cidade guarda, ainda assim, segredos que apenas são desvendados por quem os procura. Ou por quem, dentro dela, ousa perder-se. A pé.”*<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> MOITA, Irisalva, ed. *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1994, pg.19-22.

<sup>71</sup> BARREIROS, Maria Helena, e Ana Tostões, eds. *Lisboa: conhecer, pensar, fazer cidade [catálogo]*. Lisboa: Câmara Municipal, 2001, pg. 63

<sup>72</sup> FARINHA, Andrea Magalhães. *Lisboa e as colinas: vivência pedonal*. Universidade Lusíada de Lisboa, 2015, pg. 33



#### ANEXO IV | Cartografia e iconografia histórica



1.



2..



3.



4.



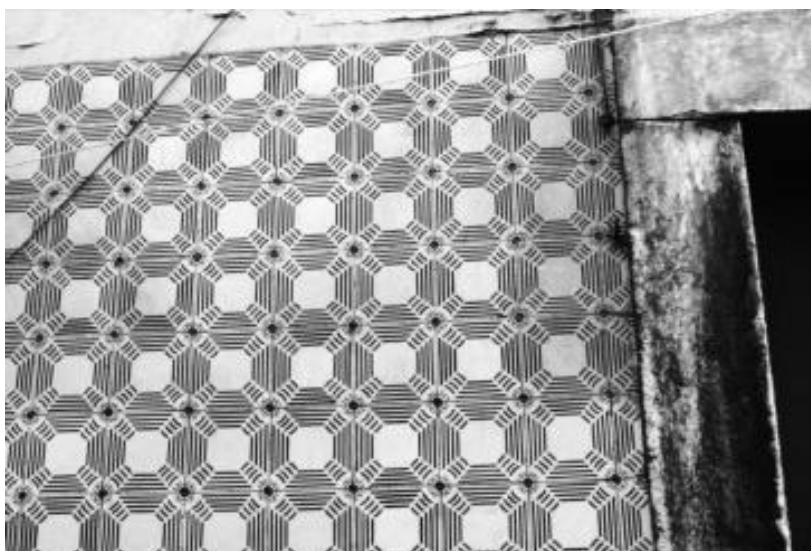
5.



6.



7.



8.

#### Imagens da Rua Angelina Vidal in Arquivo CML

1. Arquivo, CML | 2. Goulart, Artur João 1964 – 05 | 3. Portugal, Eduardo. 1900-1958 | 4. Portugal, Eduardo. 1900-1958 | 5. Nunes, Garcia. 1878-1946 | 6. Portugal, Eduardo. 1900-1958 | 7. Saporiti, Teresa, 1937- Almeida, Ana Lopes de, 1938 | 8. Saporiti, Teresa, 1937- Almeida, Ana Lopes de, 1938



12.



13.



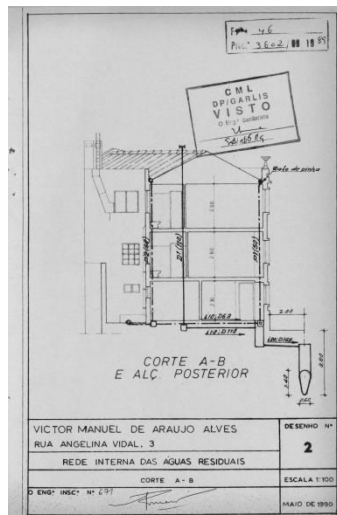
14.

## Imagem da Rua António Maria Baptista in Arquivo CML

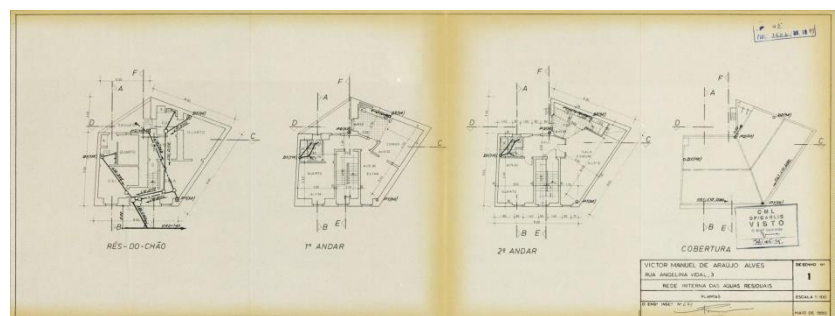
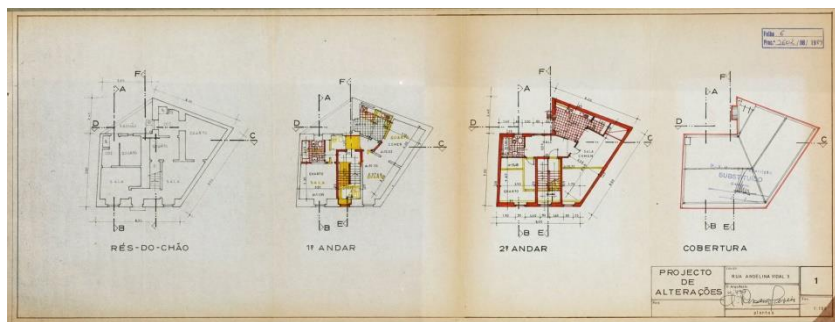
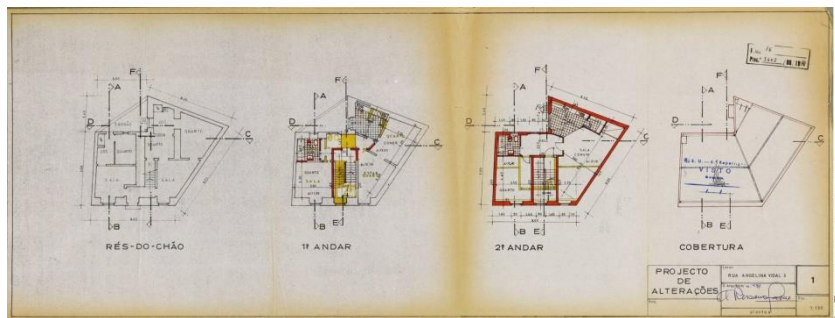
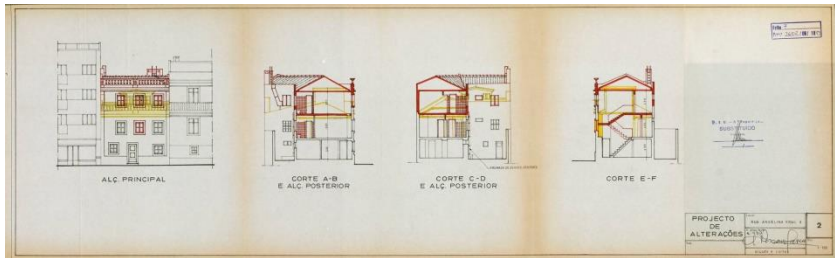
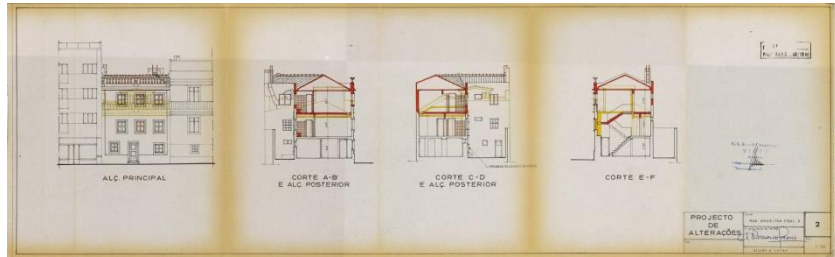
12. Goulart, Artur João | 13. Madureira, Arnaldo. 1940 | 14. Bastos, Artur Inácio. 1904-1975

## Cartografia in Arquivo CML

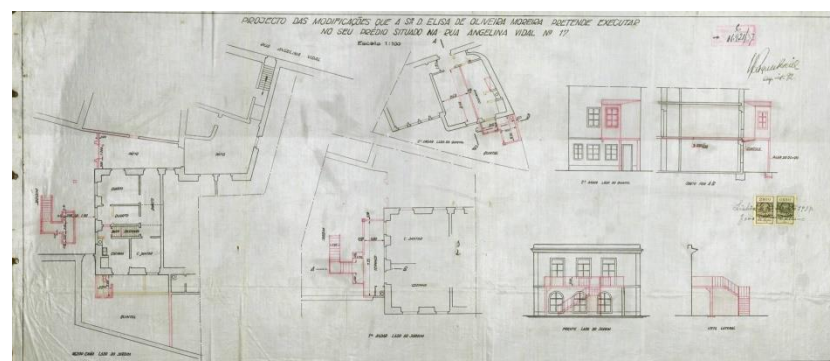
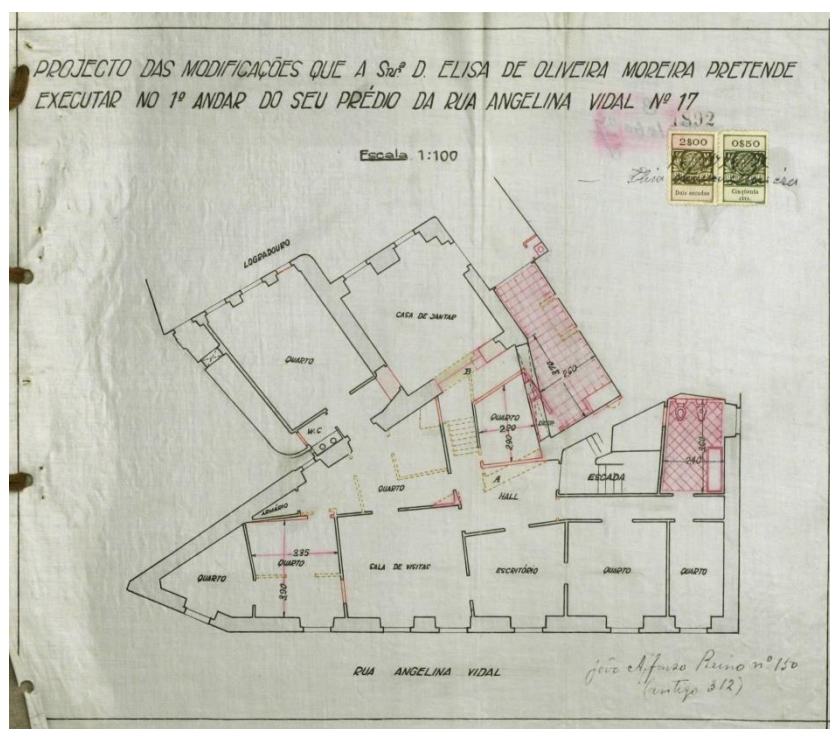
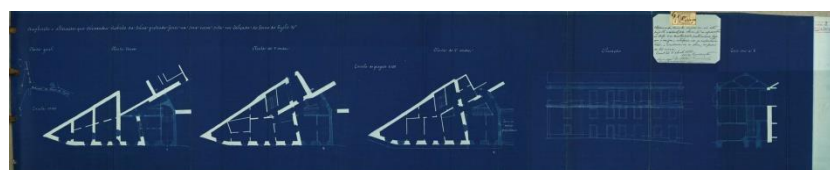
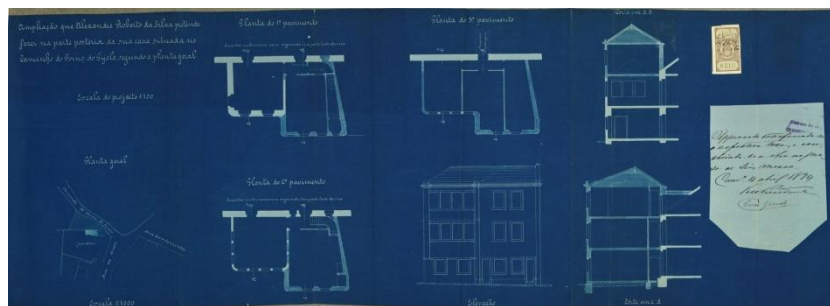
Edifício nº7-9





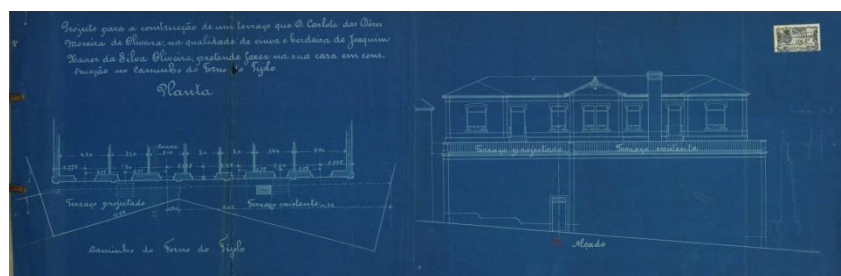
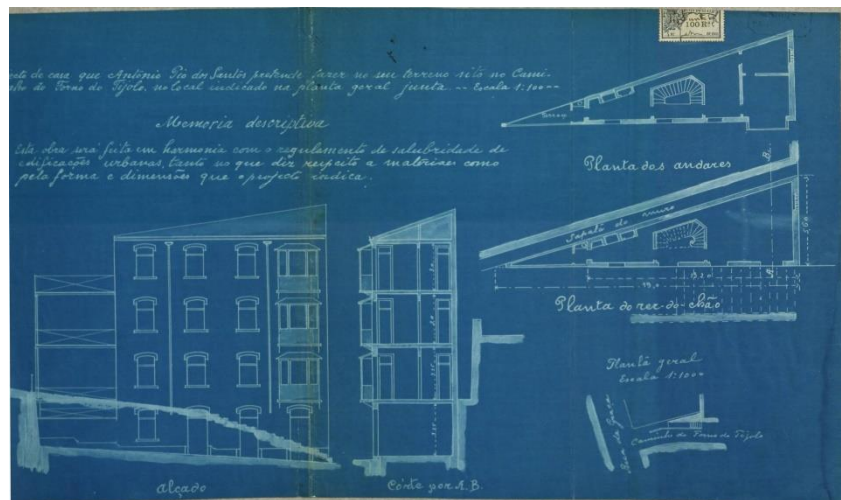


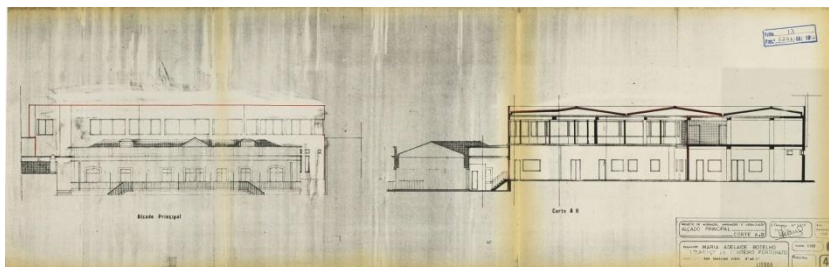
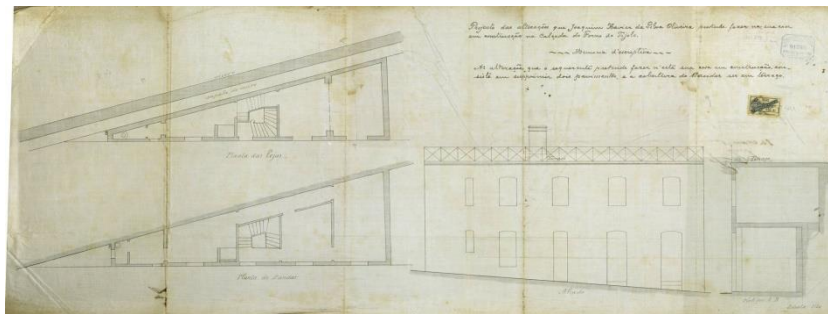
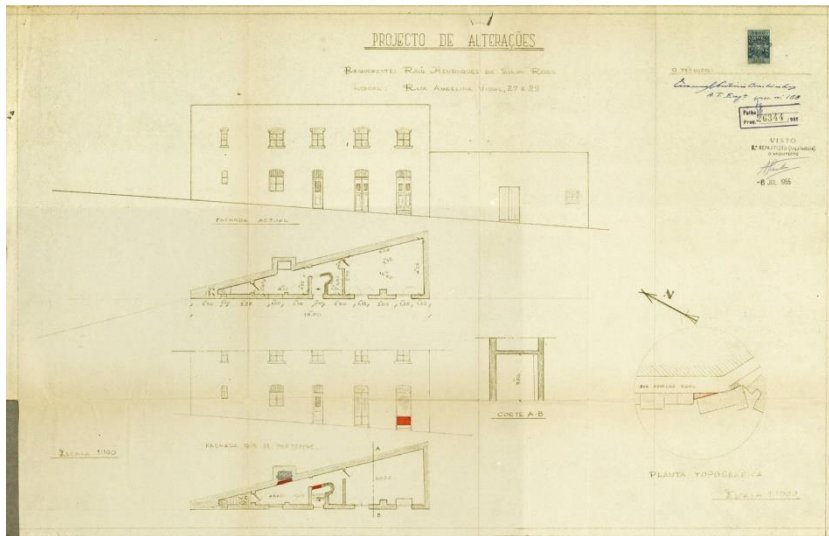
## Edificio nº 10-19





# Edifícios nº23-29





## ANEXO V | Levantamento Fotográfico da rua



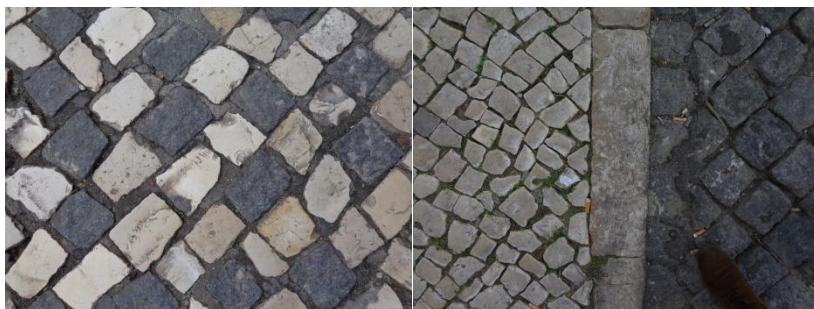








Pavimentos da rua e envolvente da *Própria autora*

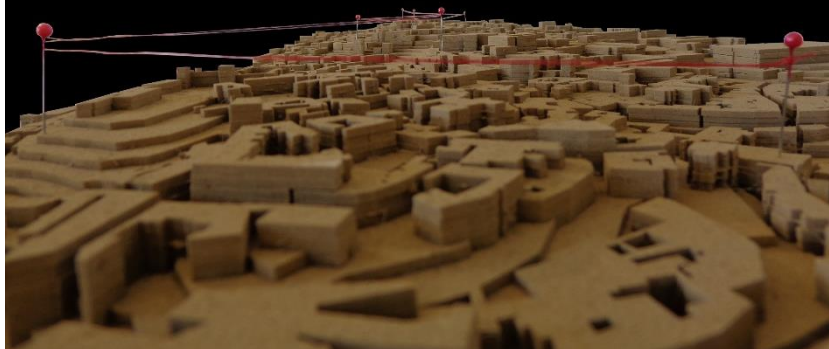


## ANEXO VI | Maquetes

**1. Maquete do enquadramento urbano da Graça** | Escala 1/2000  
Material: Base MDF pintada, e cartão prensado pintado.



**2. Maquete conceptual do percurso dos miradouros** | Escala 1/2000  
Material: Cartão prensado pintado, alfinetes e linha.





### 3. Maquete da proposta

arquitectónica | Escala 1/1000

Material: Cartão prensado pintado de branco mate.

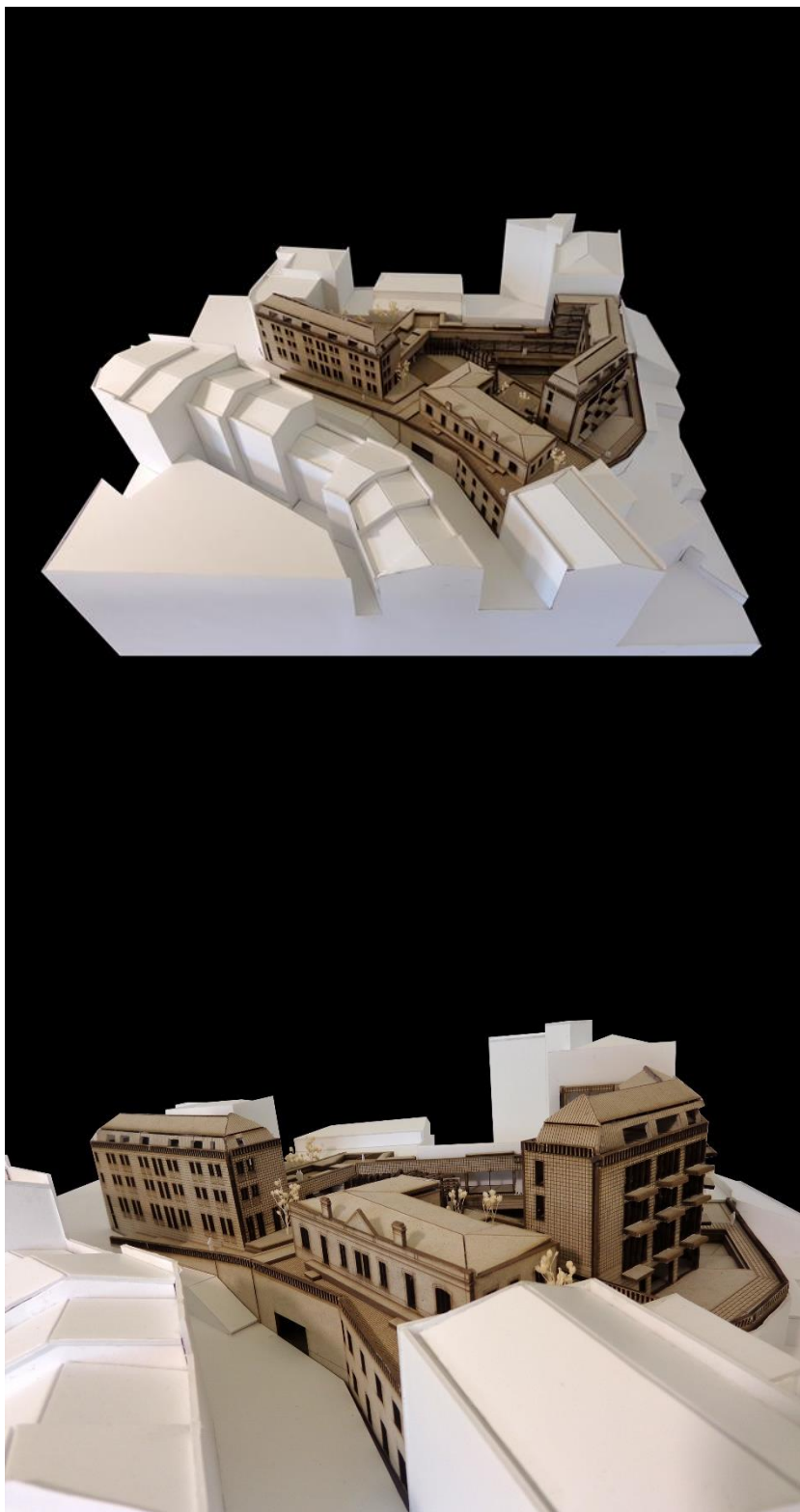
### 4. Maquete da proposta urbana |

Escala 1/1000 | Material: Cartão prensado pintado.

### 5. Maquete da proposta urbana |

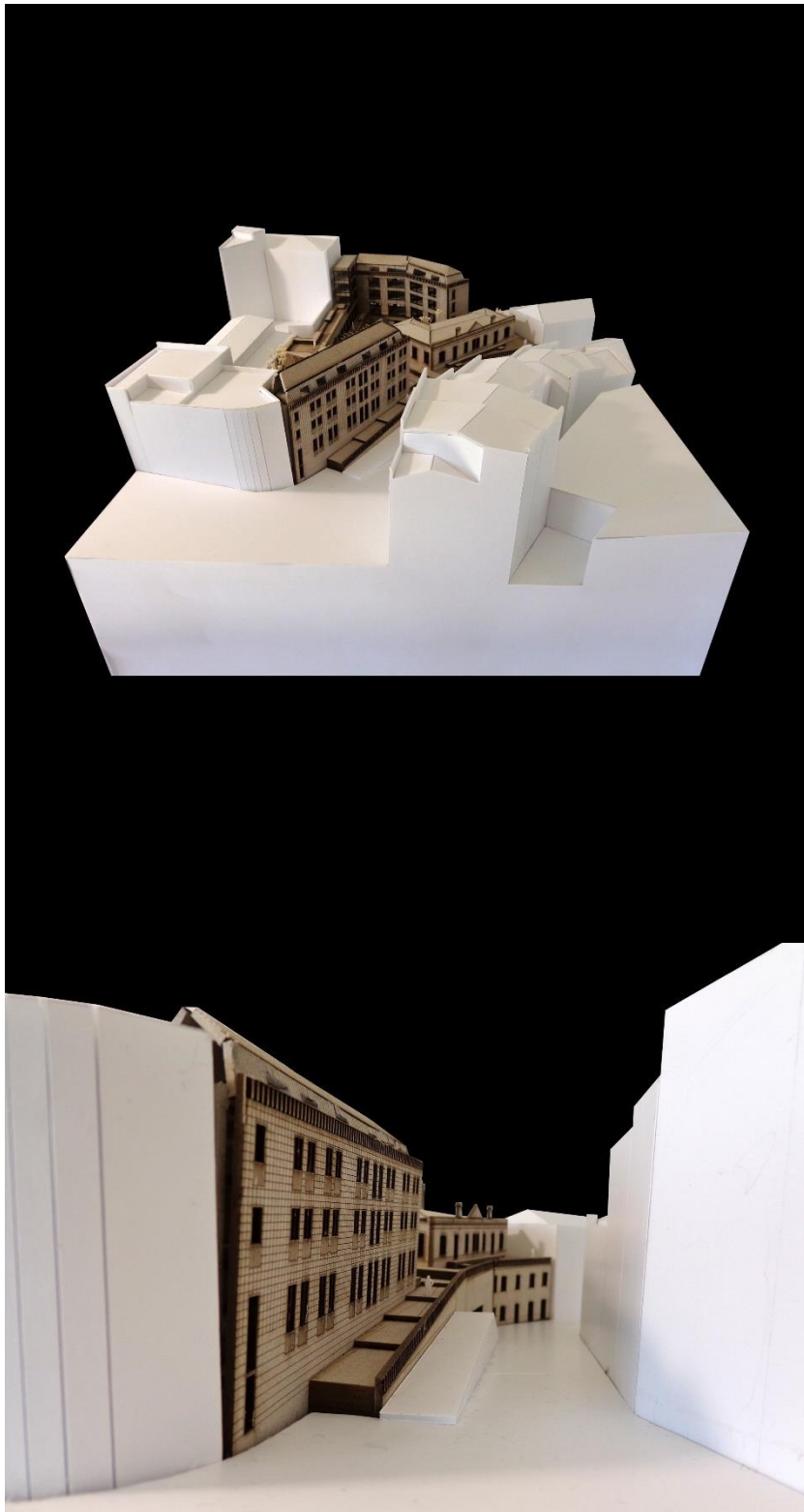
Escala 1/1000 | Material: Cartão prensado pintado.





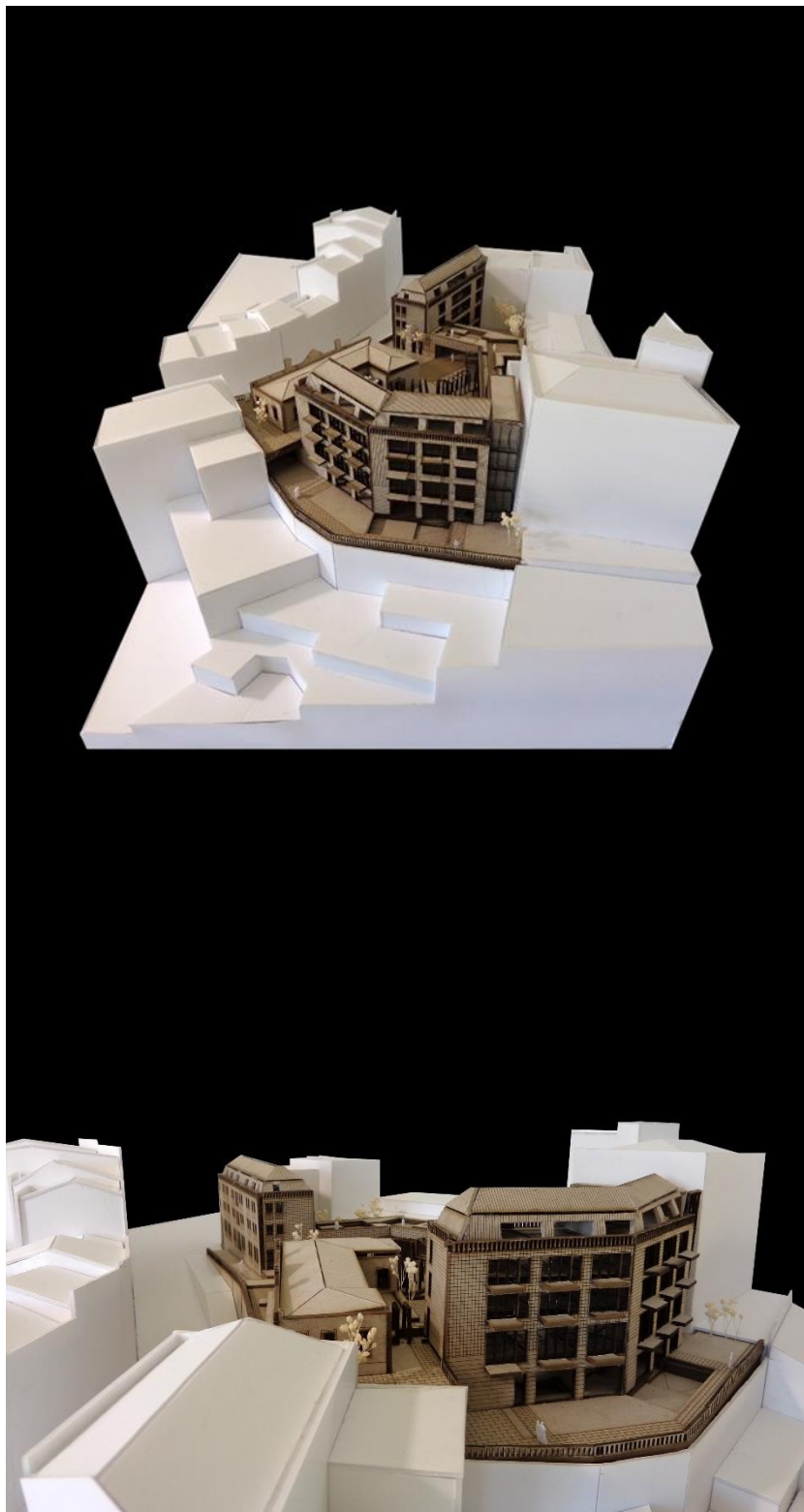
**6. Maquete da proposta  
arquitectónica** | Escala 1/200

Material: Kline branco e cartão  
prensado.



**7. Maquete da proposta**  
**arquitectónica** | Escala 1/200

Material: Kline branco e cartão  
prensado.



**8. Maquete da proposta**  
**arquitectónica** | Escala 1/200

Material: Kline branco e cartão  
prensado.



**9. Maquete da proposta**  
**arquitectónica** | Escala 1/200

Material: Kline branco e cartão  
prensado.

## **ANEXO VII | Painéis Síntese**

### **LISTA PAINEIS**

- 1. Contexto Urbano**
- 2. Enquadramento**
- 3. Escala Urbana - 1/500 - Planta de Cobertura**
- 4. Escala Urbana - 1/500 - Planta relação piso térreo/ ruas e piso 2/ rua**
- 5. Escala Urbana - 1/500 - Planta relação piso -1 estacionamento/ rua e piso 1/ rua**
- 6. Escala Urbana - 1/500 - Planta relação piso -2 estacionamento/ rua e piso térreo/ rua**
- 7. Escala 1/200 - Planta**
- 8. Escala 1/200 - Planta**
- 9. Escala 1/200 - Perfil**
- 10. Escala 1/200 - Planta**
- 11. Escala 1/200 - Planta**
- 12. Escala 1/200 - Perfil**
- 13. Escala 1/200 - Planta**
- 14. Escala 1/200 - Planta**
- 15. Escala 1/200 - Perfil**
- 16. Escala 1/200 - Alçado**
- 17. Escala 1/200 - Alçado**
- 18. Escala 1/50 - Peças Torre, Quartos e Restaurante**
- 19. Escala 1/20 - Peças Quartos e Alçado**
- 20. Maquete do Conjunto**

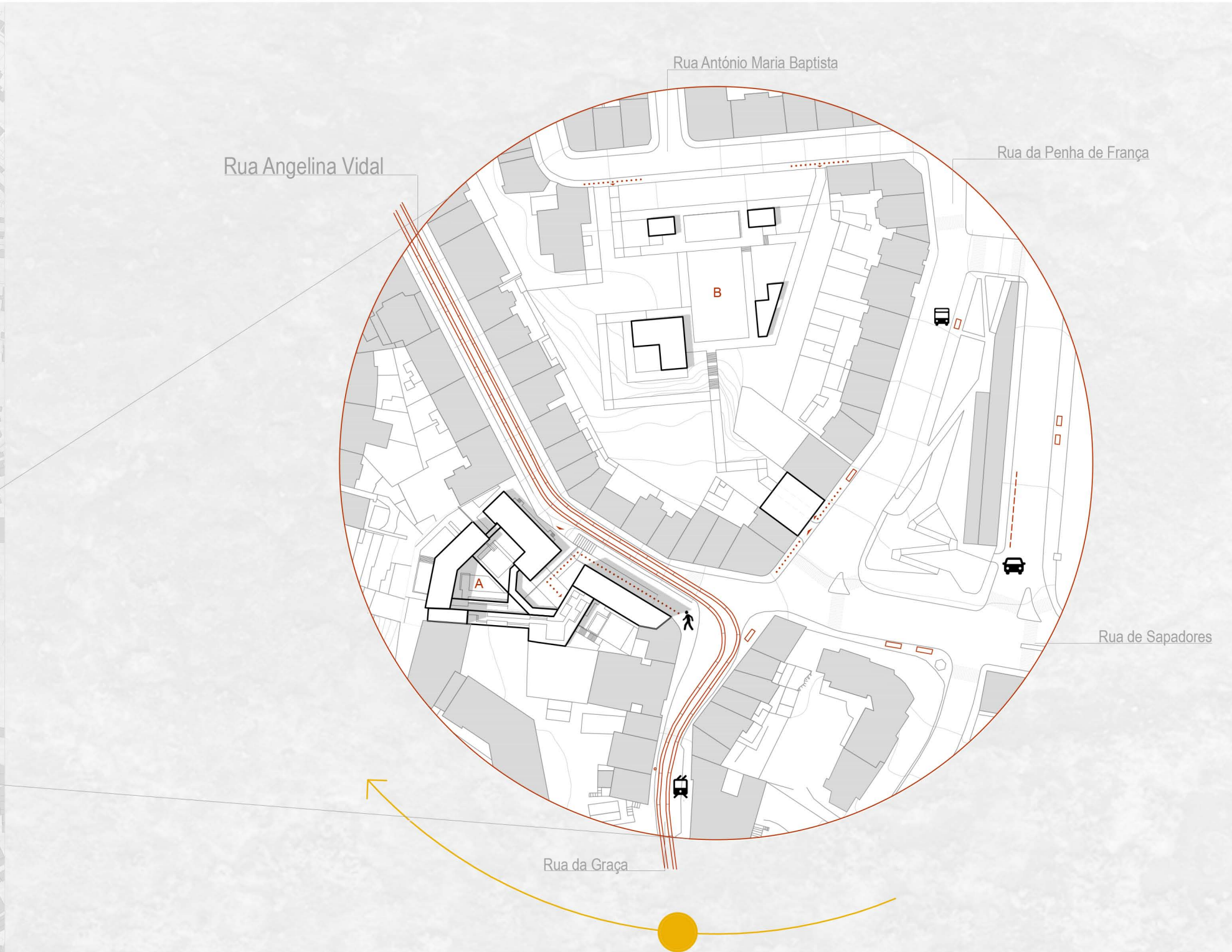
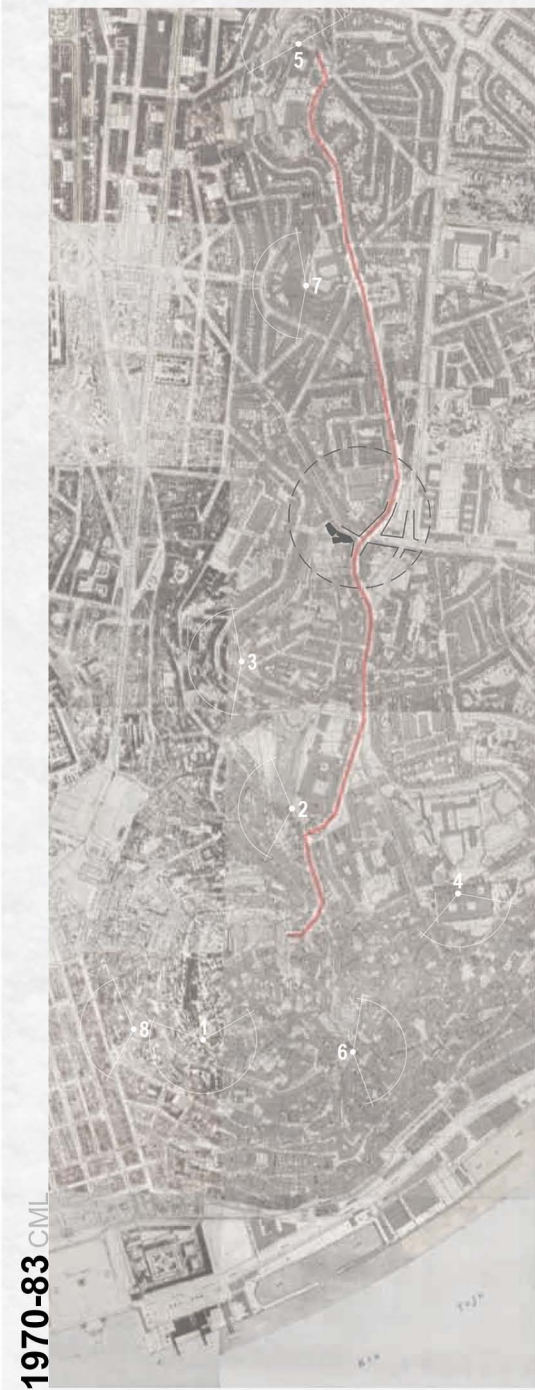






1. Castelo de São Jorge 2. Santa Luzia 3. Portas do Sol 4. Sophia de Mello Breyneir 5. Nossa Senhora do Monte 6. Monte Agudo 7. Penha de França 8. Mosteiro de São Vicente de Fora 9. Santo Estevão 10. Chão do Loureiro 11. Panteão Nacional 12. Arco da Rua Augusta 13. Largo da Academia das Belas Artes 14. Elevador de Santa Justa 15. Calçada do Duque 16. S. Pedro de Alcântara 17. Torel 18. Santa Catarina 19. Parque Eduardo VII 20. Terraço da Basílica da Estrela 21. Rocha do Conde de Óbidos 22. Largo das Necessidades 23. Parque da Seralina





## ÁREA DE INTERVENÇÃO

ESCALA 1:1500

A

### HOTEL

ÁREA: 2570 m<sup>2</sup>

ALTITUDE: 77,5 m

B

### JARDIM

ÁREA: 7098 m<sup>2</sup>

ALTITUDE: 90 m

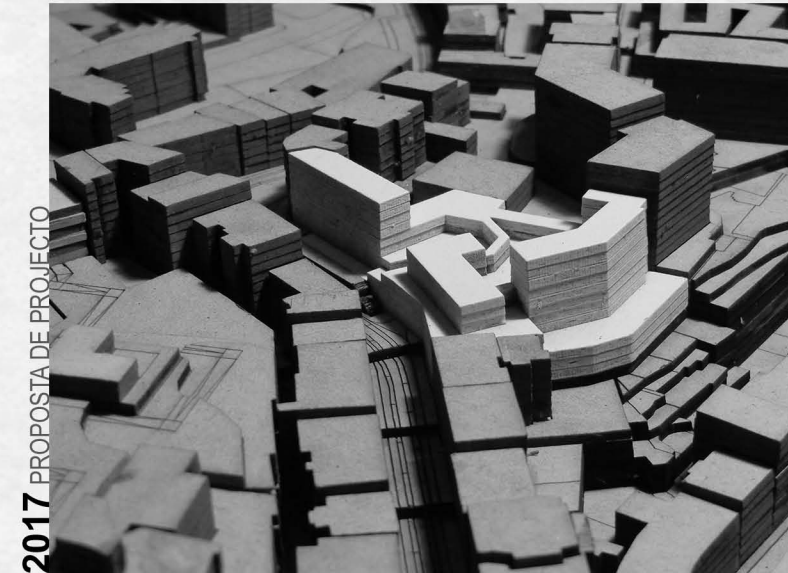
### ESTACIONAMENTO

250 LUGARES

### HABITAÇÃO

### ACESSIBILIDADES:

-   ACESSO PEDONAL
-   ACESSO AUTOMÓVEL
-   ELÉCTRICO 28
-   AUTOCARROS
-   TÁXI



1. Planta Urbana relação Castelo - Graça - Penha de França 2. Planta de Acessibilidades A. Vila Berta B. Vila Souza C. Palio Barbosa D. Bairro Estrela D'Ouro E. Vila Rodrigues 1. Miradouro da Penha de França 2. Miradouro do Monte Agudo 3. Miradouro de Nª Senhora do Monte 4. Miradouro de Sophia de Mello Breyner 5. Miradouro do Castelo de São Jorge 6. Miradouro de Santa Luzia





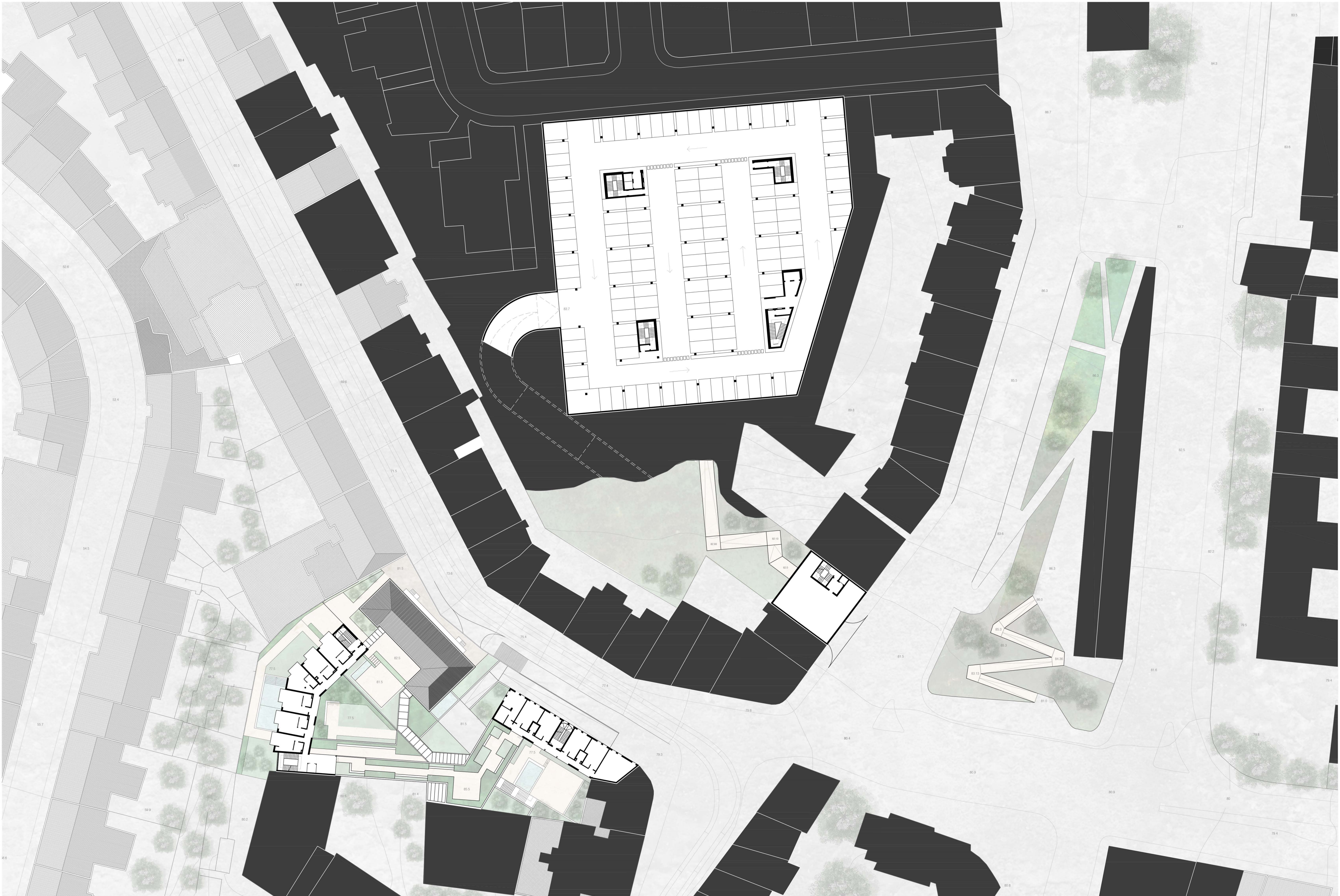
Planta relação urbana





Planta relação piso térreo/ ruas e relação piso 2/ rua





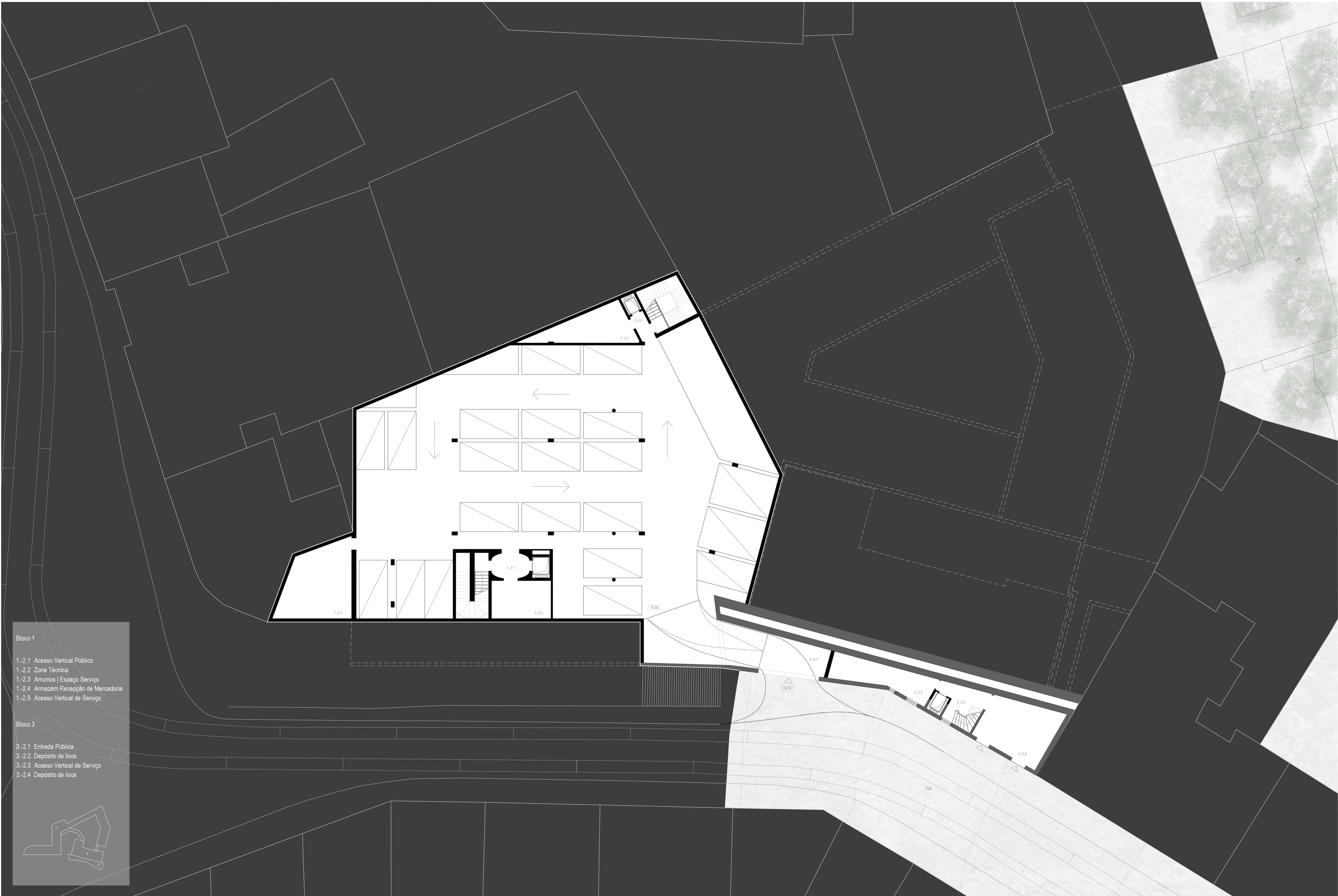
Planta relação piso -1 do estacionamento/ ruas e relação piso 1/ rua





Planta relação piso -2 do estacionamento/ rua e relação piso térreo/ rua



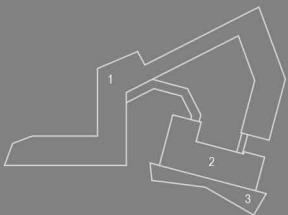


Bloco 1

1.-2.1 Acesso Vertical Público  
1.-2.2 Zona Técnica  
1.-2.3 Arrumos | Espaço Serviço  
1.-2.4 Armazém Recepção de Mercadoria  
1.-2.5 Acesso Vertical de Serviço

Bloco 3

3.-2.1 Entrada Pública  
3.-2.2 Depósito de lixos  
3.-2.3 Acesso Vertical de Serviço  
3.-2.4 Depósito de lixos



Planta Piso -2



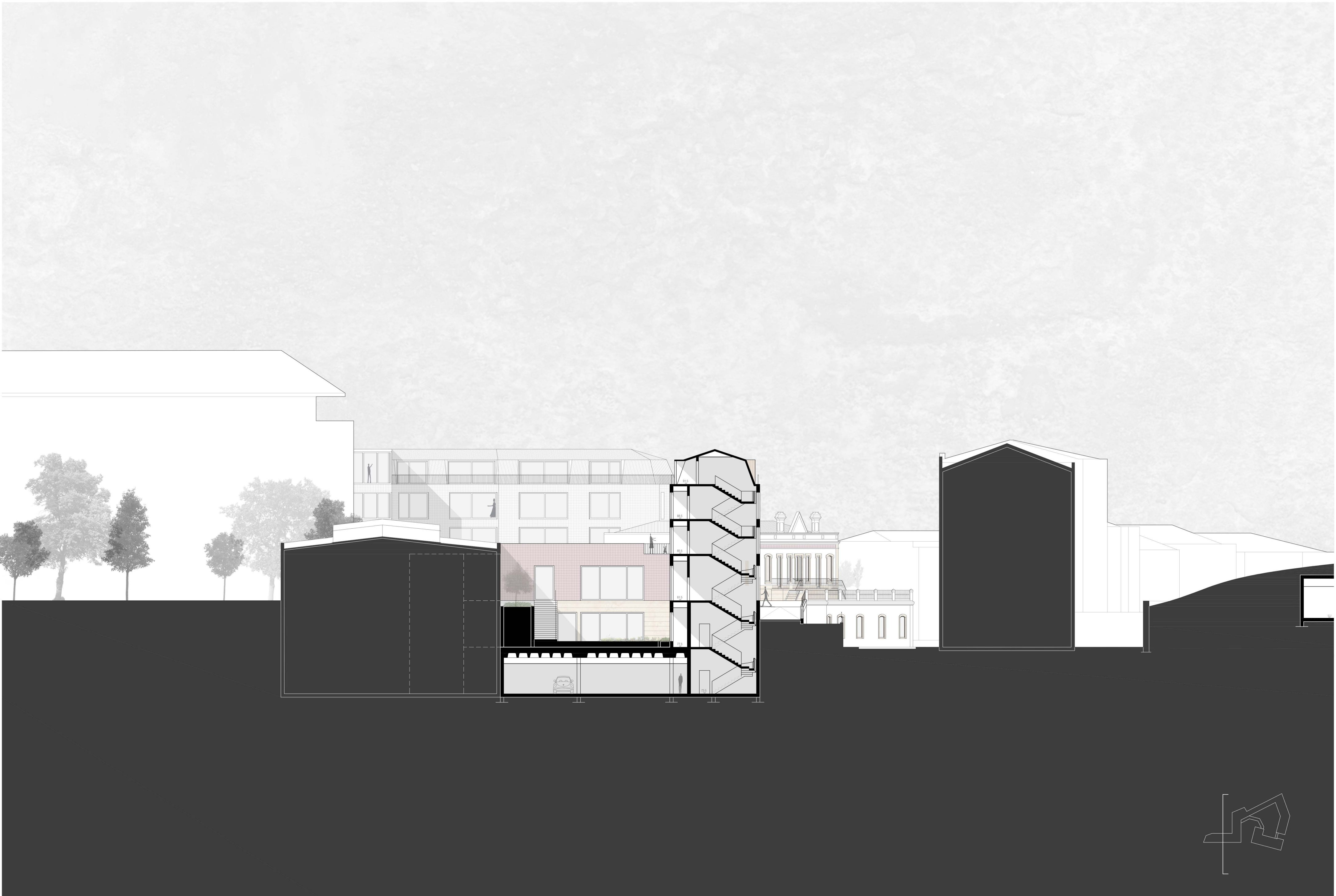




Planta Piso -1







Corte transversal







Bloco 3

- 1.0.1 Entrada Pública Principal
- 1.0.2 Recepção
- 1.0.3 Lounge
- 1.0.4 Acesso Vertical Público
- 1.0.5 Bar
- 1.0.6 Copa e despensa de apoio
- 1.0.7 Administração
- 1.0.8 Cofre
- 1.0.9 Espaço de circulação de serviço
- 1.0.10 Segurança e apoio à recepção
- 1.0.11 Bagagem de dia
- 1.0.12 Copa de Trabalhadores
- 1.0.13 Acesso de Serviço
- 1.0.14 Quarto de Apoio à Recepção
- 1.0.15 I.S. Pública - Feminina
- 1.0.16 I.S. Pública - Masculina
- 1.0.17 Acesso de Serviço
- 1.0.18 Lounge polivalente
- 1.0.19 Circulação Horizontal
- 1.0.20 Acesso Vertical Público
- 1.0.21 Circulação Horizontal
- 1.0.22 Quarto Duplo
- 1.0.23 Quarto Duplo
- 1.0.24 Quarto Duplo
- 1.0.25 Quarto Duplo
- 1.0.26 Quarto Duplo
- 1.0.27 Quarto Duplo
- 1.0.28 Acesso Vertical Público
- 1.0.29 Copa de Piso
- 1.0.30 Entrada Secundária
- 1.0.31 Acesso aos Espaços de Refeições
- 1.0.32 Acesso ao Restaurante

Bloco 2

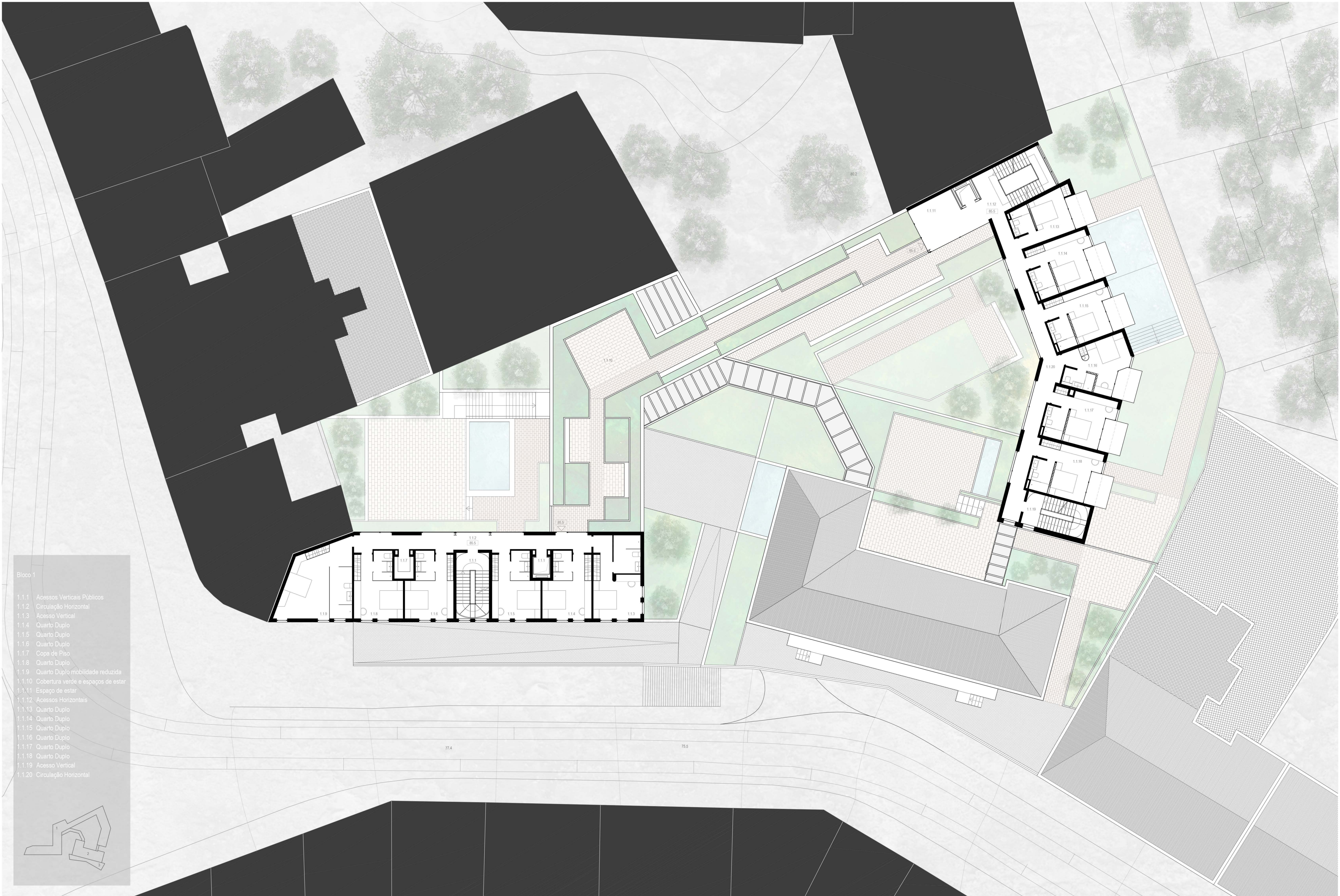
- 2.0.1 Entrada Principal Pública
- 2.0.2 Acessos de Serviço
- 2.0.3 Cozinha
- 2.0.4 Acesso à varanda e esplanada
- 2.0.5 Sala de refeições
- 2.0.6 I.S. Masculina
- 2.0.7 I.S. Feminina
- 2.0.8 Sala de refeições privada
- 2.0.9 Esplanada Exterior
- 2.0.10 Lounge Exterior

Bloco 3

- 3.0.1 Esplanada

Planta Piso Térreo





Bloco 1

- 1.1.1 Acessos Verticais Públicos
- 1.1.2 Circulação Horizontal
- 1.1.3 Acesso Vertical
- 1.1.4 Quarto Duplo
- 1.1.5 Quarto Duplo
- 1.1.6 Quarto Duplo
- 1.1.7 Copa de Piso
- 1.1.8 Quarto Duplo
- 1.1.9 Quarto Duplo mobilidade reduzida
- 1.1.10 Cobertura verde e espaços de estar
- 1.1.11 Espaço de estar
- 1.1.12 Acessos Horizontais
- 1.1.13 Quarto Duplo
- 1.1.14 Quarto Duplo
- 1.1.15 Quarto Duplo
- 1.1.16 Quarto Duplo
- 1.1.17 Quarto Duplo
- 1.1.18 Quarto Duplo
- 1.1.19 Acesso Vertical
- 1.1.20 Circulação Horizontal

Planta Piso 1



Faculdade de Arquitectura, U.L.

Projecto Final de Mestrado

Orientadora Científica: Arq. Bárbara Massapina Vaz

## REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE

Projecto de Requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal

Marina Charnock Barata

20111009

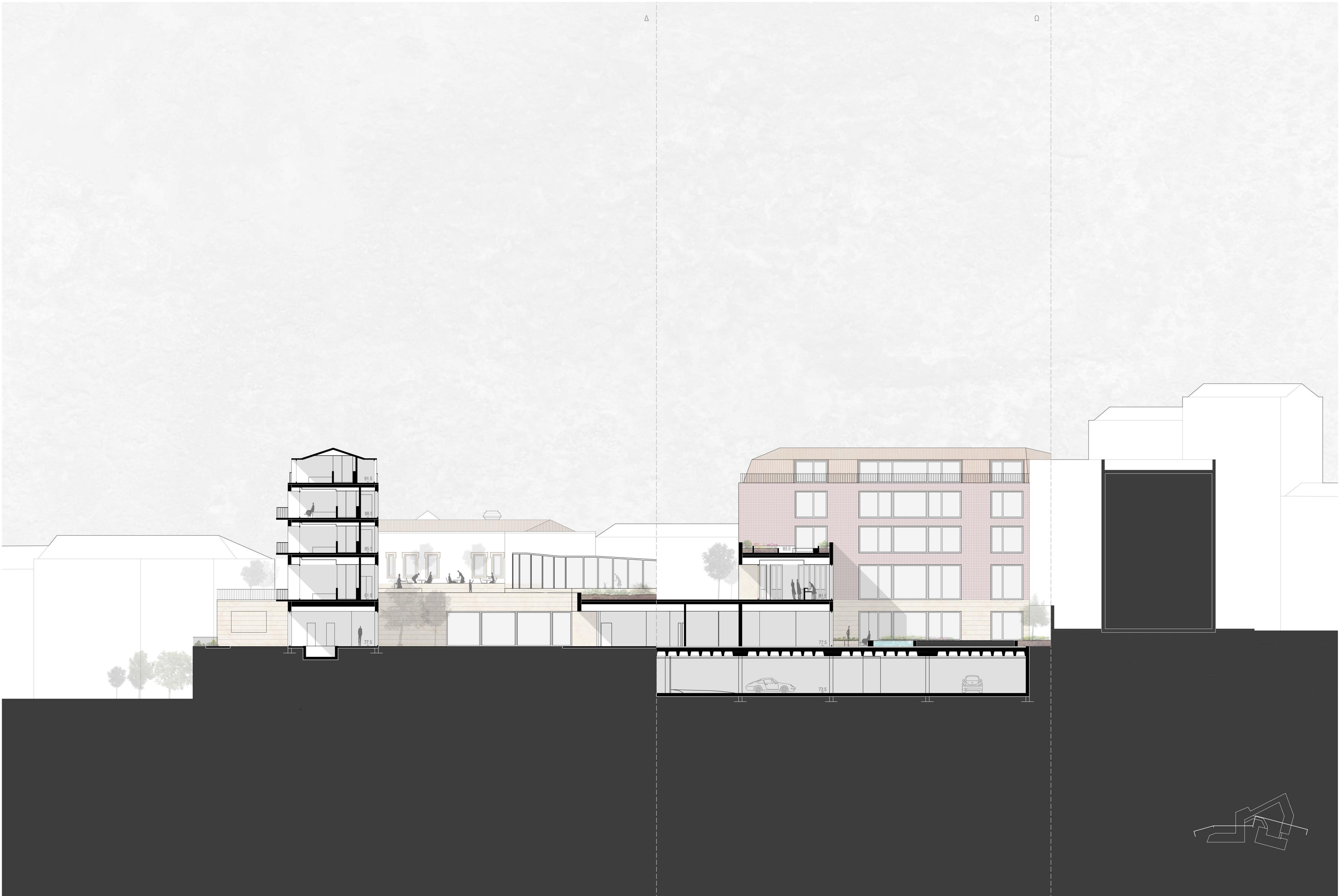
ESCALA 1:200

PROPOSTA ARQUITECTÓNICA



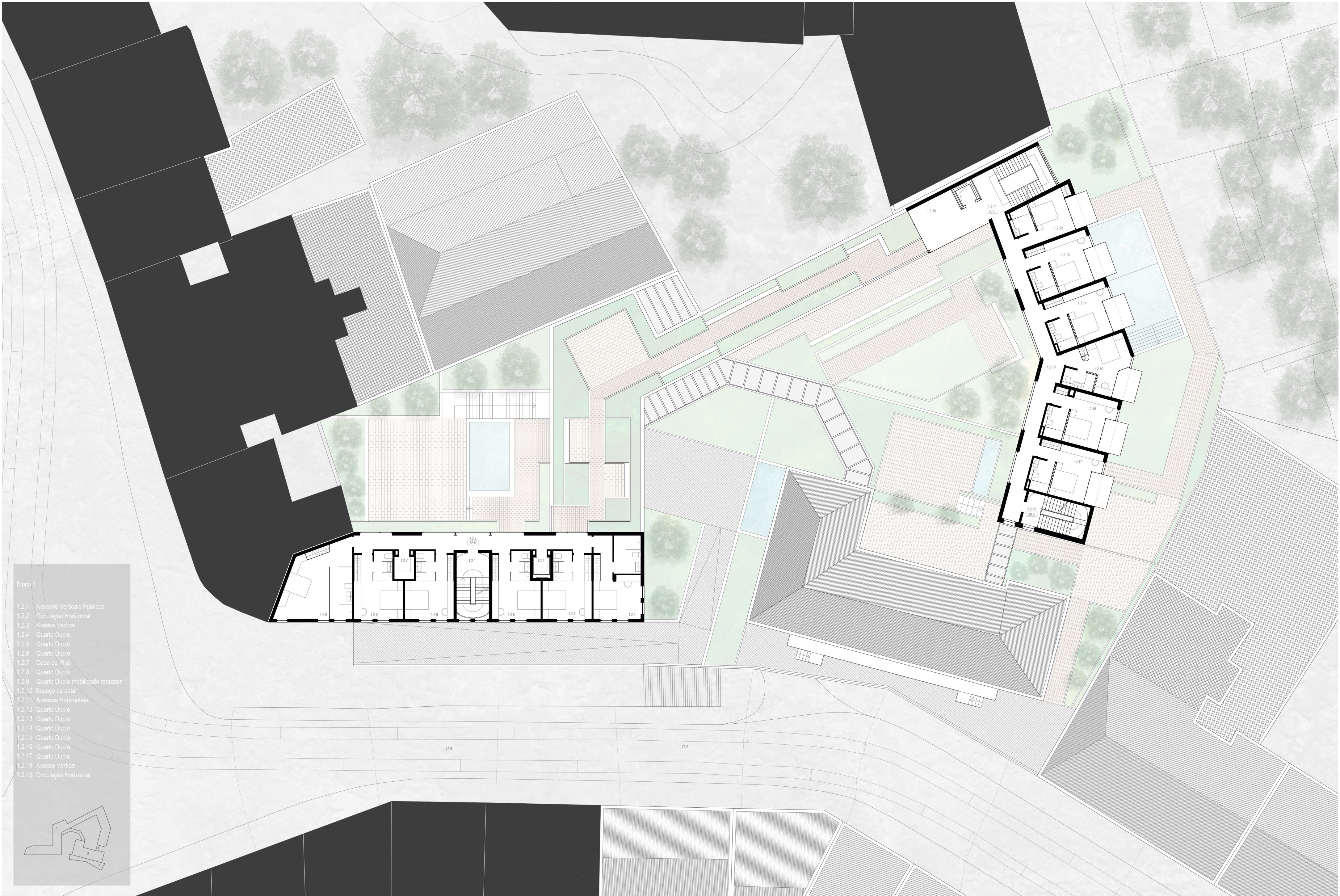
P11





Corte longitudinal





Bloco 1

- 1.2.1 Acessos Verticais Públicos
- 1.2.2 Circulação Horizontal
- 1.2.3 Acesso Vertical
- 1.2.4 Quarto Duplo
- 1.2.5 Quarto Duplo
- 1.2.6 Quarto Duplo
- 1.2.7 Copa de Piso
- 1.2.8 Quarto Duplo
- 1.2.9 Quarto Duplo mobilidade reduzida
- 1.2.10 Espaço de estar
- 1.2.11 Acessos Horizontais
- 1.2.12 Quarto Duplo
- 1.2.13 Quarto Duplo
- 1.2.14 Quarto Duplo
- 1.2.15 Quarto Duplo
- 1.2.16 Quarto Duplo
- 1.2.17 Quarto Duplo
- 1.2.18 Acesso Vertical
- 1.2.19 Circulação Horizontal

Planta Piso 2



Faculdade de Arquitectura, U.L.

Projecto Final de Mestrado

Orientadora Científica: Arq. Bárbara Massapina Vaz

## REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE

Projecto de Requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal

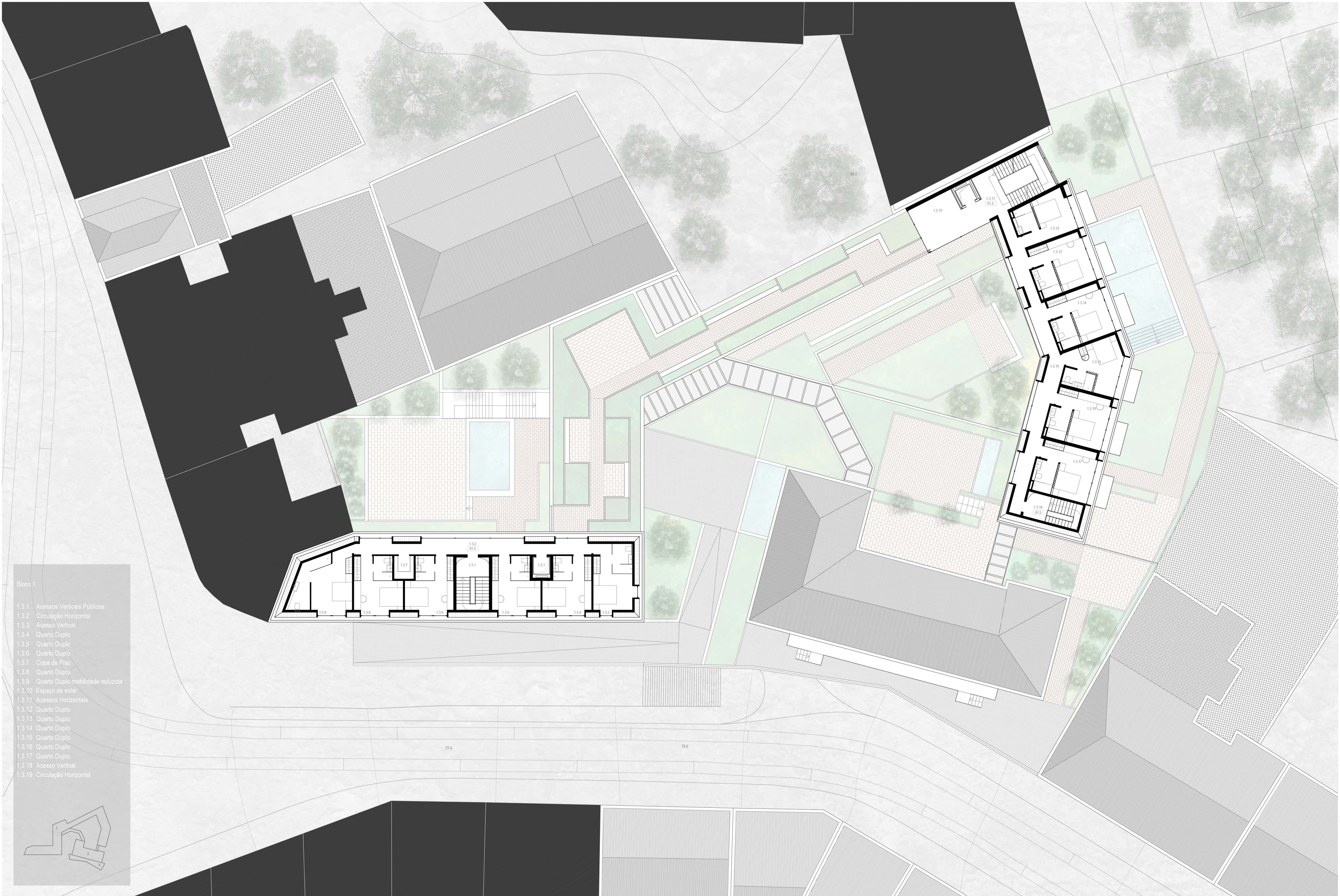
Marina Charnock Barata

20111009

ESCALA 1:200

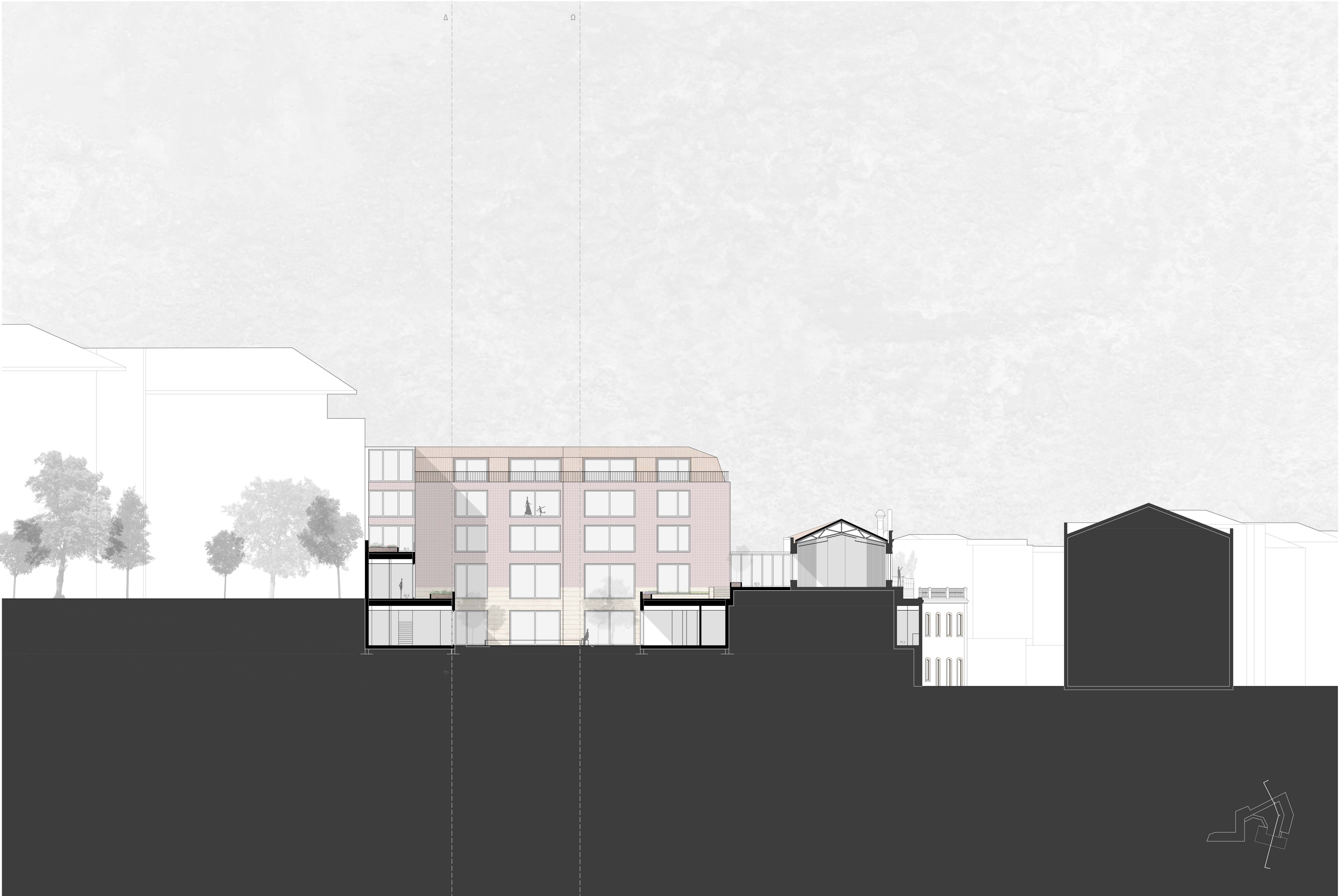
PROPOSTA ARQUITECTÓNICA





Planta Piso 3





Corte transversal



Faculdade de Arquitectura, U.L.

Projecto Final de Mestrado

Orientadora Científica: Arq. Bárbara Massapina Vaz

**REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE**  
Projecto de Requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal

Marina Charnock Barata

20111009

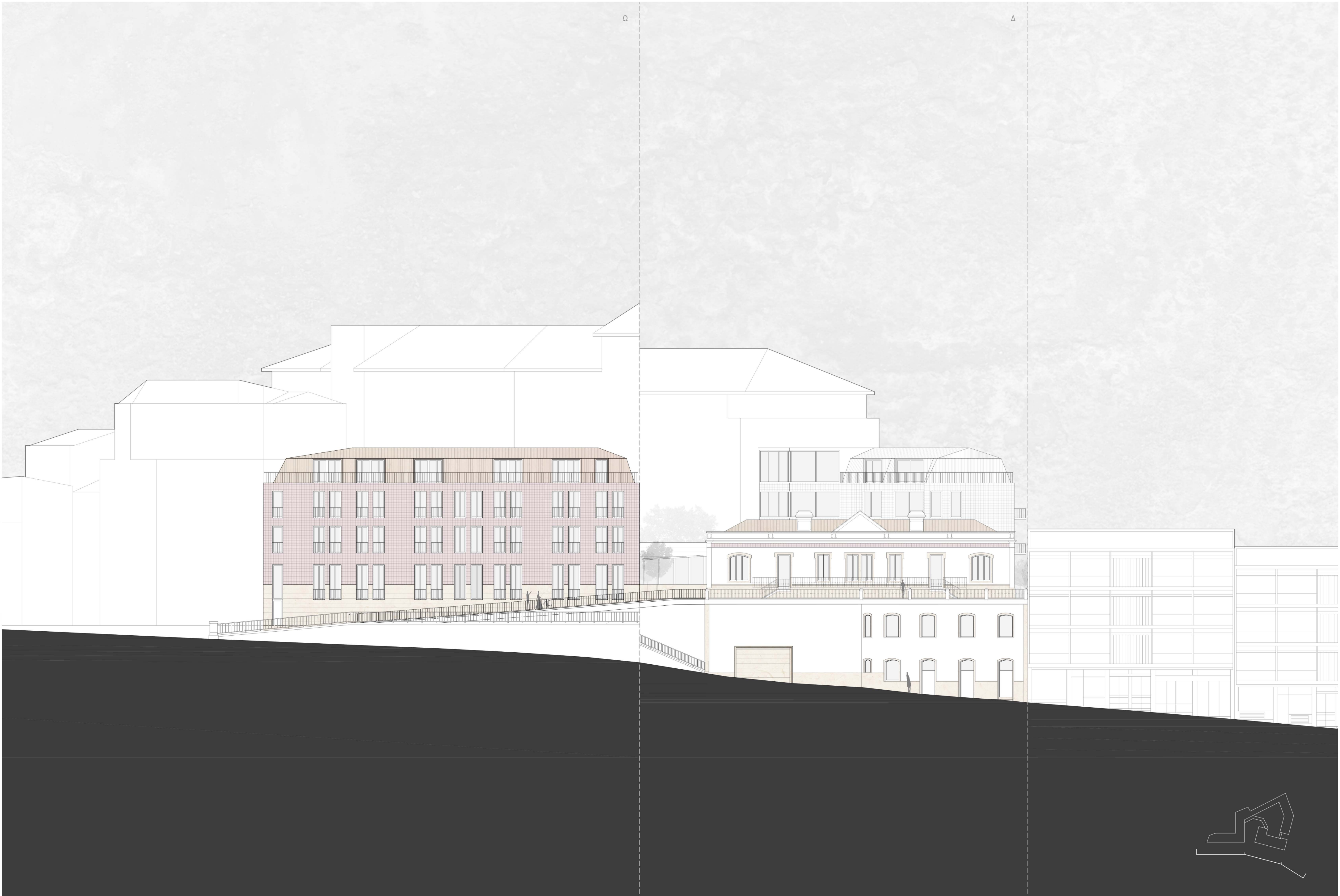
ESCALA 1:200

PROPOSTA ARQUITECTÓNICA



**P15**





Alçado AA'



Faculdade de Arquitectura, U.L.

Projecto Final de Mestrado

Orientadora Científica: Arq. Bárbara Massapina Vaz

## REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE

Projecto de Requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal

Marina Charnock Barata

20111009

ESCALA 1:200

PROPOSTA ARQUITECTÓNICA



P16





Corte BB'



Faculdade de Arquitectura, U.L.

Projecto Final de Mestrado

Orientadora Científica: Arq. Bárbara Massapina Vaz

# REQUALIFICAÇÃO ALIADA AO DETALHE

Projecto de Requalificação para um conjunto edificado na Rua Angelina Vidal

Marina Charnock Barata

20111009

ESCALA 1:200

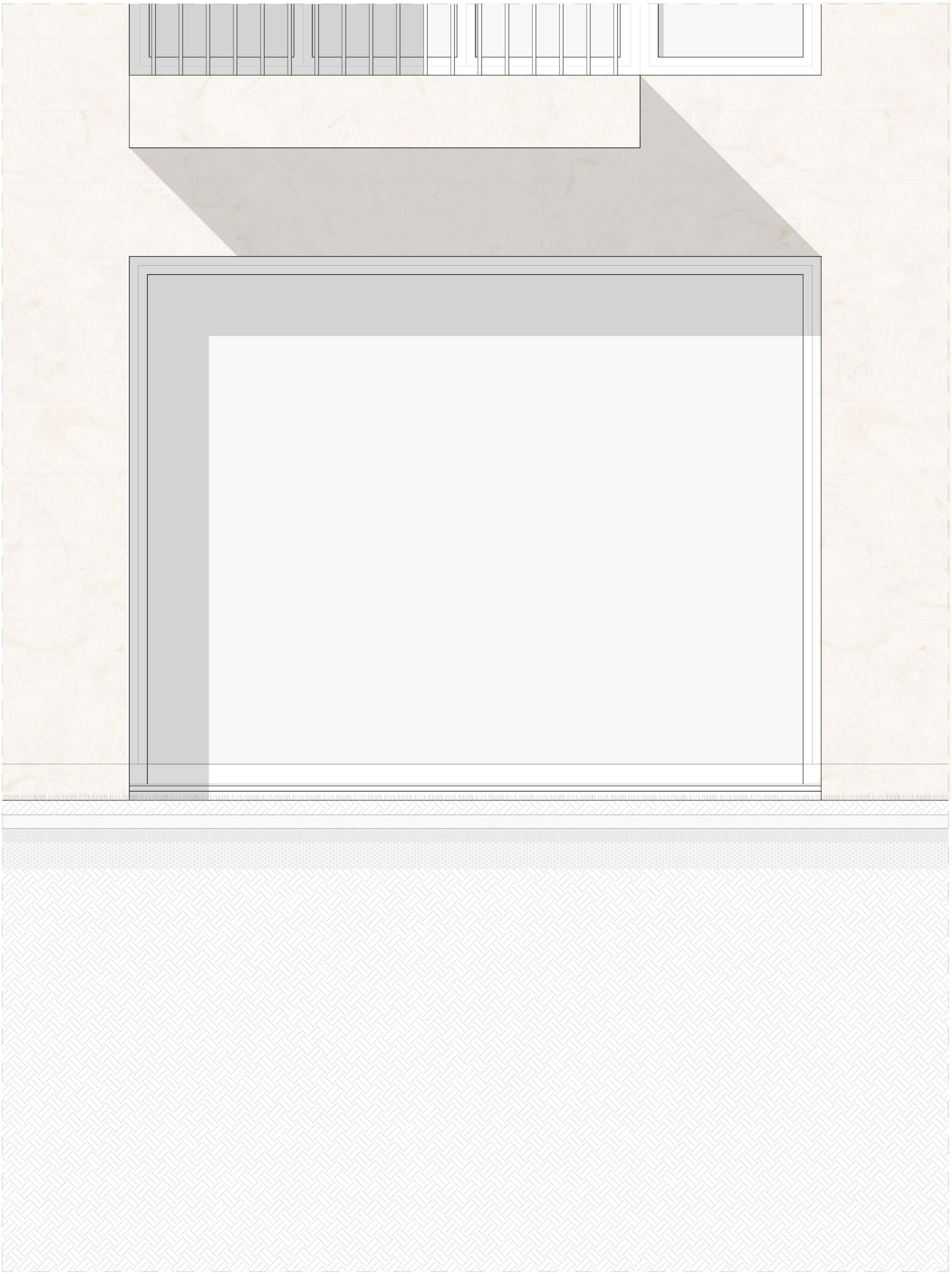
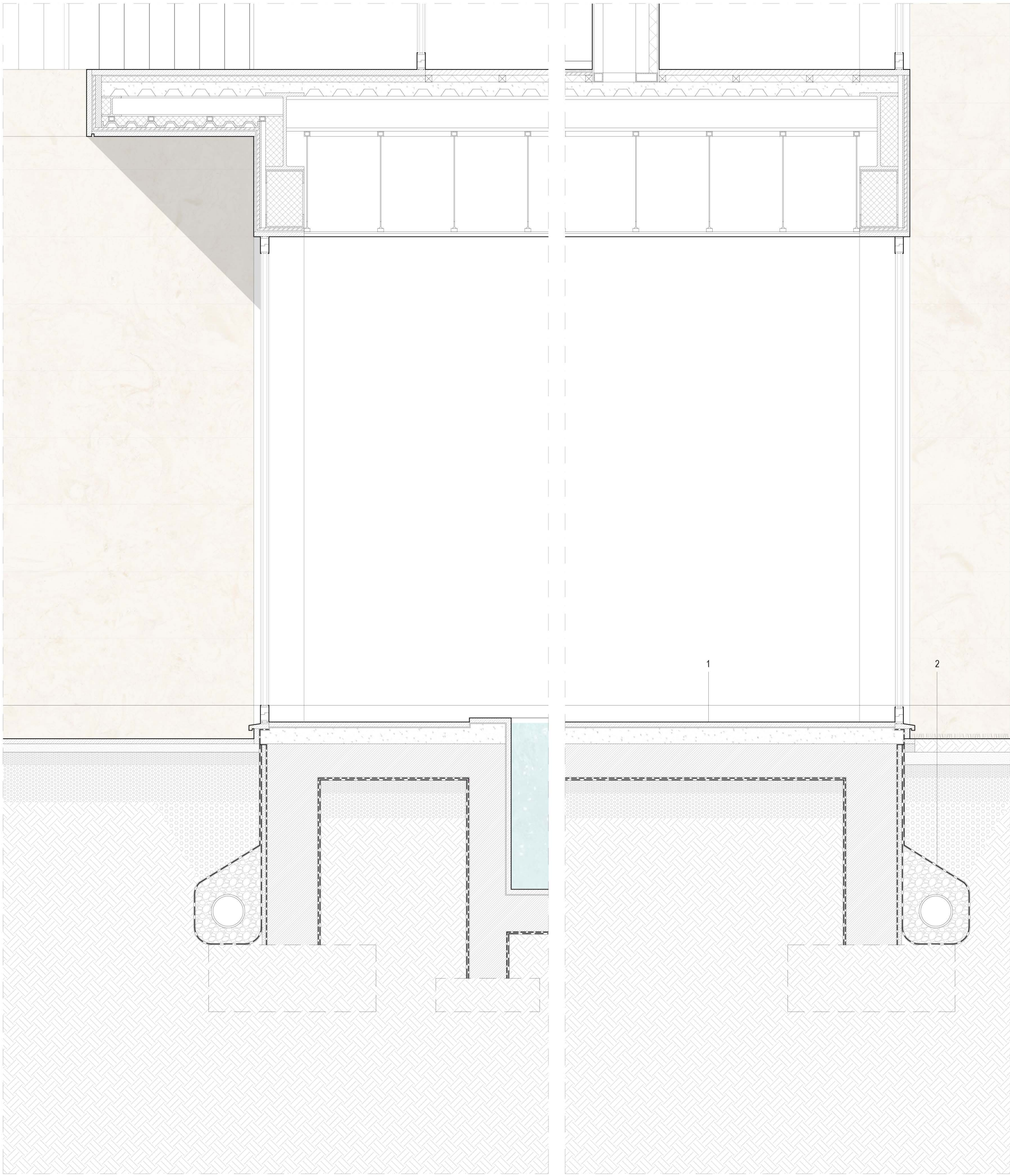
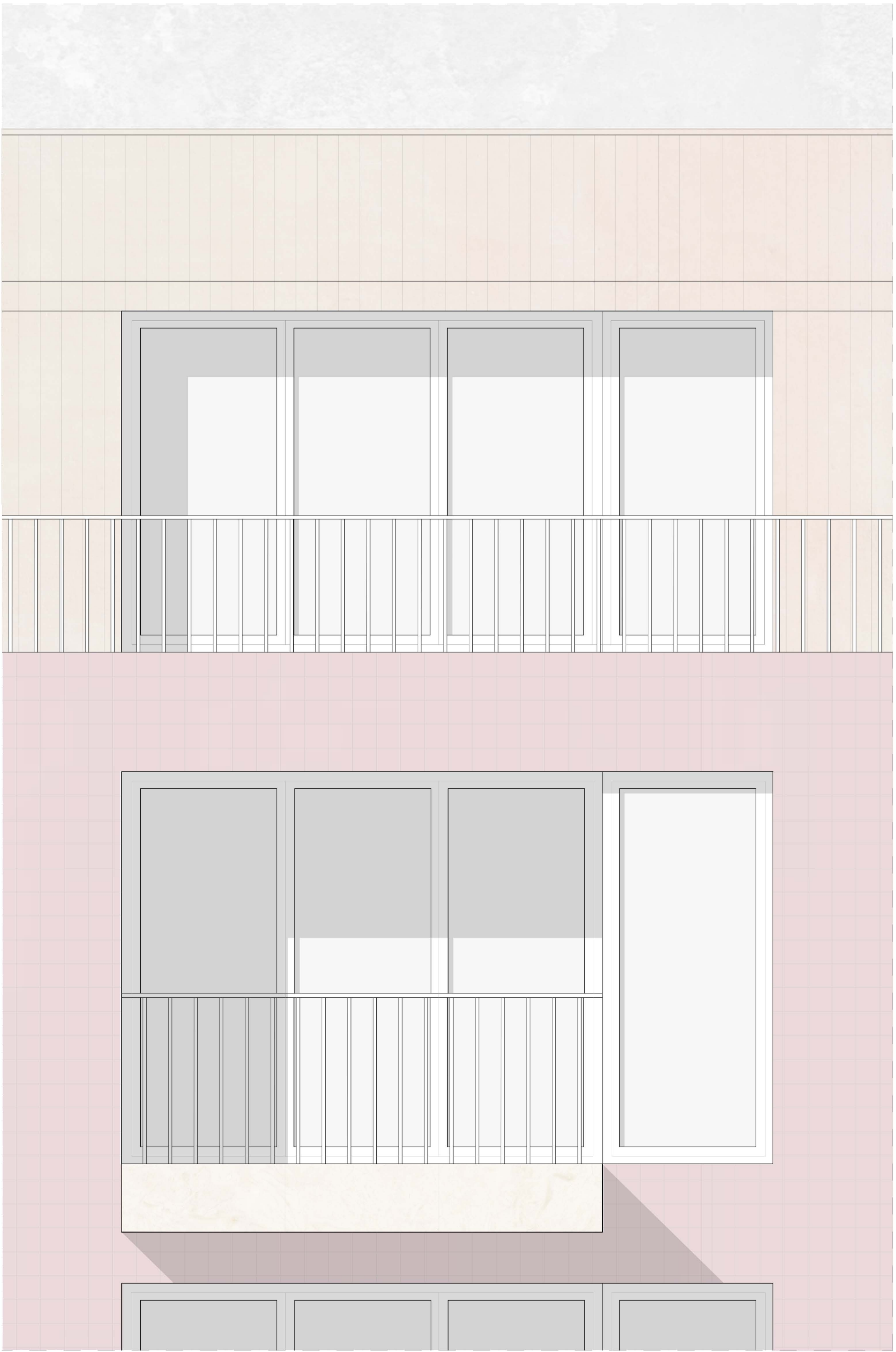
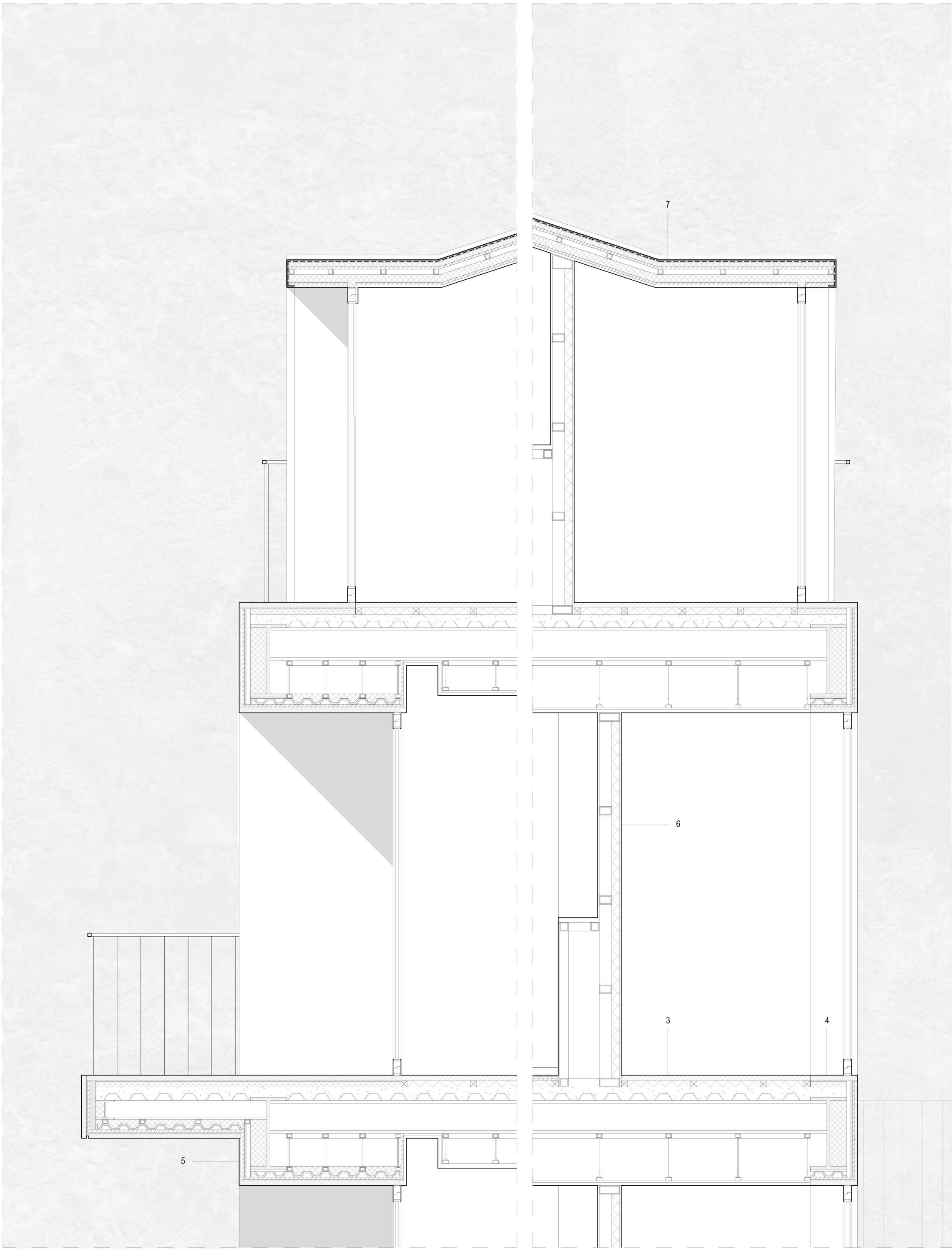
PROPOSTA ARQUITECTÓNICA











- 1 - Lajeado em pedra lioz amaciada; Argamassa de assentamento; Argamassa de regularizaço; Laje madiça em betão armado; Tela impermeabilizante; Manta geotêxtil; Brita de regularizaço; Enrocamento; Terreno compactado.
- 2 - Manta geomêxtil; Seixo rolado; Geodreno
- 3 - Soalho em madeira; Ripa de madeira; Isolamento acústico; Painél composto reforçado com malha de ferro; Viga metálica; Tecto suspenso em pladur.
- 4 - Soleira em pedra lioz amaciada; Argamassa de assentamento; Isolamento térmico; Painél composto reforçado com malha de ferro; Viga metálica; Painél sandwich; Painél cimentício; argamassa de assentamento; Painél de lioz amaciado.
- 5 - Azulejo grenacor 24 Vúva Lamago; Argamassa de assentamento; Painél cimentício; Painél sandwich; Isolamento térmico; Viga metálica.
- 6 - Painél de madeira; Isolamento acústico; Estrutura de perfis metálicos; Painél de pladur hidrólogo.
- 7 - Revestimento em zinco; Drenante; Isolamento térmico XPS; Painél de suporte OSB; Estrutura metálica; Painél de lâ de rocha; Painél de gesso cartonado; Painél de pladur.



